

História da Igreja Advenstista do Sétimo Dia. SALT-IAE

por
Alberto Timm

ÍNDICE

CAPÍTULO	PÁGINA
I. INTRODUÇÃO	1
Importância do Estudo da História da IASD	1
Pressuposições Importantes Para o Estudo	1
Identificando- se Com Nossa Herança Denominacional	3
II. O MUNDO RELIGIOSO DOS SÉCULOS XVIII E XIX	3
O Movimento Missionário Protestante	3
Despertamentos Religiosos	4
O Grande Movimento do Segundo Advento	5
III. O MOVIMENTO MILERITA NOS ESTADOS UNIDOS	9
Guilherme Miller	9
Principais Colaboradores	13
O Desenvolvimento do Movimento Milerita	16
Fixação de Datas	19
O “Clamor da Meia- Noite” e o “Movimento do Sétimo Mês”	20
O Grande Desapontamento	24
IV. O MILERISMO APÓS O GRANDE DESAPONTAMENTO	24
Fortes Crises Abalam a Estrutura do Milerismo	24
Tentativas para Preservar a Unidade do Movimento	25
A Convocação da Assembléia de Albany	26
A Doutrina da “Porta Fechada”	28
A Importância da Assembléia de Albany	29
A Divisão do Movimento Milerita	30
V. O MOVIMENTO ADVENTISTA SABATISTA	31
Nova Luz Sobre o Santuário	31
A Doutrina do Sábado	34
O Dom de Profecia	37
Os “Congressos Sabáticos”	40
Nova Luz a Respeito da “Porta Fechada”	43
VI. A OBRA DE PUBLICAÇÕES	44
A Visão de E. G. White em Dorchester	44
Os Primeiros Periódicos Adventistas do Sétimo Dia	45
Os Primeiros Livros Adventistas do Sétimo Dia	47
As Primeiras Editoras Adventistas do Sétimo Dia	48

VII. A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	50
Alguns Passos Significativos	50
A Escolha de um Nome	54
A Organização da Associação Geral	56
A Importância da Organização	57
VIII. A REFORMA PRÓ-SAÚDE	58
José Bates - O Pioneiro da Temperança	58
As Visões de Ellen G. White	59
O Sanatório de Battle Creek	60
IX. A OBRA EDUCACIONAL	62
A Educação Adventista nos Seus Primórdios	63
O Estabelecimento da Obra Educacional	64
X. O DESENVOLVIMENTO DAS MISSÕES ADVENTISTAS	66
Miguel Belina Czechowski	66
Ana More	68
John Nevis Andrews	69
Outros Missionários	70
O Desenvolvimento da Idéia de Missão na IASD	73
Conclusão	74
XI. AS CRISES DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	75
A Crise de Mineápolis (1888) - Justificação Pela Fé	75
A Assembléia Geral de 1901 - Reorganização	81
A Crise do Dr. Kellogg (1901 - 1907) - Panteísmo	85
APÊNDICES	91
A. Mapa dos EUA Indicando os Lugares Significativos Nos Primórdios da IASD	91
B. Primeira Página do Primeiro Número do “Present Truth”	92

I. Identificando-se Com Nossa Herança Denominacional

1. Qual é o objetivo de estudarmos a história da IASD ?

- a) “Os registros da história Sacra são escritos, não meramente para que possamos ler e nos maravilhar, mas para a mesma fé que operou nos servos de Deus no passado possa operar em nós. De maneira não menos marcada o Senhor operará agora, onde quer que haja corações de fé para serem canais de Seu poder”. (Profetas e Reis, p. 175)

2. DISCUTIR EM CLASSE :

- a) Quais as maneiras pelas quais poderíamos cumprir em nossa vida esse objetivo ?
- b) De que maneira poderíamos fazer com que o estudo da história da IASD nos ajude a cumprir esse objetivo?
- c) Que propósitos poderíamos tomar hoje a esse respeito?

II. O MUNDO RELIGIOSO DOS SÉCULOS XVIII E XIX

A. O Movimento Missionário Protestante

1. William Carey (1761 –1834)

- a) Nasceu na Inglaterra, sendo considerado “o pai das missões modernas.”
- b) Lendo as crônicas das viagens do Capitão Cook, inflamou-se com a necessidade do mundo. Colocou um imenso mapa-mundi na sua sapataria, e falava a respeito das necessidades que o mundo tem do evangelho a cada um que estivesse disposto a ouvir.
- c) Tornou-se pregador e pastor ordenado da Igreja Batista. Tendo algumas noções rudimentares de latim, hebraico, grego e francês, fixou para si um ardoroso programa de estudos.
- d) O dia “31 de maio de 1792 é a data que sempre será reconhecida como o nascimento da nova era mundial das missões, porque neste dia Carey pregou o seu famoso sermão baseado em Isaías 54:2 e 3, com as grandes recomendações missionárias: ‘Esperai grandes coisas de Deus’ e ‘Empreendei grandes coisas para Deus’.” (Robert Hall Glover, El Progreso de las Misiones Cristianas, pp. 131 e 132)
- e) E no dia 13 de junho de 1793 Carey partiu como missionário para a Índia, o que o início das missões modernas.

- f) “A obra monumental de Carey foi a de tradutor e autor. Sozinho ou sob sua supervisão, foram feitas tradução das Escrituras, totalmente ou em parte, em não menos de 35 idiomas.” (Idem, p. 133)
- g) Carey trabalhou por 30 anos ensinando, traduzindo e preparando publicações para o povo da Índia.

2. Outros missionários

- a) Robert Morrison (1782 – 1834) , era fabricante de formas de sapato, e foi como missionário para a China em 1807.
- b) Adoniram Judson (1788 – 1850), partiu em 1812 para Calcutá, sendo missionário na Índia e na Birmânia.
- c) Robert Moffat (1795 – 1883), foi como missionário para a África do Sul.
- d) John Williams (179 – 1839), partiu como missionário para as Ilhas do Pacífico em 1817.
- e) David Livingston , (1813 – 1873), inspirado por Moffat, seu sogro, também foi para a África.
- f) John G. Paton (1824 – 1907) , foi como missionário para as Novas Hébridas.
- g) Hudson Taylor

3. O Desenvolvimento das Sociedades Missionárias e das Sociedades Bíblicas

- a) A Inglaterra viu surgir um grande número de sociedades missionárias, tais como:
 - “ Sociedade Missionária Metodista” (1786)
 - “ Sociedade Missionária Batista” (1792)
 - “ Sociedade Missionária de Londres” (1795)
 - “ Sociedade Missionária da Igreja” (1799)
 - “ Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira” (1804)
 - “ Sociedade de Londres para a Promoção do Cristianismo Entre os Judeus” (1809).
- b) “Nesse meio tempo organizações semelhantes surgiram na América, Alemanha, França, Escandinávia e Holanda.” (F. L. Cross, ed., The Oxford dictionary of the Christian Church, pp. 923 e 924)
- c) De 1804 a 1840 surgiram, na Europa, América e Ásia, 63 Sociedades Bíblicas. “A Bíblia, no Seu todo ou em partes foi traduzida para 112 línguas e dialetos 1800 e 1844. Isto representa mais traduções do que

havam sido feitas nos dezoito séculos precedentes.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 17)

- d) Não é sem razão de o Século XIX passou a ser conhecido como “o grande século das missões.”

B. Despertamentos Religiosos

1. Diversidade Religiosa

- a) O Protestantismo experimentou um reavivamento especialmente na Grã Bretanha e Estados Unidos.
- b) A obra dos irmãos Wesley frutificou no rápido crescimento do Metodismo.
- c) Surgiram novas seitas, proclamando o seu retorno ao cristianismo primitivo fundamentado na Bíblia.
- d) Surgiram os “Shakers”, um movimento criado por Ann Lee Stanley, os quais se envolviam com comunicações espiritualistas. Seu período de maior crescimento foi de 1837 a 1844.
- e) Charles Grandison Finney (1792 – 1875) levava a efeito seus famosos reavivamentos nos Estados Unidos, sendo conhecido como o “Apóstolo dos Avivamentos.”

2. Os Mórmons

- a) A “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” foi fundada por Joseph Smith Jr. (1805 – 1844) em 1830
- b) Aos 14 anos de idade Smith alegava ter recebido suas primeiras visões nas quais havia sido instruído de que nenhuma das denominações religiosas existentes era correta em sua teologia e práticas.
- c) Em 1830 Smith produziu o “Livro de Mórmon” uma pretensa tradução das placas de ouro por ordem do anjo Maroni.
- d) Entre as doutrinas por eles mantidas está a do batismo por imersão, o dízimo e a temperança. Eles alegam que uma revelação divina autorizou a observância do primeiro dia da semana, em lugar do sétimo, com o Sábado.
- e) Surgiram desavenças entre os membros devido à questão da poligamia. Smith e seu irmão foram presos, sendo mortos no dia 27 de junho de 1844 por uma multidão furiosa que invadiu a prisão de Carthage, Illinois.

3. O Espiritismo

- a) Os ensinamentos filosóficos de Emanuel Swedenborg prepararam o caminho para o surgimento do espiritismo.
- b) Em 1844 Andrew Jackson Davis teve um transe no qual ele cria ter-se relacionado e recebido mensagens do antigo médico grego Galego e de Swedenborg.
- c) Em março de 1848 começaram a surgir as famosas “pancadas” misteriosas na casa da família John D. Fox, na vila de Hydesville, Nova Iorque. (Ver: Vida e Ensinos, pp. 167 – 169).
- d) “O número de médiuns cresceu. Um estudioso identificou que em 1859 haviam 71 em Nova Iorque, 55 em Massachusetts e 27 em Ohio. Nesse mesmo tempo cerca de 350.000 novaiorquinos eram estimados como crentes na comunicação com os mortos.” (Schwarz, Op. Cit., p. 17)

C. O Grande Movimento do Segundo Advento

1. A Interpretação Profética Durante a Era Cristã

- a) LeRoy Edwin Froom salienta três épocas predominantes em ênfase profética durante a era cristã: (1) Os três primeiros séculos de nossa era, na qual vários dos grandes fatores determinantes na exposição das profecias escatológicas foram distorcidos pela introdução de elementos extra-bíblicos e não cristãos durante a “apostasia” da igreja; (2) o período inicia com a pré-Reforma, alcançando o seu clímax na Reforma Protestante, e prosseguindo por algum tempo, mantendo a predominância do ponto de vista historicista no cumprimento das profecias; e (3) o período introduzido pelo século XIX, no qual surgiu uma convicção amplamente dominante de que a humanidade entrara no período conhecido como “o tempo do fim”, que ajudou na grande ênfase sobre a eminência do segundo advento. (The Profetic Faith of Our Fathers, v. 4, pp. 382 - 390)
- b) Joaquim de Fiore (1130 – 1202) completou a restauração do conceito historicista de profecia, e aplicou o princípio “dia-ano” aos 1.260 dias; sendo que os seus seguidores o aplicaram aos 1.290, 1.335, e até mesmo aos 2.300 dias proféticos. (Idem, p. 385)
- c) A Contra-Reforma Católica lançou seu sistema de contra interpretação, que atingiu o coração do recém-reavivado princípio de interpretação profética protestante. Assim, por volta de 1600 AD dois esquemas jesuítas conflitantes foram lançados: (1) O Preterismo, colocando o cumprimento da maioria das profecias nos primeiros séculos da era cristã; e (2) o Futurismo, projetando para o futuro distante com o Anticristo como um

- ditador judeu maligno e ateu, a ser estabelecido em Jerusalém por 3 anos e meio literais no fim dos tempos. (Idem, p. 387)
- d) Por volta do ano de 1700 AD, o protestante Daniel Whitby (1638 – 1726) introduziu o seu “pós-milenismo” no seio do protestantismo, que penetrou no protestantismo americano através de Jonathan Edwards (1703 – 1791). A doutrina de Witby também é conhecida como “whitbeismo”.
 - e) Assim, no século XIX o “pré-milenismo” ressurgiu, através do grande movimento do segundo advento, como uma reação ao “pós-milenismo” de Witby.

2. Ressurge Gradativamente o Interesse no Estudo das Profecias

- a) Entre os precursores no estudo das profecias, aparece o erudito inglês Joseph Mede (1586 – 1638), professor do “Christ’s College” de Cambridge, que deu importantes contribuições para o estudo do livro do Apocalipse. Sua obra clássica sobre o assunto foi “Clavis Apocalyptica” (Chave do Apocalipse).
- b) Outra obra profética que teve uma considerável circulação no século XVII foi escrita por Campegius Vitringa (c. 1659 – 1722), professor da Universidade de Franeker, na Holanda, intitulada “Anakrisis Apocalypsios Joannis Apostoli” (Uma Exposição do Apocalipse do Apóstolo João).
- c) Johann Wilhelm Petersen, teólogo alemão, em 1692 publicou sua obra intitulada “Die wahrheit des herrlichen Reiches Jesu Christi, Welches in der siebenten Posaunen noch zu erwarten ist” (A Verdade do Glorioso Reino de Jesus Cristo, o qual deve ser aguardado ao soar da Sétima Trombeta).
- d) Johann Albrecht Bengel (1687 – 1752), teólogo alemão luterano, herudito em NT, dedicou-se ao estudo do Apocalipse. Após sua “Exposição do Apocalipse de S. João”, ele publicou “Sessenta Discursos Práticos Sobre o Apocalipse”, que eram um desenvolvimento de leituras para as reuniões de oração aos domingos à noite.
- e) Sir Isaac Newton (1642 – 1727), matemático e filósofo natural, dedicou boa parte de seu tempo, durante a última parte de sua vida ao estudo sistemático dos livros de Daniel e Apocalipse. Em 1733, foi publicada sua obra póstuma intitulada “Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John” (publicada em português sob o título “As Profecias de Daniel e Apocalipse”).

- f) Uma obra mais ampla e melhor elaborada sobre as profecias foi escrita por Thomas Newton, bispo de Bristol, que foi publicada em 1782.
- g) William Warburton (1698 – 1779), bispo de Gloucester, foi um vigoroso estudioso e defensor das profecias durante a sua vida. Em 1768 fundou a Conferência Warburtoniana no Lincon's Inn, com o fim de “provar a verdade da religião revelada ... do cumprimento das profecias do Antigo e Novo Testamentos que se relacionam com a igreja cristã, especialmente com a apostasia de Roma papal”.
- h) A medida que nos aproximamos do fim do século XVIII, as obras sobre profecias tornam-se mais numerosas, mais acuradas e mais populares, despertando o interesse de um número maior de leitores. (M. E. Olsen, Origin and Progress of Seventh-day Adventists, pp. 73 – 89).

3. A Proclamação da Mensagem do Segundo Advento de Cristo

- a) Desde que os anjos proferiram as palavras contidas em Atos 1:11, a volta de Cristo tem sido a “bendita esperança” dos cristãos, mencionada mais de 300 vezes no NT. “Tão real era a esperança no iminente retorno de Cristo para a igreja Cristã primitiva, que Edward Gibbon, em sua tentativa racional de explicar o rápido crescimento do cristianismo, identificou a crença na breve volta de Cristo como um dos maiores fatores do sucesso do cristianismo.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 24).
- b) “A chave para datar as 2.300 dias foi provida já em 1768 por Johann Petri, um pastor alemão calvinista. Aparentemente foi Petri que primeiro identificou o íntimo relacionamento entre a profecia messiânica das setenta semanas de Daniel 9 e os 2.300 dias de Daniel 8”. (Idem, p. 25)
- c) Aproximadamente meio século antes, Johann A. Bengel cria que a Bíblia era a revelação progressiva do plano de Deus para a salvação do homem, e que neste plano Cristo é a figura central. Assim, todos os períodos de tempo profético apontam para a culminação do plano de Deus: a segunda vinda de Cristo em glória. (Ibidem).
- d) Merece menção especial o jesuíta chileno Manuel de Lacunza (1731 – 1801), que, após 20 anos de estudo, escreveu o seu livro intitulado “La Venida del Mesías en Gloria y Majestad” (c. 1791), sob o pseudônimo de Juan Josafá Ben-Ezra. O livro circulou inicialmente

de forma manuscrita, sendo logo traduzido para outras línguas. Em 1824, o livro foi inserido no “Index de Livros Proibidos” porque Lacunza havia exaltado as Escrituras acima da tradição, ensinou que o Anticristo não é um indivíduo, não venerou aceitavelmente a exposição católica, e suscitou a crítica por haver escrito no vernáculo (SDA Encyclopedia, pp. 757 e 758)

- e) Em 1810, John A. Brown introduziu a discussão a respeito dos 2300 anos no jornal anglicano de Londres intitulado “The Christian Observer”, datando o período de 457 AC a 1843 AD, (Schwarz, Op. Cit., p. 26)
- f) Edward Irving (1792 – 1834), ministro escocês em Londres, foi um dos maiores baluartes que pregou na Inglaterra e Escócia, no início do século XIX, a eminência do Segundo Advento. Ele traduziu o livro de Lacunza para o Inglês.
- g) Joseph Wolff (1795 – 1862), filho de um rabi judeu-alemão, era perito em seis línguas e apto a conversar fluentemente em outras oito. Emigrando para a Inglaterra, tornou-se anglicano, e passou a guardar a segunda vinda de Cristo para 1847. Associado à “Sociedade de Londres para a Promoção do Cristianismo entre os Judeus, mas também por outros de qualquer raça ou classe social. De 1821 à 1845 viajou extensivamente pela África, Ásia e também na América. Ao visitar a América em 1837, ele foi indagado a respeito do que faria se, quando o ano de 1847 viesse, e o milênio não iniciasse. Sua resposta franca foi: “Ora, eu saberei que Joseph Wolff estava equivocado!” Wolff é conhecido como “o missionário a todo o mundo.” (Ver. O Grande Conflito, 357-361).
- h) Henry Drummond, banqueiro e membro do Parlamento inglês, era apreciador do estudo das profecias, e por vários anos patrocinou uma série de cinco assembléias proféticas anuais, sendo que a primeira delas foi realizada em 1826, e passou a ser conhecida como a Assembléia de Albury, porque as cinco foram realizadas em sua própria casa, no parque Albury. Nessas reuniões foram estudadas as profecias de Daniel e Apocalipse, com a presença de uns 20 pastores de várias denominações, entre os quais estava Joseph Wolff. Essas reuniões deram impulso às pregações sobre o segundo advento. (História de Nossa Igreja, p. 163).
- i) George Müller (1805 – 1898), filântropo e pregador, famoso fundador dos Orfanatos de Bristol, também foi um elemento positivo para a mensagem do segundo advento na Grã Bretanha.

- j) Na Escandinávia, especialmente durante os anos de 1842 e 1843, haviam os célebres “pregadores infantis”. Como o clero da igreja do Estado opôs-se ao movimento, lançando na prisão seus pregadores, Deus Se serviu de crianças, algumas das quais não tinham mais de seis ou oito anos de idade, sendo em sua maioria pobres habitantes de cabanas. Como fossem menores, as leis do Estado não as podiam proibir. “Quando se encontravam em pé diante do povo, evidenciava-se, entretanto, que eram movidos por uma influência acima de seus dotes naturais. O tom de voz e as maneiras se transformavam, e com poder solene faziam a advertência do juízo...” (O Grande Conflito, p. 366).
- k) Foi significativa a influência exercida por Lewis Way e Robert Winter, na Inglaterra; Horatius Bonar, na Escócia; François S. R. L. Gaussen, na França e Suíça; Johann Richter, Leonard Kelber e Johann Lutz, na Alemanha; Thomas Playford, na Áustria; Daniel Wilson, na Índia. Na Holanda, o zelador do museu Real, H. Heintzpetter, viu em sonho que a segunda vinda de Jesus Cristo estava próxima, e passou a anunciar essa bem-aventurada esperança aos seus amigos. (História de Nossa Igreja, pp. 162-165).
- l) Dos países da Europa, foi na Inglaterra que surgiu o maior número de arautos da esperança adventista. Porém, “o movimento ali não tomou forma definida como na América; o tempo exato do advento não era geralmente tão ensinado, mas proclamava-se vastamente a grande verdade da próxima vinda de Cristo em poder e glória. E isto não somente entre os dissidentes e não-conformistas. Maurant Brock, escritor inglês, declara que mais ou menos setecentos ministros da Igreja Anglicana estavam empenhados na pregação deste ‘evangelho do reino’.” (O Grande Conflito, p. 362).
- m) Nos Estados Unidos, o movimento do segundo advento criou vulto e tomou forma mais significativa. Já em 1811 o pastor presbiteriano William C. Davis, da Carolina do Sul, calculou o fim das profecias dos 2.300 anos e dos 1.260 anos para 1847. Ele calculou essa data por reconhecer que as setenta semanas de Daniel 9:24 proviam a chave para a compreensão dos 2.300 dias. Joshua L. Wilson, de Cininnati, e Alexandre Campbell ensinavam a purificação do santuário e os 2.300 dias, de maneira semelhante a Davis. Em 1830, Samuel McCorckle, do Tennessee, passou a crer na vinda literal de Cristo em 1847. (Schwarz, Op. Cit., pp. 30 e 31)

III- O MOVIMENTO MILERITA NOS ESTADOS UNIDOS

A. Guilherme Miller (1782 – 1849)

1. Introdução

- a) Guilherme Miller, conhecido como o “ Pai do Movimento Adventista na América”, nasceu em Pittsfield Massachusetts, a 15 de fevereiro de 1782 , sendo o filho mais velho de uma família de 16 filhos.
- b) Com a idade de 4 anos, mudou-se com seus pais para Low Hampton, Nova York, próximo ao lago Champlain.
- c) Dedicou-se assiduamente à leitura, especialmente dos 14 aos 21 anos. Escondido do pai, Guilherme costumava levantar à noite, enquanto a família dormia, dirigir-se à lareira e, luz de nós de pinho e de lascas compridas de madeira resinosa, deitar-se de bruços, lendo até altas horas da noite.
- d) Em junho de 1803, aos 21 anos , Miller casou-se com Lucy P. Smith, e mudou-se para Poultney, Vermont. E, “numa época em que nove décimos da população americana vivia em fazendas, Guilherme Miller era também um fazendeiro. (C. Mervyn Maxwell, História do Adventismo , p. 9).
- e) Participou como voluntário da Guerra de 1812, entre britânicos e americanos, havendo demonstrado aptidão em sua função de capitão.
- f) Por associação com amigos deístas, adotou as idéias do deísmo, filosofia que crê em Deus apenas como a causa primeira de todas as coisas. Continuou mantendo suas idéias “durante mais ou menos 12 anos” (O Grande Conflito, p. 318).
- g) Após a morte de seu pai, Guilherme mudou-se de Poultney novamente para Low Hampton, para ficar junto de sua mãe. E por cortesia freqüentava a igreja batista local sempre que seu tio Elin Miller apresentava o sermão, pois não apreciava a maneira como os diáconos o liam.
- h) Assim, aproveitaram a oportunidade para que Guilherme lesse os sermões na ausência do tio. Em setembro de 1816, no meio da leitura de um sermão de domingo à noite, foi tomado de emoção, ao ponto de ficar impossibilitado de prosseguir e ter de se assentar. Sentindo profunda necessidade de um Salvador, decidiu confiar-se a Ele. Falando de sua própria experiência, Miller posteriormente declarou: “...em Jesus encontrei um amigo”.

2. Sua dedicação ao Estudo da Bíblia

- a) Por dois anos, de 1816 a 1818, dedicou-se intensamente ao estudo e a meditação, procurando harmonizar as aparentes contradições da Bíblia.
- b) Deixando de lado todos os comentários e as idéias preconcebidas, passou a estudar a Bíblia apenas com o auxílio da Concordância de Cruden. Iniciando com Gênesis 1:1, passou a comparar texto com texto, prosseguindo apenas após certificar-se de haver compreendido o seu pleno significado. Em seu estudo ele mantinha, entre outros, dois princípios básicos de hermenêutica:
 - 1) A Bíblia interpreta-se a si mesma;
 - 2) A Bíblia deve ser interpretada literalmente, exceto onde é claro o simbolismo.
- c) Finalmente, em 1818, ao término dos seus 2 anos de estudo intensivo, ele passou a crer que haviam doze pontos sobre os quais ele era compelido a diferir radicalmente dos pontos de vistas populares dos seus dias. A saber:
 - 1) Que o popular ponto de vista de um milênio temporal antes da segunda vinda de Cristo, e do fim dos tempos, era uma falácia.
 - 2) Que a teoria do retorno dos judeus (à Palestina) não era sustentada pela Palavra.
 - 3) Que Jesus virá outra vez pessoalmente, com todos os santos anjos com Ele.
 - 4) Que o reino de Deus será estabelecido por ocasião de Sua vinda.
 - 5) Que a Terra será destruída num dilúvio de fogo.
 - 6) Que a Nova Terra surgirá de sua cinzas.
 - 7) Que os justos mortos serão ressuscitados por ocasião da volta de Cristo.
 - 8) Que os ímpios mortos não ressurgirão até o fim dos mil anos.
 - 9) Que a ponta pequena papal será destruída com a volta de Cristo.
 - 10) Que estamos vivendo na última fase dos diagramas proféticos – tal como, em Daniel 2, no período “dos pés e dos dedos”.
 - 11) Que todos os períodos proféticos – tais como as 70 semanas, os 1.260 dias, e os demais devem ser computados pelo princípio “dia-ano”.
 - 12) Que os 2.300 dias-anos, estendendo-se de 457 AC até cerca de 1843 AD, trará o clímax da profecia e da história humana; e que Jesus voltará “antes ou durante” o ano judaico de “1843”.

Sua principal conclusão, de acordo com suas próprias palavras, foi a seguinte:

“Cheguei assim, em 1818, ao final dos meus 2 anos de estudo das Escrituras, à solene conclusão de que em cerca de 25 anos a partir daquele tempo (1818) todas as atividades de nossa presente condição chegariam ao fim.” (L. E. Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, vol. 4 p. 463).

- d) “Tão surpreendentes foram as conclusões de 1818 que Miller pensou que certamente teria havido algum erro. Ninguém concordaria com ele, imaginava. Estava tão surpreendido com suas conclusões, que decidiu reexaminar, reestudar e modificar cada aspecto... Então no dia 22 de setembro de 1822, em seu vigor, aos 40 anos de idade, havendo concluído sua revisão das conclusões chegadas em 1818, e agora persuadido de que elas eram seguras e verdadeiras, escreveu o seu credo ou “confissão de Fé”, composta de 20 artigos de fé. (Ver: L. E. Froom, Op. Cit., vol. 4, pp. 465 – 467).

3. Seu Primeiro Sermão

- a) No sábado, 13 de agosto de 1831, após 13 anos de protelação, encontrava-se profundamente impressionado pela convicção de seu dever de anunciar aos outros suas conclusões a respeito da segunda vinda de Cristo.
- “Vai e anuncia isto ao mundo”, dizia-lhe uma voz.
 - “Não, Senhor. Não! Tu Sabes que eu não sei pregar. Eu não sei pregar”.
- b) Apesar de todas as suas desculpas, Miller não conseguiu silenciar a voz da forte convicção. Assim, ele decidiu fazer um concerto com Deus: “Senhor, se me abrires o caminho, isto é, se me mandares um convite para que eu pregue exatamente sobre este assunto em qualquer lugar, então irei!”
- c) Apenas 30 minutos haviam se passado, quando alguém bateu à porta. Era o seu sobrinho Irving, que havia percorrido 25 Km, naquela manhã de sábado, para lhe trazer o seguinte recado: “Tio Guilherme, eu saí antes do desjejum para dizer-lhe que nosso pastor na igreja batista de Dresden não poderá dirigir a palavra no culto de manhã. Papai mandou que eu viesse fazer-lhe um apelo. Ele deseja que venha e nos fale sobre as coisas que tem estudado na Bíblia. A respeito da segunda vinda de Cristo, o senhor sabe. Aceita?”

- d) Sem dizer palavra alguma, Miller saiu violentamente pela porta da cozinha, dirigindo-se a um bosque de bordos onde lutou com Deus intensamente, até que finalmente decidiu aceitar o convite.
- e) Miller tomou sua Bíblia e hinário e partiu com seu sobrinho para Dresden, onde residia sua irmã, que era casada com Silas Guilford.
- f) E no dia seguinte, domingo, 14 de agosto de 1831; Miller, aos 50 anos de idade, prega o seu primeiro sermão, baseado em Daniel 7 e 8. Os vizinhos estavam reunidos, e a reunião foi realizada na cozinha, para que Miller ficasse mais à vontade. E este sermão marcou o início do grande despertamento do segundo advento na América.
- g) Sua mensagem foi tão profundamente bíblica, simples e fervorosa, que Miller foi persuadido a continuar pregando cada noite durante a semana, finalizando no domingo seguinte. As reuniões foram transferidas para a modesta igreja batista próxima de Dresden. Mais de 12 famílias se converteram a Cristo.

4. O Despertamento em Decorrencia da Pregação de Miller

- a) Chegando em casa, ao retornar de Dresden, Miller encontrou um carta do pastor Fuller, ministro batista de Poultney, Vermont, onde ele havia vivido vários anos como deísta. Cabe observarmos que o pastor Fuller ainda não estava ciente do episódio em Dresden, o que confirma o chamado de Miller.
- b) Miller aceitou o convite. E o pastor Fuller tornou-se o primeiro ministro protestante convertido por Miller a aceitar suas idéias sobre o segundo advento.
- c) As experiências em Dresden e Poultney foram apenas o início de centenas e centenas de experiências semelhantes. Miller pregou em muitas igrejas batistas, metodistas, congregacionais e outras, através da Nova Inglaterra, o leste do Canadá e de inúmeros outros lugares.
- d) Em setembro de 1833, a igreja batista de Low Hampton, da qual Miller era membro, votou e concedeu-lhe uma licença para pregar, e conjuntamente com a igreja de White-Hall, Nova Iorque, qualificação ministerial; e logo Miller devotou o seu tempo integral à pregação. (Francis D. Nichol, The Midright Cry, p. 57).
- e) Isto foi seguido, entre outras, por uma credencial interdenominacional única, assinada por 17 clérigos de várias denominações. (L. E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 495)
- f) Desta forma, o movimento do segundo advento foi crescendo, e a Miller se uniram outros destacados pregadores.

B. Principais Colaboradores

1. Dr. Josias Litch (1809 – 1886)

- a) Era pastor metodista, e foi também o primeiro ministro preeminente da Nova Inglaterra a tomar sua decisão abertamente, em 1838, ao lado de Miller. Posteriormente tornou-se médico.
- b) Possuindo profundidade de pensamento e relevantes dotes literários, no verão de 1838 ele preparou o seu livro de 200 páginas, intitulado “The Probability of the Second Coming of Christ About A . D. 1843” (“A Probabilidade da Segunda Vinda de Cristo por Volta de 1843 AD”).
- c) Em 1841, deixa o ministério metodista para dedicar-se integralmente à pregação da breve volta de Cristo.
- d) Tornou-se um dos editores do jornal pioneiro milerita “The Signs of the Times.” Foi também editor do “Alarm”, da Filadélfia, que foi depois sucedido pelo “Trumpet of Alarm”, do qual também foi editor. (L.E. Froom, Op. Cit., vol 4, pp. 532-533).
- e) “Litch foi pioneiro em vários pontos de interpretação profética, que foram posteriormente adotados pelos adventistas do sétimo dia: que deveria haver uma ‘cena judicial de julgamento’ precedendo a ressurreição e separada da execução do juízo; que as sete pragas ainda estavam no futuro. Sua exposição do cumprimento histórico das profecias exerceu considerável influência sobre a interpretação de Uriah Smith.” (DAS Encyclopedia, p. 791).

2. Carlos Fitch (1805 – 1844)

- a) Era pastor da Igreja Congregacional de Boston, e durante a década de 1830 esteve intimamente associado ao grande evangelista Charles G. Finney.
- b) No início de 1838 recebeu uma cópia dos “Lectures” (discursos) de Miller, e aceitou com grande entusiasmo a mensagem do advento.
- c) Logo depois, no dia 4 de março, Fitch pregou 2 sermões sobre a segunda vinda de Cristo, que despertou o interesse dos assinantes. Porém, ao compartilhar os ensinamentos de Miller com um grupo local de ministros congregacionais, estes ridicularizaram a tal ponto a idéia de um advento iminente, que Fitch perdeu sua confiança na mensagem adventista.
- d) “Cerca de três anos depois, após os esforços pessoais de Josias Litch, Fitch reafirmou sua fé no adventismo e tornou-se um dos mais

vigorosos evangelistas adventistas.” (R.W. Schawarz, Op. Cit., p. 34).

- e) Em 1842, Fitch, auxiliado por Apollos Halle, “desenhou o famoso diagrama profético de ‘1843’, pintado em tecido, o qual ele apresentou na assembléia geral de Boston, em maio de 1842, na qual José Bates era presidente.” (L.E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 538).
- f) Em janeiro de 1843 ele lançou um jornal semanal intitulado “Second Advent of Christ”, para disseminar a mensagem adventista nas regiões do oeste, onde ele não poderia ir pessoalmente.
- g) Foi também em 1843 que Fitch pregou o seu memorável sermão baseado em Apocalipse 14 e 18, salientando o anúncio do anjo: “Caiu, caiu a grande grande Babilônia”, seguido da admoestação: “Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participares em seus flagelos.”
- h) O ardoroso milerita Carlos Fitch não passou pelo grande desapontamento. Estando em Buffalo, Nova Iorque, “não muito antes de 22 de outubro de 1844, Fitch batizou três grupos sucessivos de conversos ao ar livre num dia frio. Aparentemente, em consequência disto, adoeceu e, na segunda-feira, 14 de outubro, faleceu. O periódico milerita Midnight Cry relatou que “sua viúva e filhos órfãos estão agora em Cleveland, aguardando confiantemente a vinda de nosso Senhor para reunir os membros espalhados de Sua família em alguns poucos dias. ‘A irmã Fitch está...sorridente e feliz’.” (C.M. Maxwell, História do Adventismo, pp. 35 e 36; ver também: L. E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 545).
- i) Em sua primeira visão, Ellen G. White viu o irmão Fitch na Nova Terra, debaixo da árvore da Vida. (Primeiros Escritos, p. 17).

3. José Bates (1792 – 1872)

- a) Nasceu no dia 8 de julho de 1792 em Rochester, Massachussets, próximo a New Bedford.
- b) Aos 15 anos de idade, deixou o lar de seus pais para seguir a vida do mar. Sua vida foi cheia de aventuras. Já ao retornar de sua primeira viagem à Europa, Bates caiu ao mar, e foi salvo pela tripulação, pouco antes de ser abocanhado por um tubarão. Tornou-se posteriormente capitão, comissário, comandante e sócio do seu navio. Em suas viagens esteve várias vezes na América do Sul, inclusive no Brasil.
- c) Em 1818 casou-se com Prudence Nye, a quem ele chamava afetuosamente de “Prudy”.

- d) Em 1839 Bates foi convidado por um ministro amigo a assistir a uma palestra sobre o segundo advento. Após ouvi-la, ele exclamou: “Esta é a verdade!” Bates aceitou “a pregação de Miller no tocante à volta de Cristo, e com entusiasmo incomum se identificou com a causa Milerita. Vendeu a casa e quase todos os imóveis, e aplicou o produto da venda na proclamação da mensagem do advento. Na companhia de H.S. Gurney, um evangelista cantor, dirigiu-se a Maryland, e pregou na ilha de Kent, na baía de Chesapeake, onde antes havia sofrido um naufrágio.” (Enoch de Oliveira, A Mão de Deus ao Leme, p. 157).
 - e) Bates exerceu sempre uma posição de liderança no movimento milerita. Ele foi um dos componentes do comitê que planejou a primeira Assembléia Geral Adventista, e posteriormente presidiu a importante assembléia de maio de 1842, na qual foi votada a realização de reuniões campais (“camp meetings”). Foi também um dos pregadores durante as reuniões campais de Exeter, em agosto de 1844, quando teve início o “clamor da meia noite”.
 - f) Foi também o pioneiro da reforma pró-saúde e do sábado entre os adventistas do sétimo dia.
4. Josué Vaughan Himes (1805 – 1895)
- a) Josué V. Himes, conhecido como “o grande agente de publicidade” do movimento milerita, nasceu no dia 19 de maio de 1805, em North Kingston, Rhode Island.
 - b) Era um enérgico reformador da temperança, à semelhança de José Bates, e um espetacular batalhador contra a escravidão.
 - c) Em novembro de 1839, Himes convidou a Miller para realizar uma série de reuniões na Chardon Street Chapel de Boston, da qual ele era pastor. Convencido a respeito das doutrinas de Miller, perguntou-lhe porque não pregava nas grandes cidades. Miller respondeu que apenas pregava onde era convidado, e que até então não havia sido convidado para ir às grandes cidades. As portas se abriram, e, sob a influência de Himes, milerismo transformou-se “de uma mera curiosidade local para uma causa que receberia atenção nacional.” (Schwarz, Op. Cit., p. 34).
 - d) Sua influência literária foi decisiva para a consolidação do movimento milerita. “Em 1840, Himes lançou a publicação de “The Signs of the Times”, sem patrocinadores, sem assinantes e com apenas um dólar de capital. Publicou uma segunda e uma terceira edição dos ‘Lectures’ (discursos) de Miller, e esteve desde então

encarregado das publicações e da distribuição da literatura adventista. Publicou diagramas, panfletos, tratados, hinários, volantes e folhetos. Em Nova Iorque, Himes publicou um diário, o “Midnight Cry” (1842), em conexão com uma grande série de conferências evangelísticas. Dez mil cópias eram impressas diariamente por algumas semanas, e distribuídas por jornaleiros. Quando a série terminou, o periódico continuou a ser publicado semanalmente.” (SDA Encyclopedia. p. 585).

- e) Outra de suas contribuições ao movimento milerita foi sem dúvida sua participação ativa nas grandes, reuniões campais, conhecidas como “camp meetings”.

C. O desenvolvimento do Movimento Milerita

1. Introdução

- a) A Guilherme Miller e seus principais colaboradores, uniram-se gradativamente inúmeras pessoas que estavam dispostas a colocar sua vida sobre o altar, para anunciar as boas novas da breve volta de Cristo.
- b) Desde que Miller pregou o seu primeiro sermão na casa de Silas Guilford, em Dresden, o movimento milerita cresceu envolvendo a América na expectativa do iminente retorno de Cristo.

2. Oito Fases Progressivas no Desenvolvimento do Movimento

LeRoy Edwin Froom menciona oito fases distintas que marcaram o desenvolvimento do movimento milerita:

- 1^a.) A pregação solitária de Miller em pequenas cidades e comunidades rurais (1831 – 1838).
 - a) Nesta fase Miller pregava como uma testemunha solitária nas pequenas cidades e comunidades rurais do Estado de Nova Iorque, Nova Inglaterra e leste do Canadá.
 - b) O surgimento do seu livro de “Lectures” (discursos) deu-lhe apoio literário.
 - c) A partir de 1834, Miller dedicou-se integralmente à pregação.
- 2^a.) Após associarem-se a ele alguns ministros de influência, Miller passa a pregar nas grandes cidades (1838 – 1840).
 - a) A partir de 1838, une-se a Miller um considerável número de ministros de influência de diferentes denominações (Josias Litch e outros).

- b) Em 1839, Miller penetra nas grandes cidades, por influência de Josué Himes.
- c) Cresce a influência literária, com o surgimento de várias publicações, entre as quais estão o primeiro livro de Litch e o primeiro periódico milerita intitulado “Sings of the Times”.

3ª) Período das Assembléias Gerais (1840 – 1842)

- a) A primeira assembléia geral de obreiros foi realizada na congregação de Josué V. Himes , no outono de 1840. (C. Mervyn Maxwell, História do Adventismo, p.20).
- b) Foram realizadas durante este período ao todo 16 assembléias gerais que marcaram a expansão do movimento, a definição e propagação de sua mensagem e o aumento de impressão sobre a consciência e o pensamento americano.
- c) Além dessas assembléias gerais ministeriais de pregadores, foram realizadas mais de uma centena de reuniões locais com pregação para os leigos, as quais foram caracterizadas por grandes auditórios.
- d) Na assembléia geral realizada em Boston, em maio de 1842, sob a direção de José Bates, foi votado a realização de reuniões campais (“camp meetings”).

4ª) Período da grandes reuniões campais (1842 – 1843)

- a) A primeira reunião campal adventista nos Estados Unidos, foi realizada em junho de 1842, em East Kingston, Massachusetts, sob a responsabilidade de Josué Himes, e contando com uma assistência entre sete a dez mil pessoas. Porém adventistas do Canadá já haviam realizado poucos dias antes uma reunião dessa natureza aproveitando a passagem de Josias Litch pelo leste de Quebec em uma viagem evangelística (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 40).
- b) As reuniões campais (“camp meetings”) não eram uma novidade em 1842, pois os metodistas e outros já realizavam há cerca de 50 anos (Francis P. Nichol. The Midnight Cry, p. 113); e nisto os mileritas seguiram uma prática anteriormente desenvolvida pelos metodistas.
- c) Foram realizadas neste período mais de 124 reuniões campais, sendo que 31 delas foram realizadas em apenas três meses.
- d) As reuniões eram realizadas em tendas e em grandes pavilhões. “O superintendente do campo arrendava um terreno de mato, bem regado e acessível. O lugar de reunião consistia de uma clareira oval guarnecida de assentos grosseiros e uma plataforma numa

extremidade. Aí, sob a copa de grandes árvores, tinham os adoradores o seu santuário. Ao redor desse lugar de reunião, formando um grande círculo, estavam as tendas.” (Everett Dick, Fundadores da Mensagem, pp. 61 e 62).

- e) Foi também em 1842 que os mileritas decidiram “encomendar a maior fabricada na América até aquela época e a apelidaram de ‘a grande tenda’. Ela requeria uma equipe permanente de quatro pessoas para armá-la e desarmá-la. Seu mastro central tinha 18 metros e seu diâmetro era de 40 metros. Havia nela espaço para quatro mil pessoas. A grande tenda foi encomendada, armada e estava em uso dentro de trinta dias. Não havia tempo a perder se Cristo estava para vir “por volta do ano de 1843”. (C. Mervyn Maxwell. História do Adventismo, p. 21).
- f) Neste mesmo período eram publicados mais de 20 periódicos adventistas, uma crescente série de livros e panfletos sobre a segunda vinda de Cristo, e bons pregadores espalhavam a sua mensagem em direção do oeste, norte e sul.

5^a) Período de oposição e de expulsão das igrejas (verão de 1843 - outono de 1844).

- a) Este período foi marcado pela crescente onda de oposição, pela expulsão de membros de suas igrejas e de ministros de suas associações, por crerem e ensinarem, testemunharem e cantarem a esperança adventista.

6^a) Período conhecido como o “Tempo de Tardança” (abril de 1844 – agosto de 1844).

- a) Tem sido freqüentemente conhecido como o “tempo de tardança ou o “período de adormecimento”, de acordo com a parábola das dez virgens (Mat. 25:5).
- b) O período inicia com o término do ano religioso judaico de 1843, que terminou em 18 de abril de 1844.
- c) O período termina com o início do “movimento do sétimo mês”, em agosto de 1844.

7^a) O “Movimento do Sétimo Mês” ou o “Clamor da Meia Noite” (agosto de 1844 – 22 de outubro de 1844).

- a) Este período teve o seu início com a célebre mensagem de Samuel Snow, proferida da inesquecível campal em Exeter, New

Hampshire, em agosto de 1844. Sua mensagem é conhecida como sendo o “clamor da meia noite” (Mat. 25:6) .

- b) Daí para frente a ênfase estava na forte convicção de que Cristo voltaria no dia 22 de outubro de 1844.
- c) Neste período, de 50 mil e 100 mil pessoas deixaram as suas igrejas e se uniram ao movimento milerita.
- d) Cerca de 200 ministros ordenados e aproximadamente dois mil pregadores leigos estavam envolvidos, sendo apoiados por um grande número de periódicos, panfletos, cartazes, e livros sendo disceminados de maneira crescente, em pouco tempo e com grandes resultados.
- e) Todos estavam unidos pelos laços invisíveis da esperança do advento.

8ª) O Grande Desapontamento (22 de outubro de 1844).

- a) O grande e amargo desapontamento levou ao reestudo de todas as possíveis evidências proféticas, tendo em vista a compreensão da natureza dos equívocos e elaborar planos para o futuro.
- b) O desapontamento levou o movimento a dividir-se em dois grupos maiores – o que era o maior, tem decrescido consideravelmente; e o que era tão diminuto, hoje tornou-se um movimento de dimensões mundiais. (L. E. Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, vol. 4, pp. 447 – 449).

3. As Três Mensagens Angélicas

- a) Dentro desse contexto, as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 podem ser facilmente relacionadas:
 - 1ª) Apoc. 14:6 e 7, com a pregação milerita,
 - 2ª) Apoc. 14:8, com a retirada dos mileritas das igrejas,
 - 3ª) Apoc. 14:9-12, com o movimento adventista depois de 1844.
- b) É importante termos em mente que as três mensagens angélicas começaram a ser pregadas sucessivamente, mas prosseguem simultaneamente até o fim.

D. Fixação de Datas

1. Introdução

- a) Após o seus dois anos de estudo intensivo, Miller em 1818, apresentou, na última de suas 12 principais conclusões, sua firme

convicção de que Jesus viria “antes ou durante o ano judaico de 1843”.

- b) No “Artigo XV” de sua “Confissão de Fé”, escrita em 1822, ele reafirma sua convicção de que Jesus voltaria “antes ou durante o ano de 1843”.
- c) O cenário para a pregação da iminente volta de Cristo começava tornar-se solene. Apenas dois anos haviam se passado desde que Miller pregava o seu primeiro sermão sobre o segundo advento, e em 13 de novembro de 1833 ocorre sobre os céus da Nova Inglaterra o espetacular fenômeno conhecido como “a queda das estrelas”, cumprindo outra importante profecia de Cristo, que indicaria a Sua breve volta (Mat. 24:29).

2. O Ano do Fim do Mundo

- a) “Por algum tempo os seguidores de Miller o pressionaram a definir o tempo no qual ele aguardava o segundo advento, de maneira mais precisa do que simplesmente ‘por volta do ano 1843’. ...Miller... sempre creu que, ao se aplicar às profecias de tempo do livro de Daniel, deveria-se usar o calendário judaico religioso, em vez de o calendário civil desenvolvido pelos romanos. Ele sabia que o ano judaico iniciava na primavera e não em janeiro. Uma vez que não estava ciente de como os rabinos ajustavam o seu calendário, que era lunar, ele concluiu que o equinócio da primavera era o provável ponto inicial do ano. Assim, no início de 1843 ele estava disposto a aceitar que Cristo voltaria durante o ano judaico, que ele calculava como estendendo-se de 21 de março de 1843 à 21 de março de 1844.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 43).
- b) O ano do fim do mundo deveria iniciar-se em março de 1843; e “repentinamente, no frio ocaso do final de fevereiro, apareceu, brilhando através do sudoeste do céu, um luminoso cometa. Aparentemente simples errante sem objetivo, proveniente das gélidas profundidades do espaço sideral, este visitante estelar apareceu inadvertidamente. Era aparentemente em novo cometa. Nenhuma predição astronômica do seu aparecimento havia preparado o público para tão arrebatador espetáculo... Mas esse não era um tempo vulgar e nem aquele um cometa comum. A própria natureza parecia contribuir com os mileritas para elevar os olhos dos homens.” (Francis D. Nichol, Op. Cit., p. 145).
- c) Uma série de outros estranhos sinais eram atestados como ocorrendo. (Ibidem)

- d) Alguns mileritas, ansiosos por determinarem um dia específico, sugeriam datas as mais diversas. (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 44). Estas datas entretanto não tiveram significado.

3. O Primeiro Desapontamento

- a) “A despeito de todos os sermões pregados, a despeito de todas as publicações distribuídas, de todas as campanhas realizadas, de toda a clara evidência bíblica de Miller, e a despeito de seu miraculoso chamado para anunciar isto ao mundo, o ano do fim do mundo passou e Cristo não voltou.” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 27).
- b) Passou-se o dia no qual Miller julgava que finalizaria o ano religioso judaico de 1843 (21 de março de 1844); passou-se também o dia 18 de abril de 1844, que era verdadeira data na qual, segundo o calendário judaico, terminava o referido ano ; e Jesus não voltou.
- c) “Os crentes ficaram perplexos. Eles não haviam firmado suas esperanças em nenhum dia particular daquele ano, de modo que seu desapontamento na primavera de 1844 não foi tão agudo como deveria sê-lo no dia que se seguiu a 22 de outubro.” (Ibidem)
- d) Após esse primeiro desapontamento, os mileritas encontraram conforto e ânimo, especialmente em dois textos bíblicos:
- Habacuque 2:3
 - Mateus 25:5 e 6
- e) Logo após o dia 21 de março, Miller escreveu para Himes: ‘Estou agora sentado em minha velha escrivaninha, no meu quarto que fica para o leste. Havendo alcançado o amparo de Deus até o presente momento, eu continuo esperando pelo querido Salvador, o Filho do Deus celestial, e pelo cumprimento da promessa feita a nossos pais, e confirmada a nós por aqueles que O ouviram, que Ele voltaria e nos receberia para Si mesmo. ...O tempo, como eu o havia calculado, está agora cumprido; e aguardo a cada momento ver o Salvador descendo do Céu. Não tenho nada mais por que esperar, a não ser esta gloriosa esperança.’” (Francis D. Nichol, Op. Cit., pp. 181 e 182).
- f) Aqueles longos dias de ansiosa espera foram passado, e Jesus não veio!...

E. O “CLAMOR DA MEIA-NOITE” E O “MOVIMENTO DO SÉTIMO

MÊS”

I. Introdução

1843, a) “Começando com um artigo escrito em 16 de fevereiro de

Samuel S. Snow enfatizava o sétimo mês outonal judaico, Tishri, como o verdadeiro término para o período profético dos 2.300 anos, que devia iniciar-se no outono de 457 AC.” (L.E. Froom, Op. Cit., p. vol. 4, p. 799).

b) Em uma carta escrita ao Signs of the Times em 3 de maio de 1843, Guilherme Miller “mostrava que assim como Jesus morreu na Páscoa, no ‘primeiro mês’ (na primavera do ano bíblico cerimonial), poderia talvez se esperar que Ele retornasse no Dia da Expição no ‘sétimo mês’ (no outono).” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 27).

c) Em maio de 1844, Snow escreveu: “O ministério de João Batista começou na última parte do ano 26 AD, e terminou no outono do ano 27 AD. Aqui começa a semana de confirmação do concerto..., pelas grandiosas obras de Cristo. Três anos e meio, a partir desta ocasião, nos levam à primavera do ano 31 AD, quando nosso Senhor foi crucificado ‘na metade da semana’. Mais três anos e meio... nos levam ao outono do ano 34 AD, ...Como as 70 semanas terminaram no outono do ano 34 AD, o restante dos 2.300 dias, isto é , 1810, sendo somados, leva-nos ao outono de 1844 AD. ...Estou seguro...que nosso Rei e Salvador aparecerá em Sua glória no sétimo mês do ano religioso judaico.” (Citado por: L. E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 799).

2. O “Clamor da Meia-Noite”

a) De 12 a 17 de agosto de 1844 foi realizada a inesquecível campal de Exeter, New Hampshire, na qual foi apresentado o “clamor da meia-noite”, que dá início ao “movimento do sétimo mês”.

b) Entre três a quatro mil pessoas fizeram-se presentes à reunião campal. Todos criam que desde abril, após o término do ano judaico de 1843, estavam vivendo no período de “tardança”, e esperavam receber nestas reuniões um “nova luz”.

c) Hábeis pregadores apresentavam suas mensagens sobre as profecias, sem que nada de novo fosse exposto.

d) Enquanto José Bates exortava os mileritas a permanecerem firmes, com alusões a seus velhos tempos de marujo, um cavaleiro recém chegado entrou no local de reuniões e

assentou-se ao lado de sua irmã, que era esposa de John Couch, um dos pregadores adventistas.

- e) Samuel Sheffield Snow (1806 – 1870) , o cavaleiro recém chegado cochicha aos ouvidos de sua irmã as suas novas convicções a respeito do tempo para a vinda de Cristo. A irmã de Snow, não podendo ceder-se por mais tempo, coloca-se em pé, e referindo-se ao irmão Bates, que era o pregador, declara: “É demasiado tarde para gastarmos tempo discutindo estas verdades, com as quais estamos familiarizados ... Aqui está um homem com uma mensagem de Deus.” Foi um momento dramático. O pregador se assentou, e todos os olhos estavam voltados para esta mulher. Ela acrescentou mais algumas palavras, reafirmando o que dissera anteriormente, ao que Bates respondeu: “Que ele venha e apresente sua mensagem!”
- f) Logo no início de sua mensagem, Snow argumenta: “Quanto ao tempo de Seu retorno, Jesus disse a Seus discípulos que à respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos do Céu nem o Filho, senão somente o Pai”. Muitos pensam que esta passagem prova que os homens nunca saberão o tempo. Mas se prova isso, então igualmente provará que o Filho nunca saberá o tempo, pois ocorre a mesma declaração quando ao Filho tal como no que concerne ao homens e anjos! Mas se este verso não prova que Cristo nunca saberá o tempo de Seu retorno, não prova também que nem os homens, nem os anjos nunca o saberão!” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 30).
- g) E, no desenvolvimento de sua mensagem, “Snow apresentou quatro pontos: (1) A correção do erro de cálculo anteriormente reconhecido, ao mudarem a data de 1843 para 1844; (2) as 70 semanas de anos que iniciaram e terminaram no outono; (3) os tipos de tabernáculo mosaico indicam que o segundo advento ocorrerá no outono e não na primavera. Ocorrerá o Dia da Expição , no décimo dia do sétimo mês, assim como o sacrifício do cordeiro pascal apontava para a morte de Cristo no 14º dia no primeiro mês; e (4) assim como a páscoa da crucifixão, a molho movido da ressurreição e o tempo anunciado para o pentecostes no tempo exato, como havia sido profetizado,... o antitípico Dia da Expição ocorrerá no dia exato especificado pela profecia. Então o nosso grande Sumo Sacerdote, Cristo Jesus, deixará o Santo dos Santos nos Céus, onde Ele tem estado a ministrar, para

abençoar o Seu povo expectante. Esta será a segunda vinda de Cristo.” (L.E. Froom, Op. Cit., vol. 4, pp. 813 e 814).

- h) “No dia seguinte, por solicitação, sua mensagem foi repetida mais claramente e com e com maiores detalhes. Por exemplo: Sendo que Cristo foi crucificado na primavera do ano 31 AD, na ‘metade’ da ‘semana’ profética de sete anos, três anos e meio, a partir da primavera de 31 AD. Portanto, os restantes 1810 anos do período do 2.300, calculados a partir do outono de 34, levam necessariamente ao outono de 1844. E, nesse ano, o 10º dia do sétimo mês coincide, de acordo com o calendário judaico caraíta, com o dia 22 de outubro de nosso calendário gregoriano.” (Idem, p. 814).
- i) A mensagem de Snow foi concluída com palavras contagiantes: “Irmãos, pensai nisto. Estamos na segunda semana de agosto. E menos de três meses o Senhor completará a expiação e sairá do santuário para abençoar Seu povo expectante. Levítico 9:22 e 23. Em menos de três meses o Noivo estará aqui para levar sua noiva que O espera. Não é agora o tempo para o clamor da meia-noite, o clamor: Eis o noivo! saí ao Seu encontro?” (C.M. Maxwell. Op. Cit., p. 32).
- j) OBS.: Leia a mensagem de Snow, apresentada em : C. Mervyn Maxwell, História do Adventismo, pp. 29-32.
- k) Os crentes retornaram para seus lares eletrizados com a mensagem de Snow, e absorvidos pela forte convicção do iminente retorno de Cristo no dia 22 de outubro!

3. O “Movimento do Sétimo Mês”

- a) No dia 22 de agosto de 1844, Snow publicou um sumário dos seus argumentos num panfleto de quatro páginas intitulado “The True Midnight Cry”.
- b) Os pregadores adventistas, com ânimo renovado, começam a pregar a volta de Cristo para o dia 22 de outubro. José Bates retorna para New Bedford para pregar essa mensagem; Tiago White, retornando de Exeter, prega em Poland Maine; e assim essa “nova luz” passa a ser difundida rapidamente.
- c) “Durante os meses de setembro e outubro, o panfleto de Snow intitulado “True Midnight Cry” foi impresso muitas vezes, tanto separadamente como reimpresso em praticamente todos os jornais adventistas. O endosso editorial deu-lhe pleno apoio, e Himes cancelou sua viagem marcada para a Europa, para

publicar edições extras...” (L.E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 819).

- d) “Embora o pleno endosso final veio a ser dado pelos líderes, com plena certeza no retorno do Senhor no dia 22 de outubro, Miller foi o último a aprová-la, aceitando-a apenas no dia 6 de outubro.” (Ibidem) Mesmo assim ele mantinha a idéia de que o “tempo de tardança” (Hab. 2:3; Mat. 25) se estendia do equinócio de março ao dia 22 de outubro, como a data provável da volta de Cristo. (Ibidem)
- e) O movimento assumia cada vez mais um senso de urgência. Por todos os quadrantes da América haviam arautos proclamando que a volta de Cristo estava às portas! ...
- f) “Ao se esgotarem os últimos dias do tempo, os comerciantes adventistas fecharam seus estabelecimentos; mecânicos trancaram suas oficinas; empregados desistiram de seus empregos. Em campais, dezenas confessavam suas faltas e uniam-se em oração. Grandes somas eram doadas para que os pobres pudessem liquidar suas dívidas, bem como para a publicação de literatura – até que os editores dissessem que não precisavam mais, o que fez muitos doadores em potencial retirarem-se com pesar. No campo, alguns fazendeiros abandonam suas plantações para demonstrar sua fé. As batatas permanecem na terra, as maçãs apodrecem nos pomares, o feno cai pelos campos. Nas cidades as pessoas muitas professoras, vários juízes de paz, até um magistrado de Norfolk – renunciaram os seus postos. Em Filadélfia um alfaiate na Rua Cinco fecha sua oficina ‘em homenagem ao Rei dos reis que aparecerá no dia vinte e dois de outubro’, uma grande instituição comercial do Brooklin dispensa seus empregados. ...Impressoras a vapor operam dia e noite produzindo o Midnight Cry. ... No dia 19 de outubro as impressoras pararam de rodar. A grande tenda havia sido dobrada pela última vez. Os pregadores haviam retornado para seus lares a fim de estarem com os familiares...” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 32 e 33).
- g) Jesus está às portas! ...

F. O Grande Desapontamento

1. A grande expectativa

- a) Estes eram momentos solenes, para os mileritas. Estavam vivendo os últimos momentos nesta Terra, e já divisavam a

eternidade!... Dentro em breve os céus se abririam e o esperado Salvador apareceria para a salvação de Seu povo! ...

- b) Eles não tinham nada mais porque esperar, a não ser a concretização dessa gloriosa esperança! ...

2. E Jesus Não veio!...

- a) O dia 22 de outubro foi passado em constante expectativa...
- b) “As sombras do ocaso estendiam-se serena e friamente por sobre a terra. As horas da noite passavam vagarosamente. Em desconsolados lares de mileritas, os relógios assinalaram doze horas da meia-noite. 22 de outubro havia terminado . Jesus não viera. Ele não voltara!” (*Idem*, p. 34)

3. Por que Jesus não veio?

- a) Miller pregara mais de 4.500 sermões que falavam dessa bendita esperança (E. Dick, *Op. Cit.*, p. 27)
- b) Cerca de oito milhões de exemplares de literatura adventista foram espalhados (C. M. Maxwell, *Op. Cit.*, p. 18)
- c) Tanto nas grandes reuniões campais do movimento milerita, como em seus próprios lares, os mileritas haviam cantado com fervor os “hinos do advento”, que falavam de que Jesus em breve voltaria (Ver: Arthur W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists*, vol. 2, pp. 129 – 139);
- d) E, se Ellen G. White declarou que, “de todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum foi mais livre de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás do que o do outono de 1844” (*O Grande Conflito*, p. 401);
- e) Por que então Jesus não veio no dia 22 de outubro de 1844?

IV. O MILERISMO APÓS O GRANDE DESAPONTAMENTO

A . Fortes Crises Abalam a Estrutura do Milerismo

1. Perda da identidade geral

- a) A alteração radical que o “grande desapontamento” provocou no seio do milerismo é muito bem descrita, em linguagem figurada, por Francis D. Nichol, ao afirmar: “Por anos o rio do milerismo fluíu de maneira sempre crescente. Não existiam fluxos meândricos, inundando desordenadamente as regiões planas, por falta de margens bem definidas. Havia um senso de urgência, de pressa em direção ao destino, que dava velocidade e um curso bem definido ao rio. Embora surgissem redemoínhos e

turbulências, correntes contrárias e mesmo lugares pantanosos ao longo das margens, estes eram apenas esporádicos. O poderoso curso e o caráter do seu fluxo eram evidentes a todos. “Mas o rio do milerismo esperava ser absorvido pelo oceano da eternidade no dia 22 de outubro – os diagramas não assinalavam terras além desse ponto. Em vez disso, o fluxo interior da corrente vasou por sobre um árido e desconhecido deserto. O sol causticante do desapontamento o abalou, e os ventos abrasadores da ridicularização o assolavam por todos os lados. O rio repentinamente perdeu sua velocidade. Não houve oportunidade para abrir um canal bem demarcado nesta nova terra ressecada. O sol e o vento rapidamente começaram a fazer grandes estragas com as dispersas porções de água, que agora se encontravam espalhadas por sobre uma superfície remota.” (F. D. Nichol, Op. Cit., p. 290).

2. Começam a surgir divisões

- a) Aqueles que haviam se unido ao movimento milerita por temor em relação com o fim do mundo, logo o abandonaram completamente, desacreditando completamente de sua mensagem.
- b) Alguns começaram a marcar novas datas para a volta de Cristo; outros tornavam-se fanáticos e acalentavam idéias estranhas. Surge fanatismo e confusão.
- c) Em resumo, o movimento perde a sua vigorosa unidade e começa a se dividir.

B. Tentativas Para Preservar a Unidade do Movimento

1. Cartas Pessoais

- a) Encontraremos neste período um grande número de cartas escritas pelos líderes mileritas, as quais expressam a fé e confiança no movimento.
- b) No dia 10 de novembro de 1844, Miller escreveu uma carta a Himes, na qual ele afirma: “Tenho ansiosamente aguardado a bem-aventurada esperança, e isso na confiança de realizar as coisas gloriosas que Deus falou de Sião. Sim, e embora tenha sido duas vezes desapontado, ainda não estou descoroçoado ou desanimado. Deus tem estado comigo em Espirito, e me tem confortado. Tenho, agora, muito mais evidência de que creio na Palavra de Deus. ... “ Irmãos, firmi-vos; a ninguém permitais

tomar-vos a coroa. Fixei minha mente sobre outro tempo, e aqui quero ficar até que Deus me dê mais luz – e esse é Hoje, Hoje, e Hoje, até que Ele venha, e eu veja Aquele por quem minha alma anela.” (E. Dick, Op. Cit., p. 44).

- c) No dia 3 de dezembro de 1844, Miller escreveu a Himes e a Silvestre Bliss : “Não me posso assentar para escrever sem me vir o pensamento de que pode ser que esta carta nunca chegue ao destino. No entanto creio dever estar ocupado até que Jesus venha.” (Idem, p. 45).

2. Artigos publicados nos periódicos

- a) Os artigos e editoriais também procuram fortalecer a fé e a confiança dos desapontados mileritas.
- b) No dia 30 de outubro de 1844, Josué V. Himes, que havia sido alvo de muitas críticas pelos que se opunham ao movimento milerita, escreveu no editorial do periódico The Advent Herald: “Não há mais tempo para nós nos defendermos agora, contra os mil rumores que predominam na comunidade. Temos sido um acurado observador de todos os movimentos e ações no campo do inimigo, porém até agora não vimos uma única verdade. Mentem! Mentem!! Mentem!!!” (F.D. Nichol, Op. Cit., p. 271).
- c) No dia 7 de novembro de 1844, Joseph Marsh (1802 – 1863), então editor do Voice of Truth, publicou neste periódico um artigo no qual ele reconhecia que os mileritas estavam corretos ao estabelecerem a data profética de 22 de outubro de 1844; porém haviam se equivocado em relação com “a natureza do evento” a ter lugar nesta data. (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 54).
- d) “Menos de um mês após o desapontamento uma extensa declaração foi publicada nos dois principais periódicos mileritas. Era intitulada: “Nossa Confissão - Defesa de Nossa Conduta – Oposição.” Era primeiramente uma confissão franca de que eles haviam sido ‘desapontados duas vezes’. ...O propósito da maior parte da declaração que segue era mostrar como uma pessoa poderia ainda ser um adventista consistente e sensível após esses desapontamentos.” (F. D. Nichol, Op. Cit., p. 277).

3. A realização de assembléias

- a) “O último evento importante de 1844 foi a realização de uma assembléia adventista em Low Hampton, nos dias 28 e 29 de dezembro. Aí se reuniram os líderes mileritas por dois dias para

fortalecerem a fé uns dos outros e para clarificar seus pensamentos. A assembléia solicitou que Miller preparasse uma ‘Declaração aos Crentes do Advento’, que constituiu o relatório da principal comissão. Esta declaração lembrou a esperança dos adventistas, fez referência às caluniosas acusações, encorajou os crentes a permanecer firmes e apresentou uma explicação para o desapontamento. A explicação foi que todos os seus cálculos estavam sujeitos ao elemento falível da cronologia humana, e que portanto poderia ter ocorrido um erro de alguns poucos anos na computação da profecia chave dos 2.300 anos. ...Esta opinião de que poderiam haver ainda quatro ou cinco anos para o cumprimento da profecia...proveu o amortecedor para abrandar o golpe do desapontamento.” (F. D. Nichol, Op. Cit., pp. 288 e 289).

- b) Neste contexto final do movimento milerita, merece destaque especial a significativa Assembléia de Albany , a qual consideramos com mais detalhes.

C. A Convocação da Assembléia de Albany

1. Introdução

- a) Uma vez que a confusão era o resultado inevitável dos divergentes pontos de vista, alguns dos principais líderes mileritas decidiram convocar uma assembléia na igreja denominada “Casa de Oração”, em Albany, Nova Iorque. As reuniões iniciaram no dia 29 de Abril de 1845, cerca de 6 meses após o grande desapontamento.
- b) “Josué V. Himes, Josias Litch e Guilherme Miller foram os principais responsáveis pela convocação desta assembléia, que foi composta por 61 delegados reconhecidos, que representavam as comunidades adventistas de nove Estados e de Ontário. Canadá.” (A. W. Spalding, Op. Cit., vol. 1, p. 153)
- c) “Vários dos líderes anteriores se reuniram em torno de Miller. Entre eles estavam Himes, Litch, Bliss, Galusha, Hale, Fleming e Fasset.” IL. E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 833).
- d) Vários dos antigos líderes e colaboradores do movimento não mais se fizeram presentes. Carlos Fitch havia falecido pouco antes do grande desapontamento. George Storrs, que havia defendido a teoria do “sétimo mês” e a imortalidade condicional, embora concordasse em alguns aspectos, em outros estava demasiadamente separado de seus irmãos para aceitar a

convocação. Samuel Snow já estava se afastando cada vez mais em direção ao fanatismo no qual pereceu. José Bates estava envolvido em suas investigações a respeito do sábado e viajava para Washington. (A. W. Spalding, Op. Cit., vol. 1, pp. 153 e 154). Também não compareceram Enoch Jacobs, Joseph Marsh e Thiago White.

- e) “A assembléia foi organizada tendo inicialmente a Guilherme Miller como presidente e Josué V. Himes como secretário; e mais tarde ficou com Elon Galusha, como presidente, e Sylvester Bliss e O. R. Fassett, como secretários.” (Idem, p. 154).

2. O objetivo da assembléia

- a) Em diversos lugares estavam-se desenvolvendo doutrinas divergentes entre os mileritas, direta ou indiretamente relacionadas com a doutrina da segunda vinda de Cristo, que colocavam em risco cada vez mais a unidade do movimento.
- b) Havia especialmente quatro posições divergentes que penetravam no seio do movimento, que perturbavam os líderes reunidos em Albany:
 - 1ª. O ensino de que as profecias requeriam um retorno dos judeus à Palestina antes ou depois do segundo advento.
 - 2ª. A doutrina do estado de inconsciência na morte e da imortalidade recebida unicamente através de Cristo, o Doador da vida.
 - 3ª. O que a assembléia desdenhosamente designou como “fábulas judaicas e mandamentos de homens”, pelo qual faziam evidente referência ao sábado do sétimo dia.
 - 4ª. A doutrina da “porta fechada”, que no momento parecia ser o maior fator de divisão do grupo, e que também merece nossa especial consideração. (Idem, pp. 154 e 155).
- c) Portanto, os líderes mileritas se reuniram nesta assembléia com o objetivo de eliminar as grandes divergências que começavam a os separar, tendo em vista a preservação da unidade do corpo milerita.

D. A Doutrina da “Porta Fechada”

1. Introdução

- a) “Em janeiro de 1845 dois editores adventistas, Apollos Hale da ‘Advent Herald’ e Joseph Turner da ‘The Hope of Israel’.

desenvolveram o que passou a ser conhecido como a teoria da 'porta fechada'. Esta teoria combinou as novas idéias a respeito da atividades de Cristo como o noivo com a tradicional interpretação milerita de Apocalipse 22:11 e 12, que pouco tempo antes do Advento o destino de cada pessoa estaria para sempre decidido.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 55).

- b) “Usando o simbolismo da parábola das dez virgens, ensinaram que o ato de fechar a porta significava o fim do tempo de graça para os pecadores. Diziam que o decreto de fechar a porta começara a 22 de outubro 1844.” (História de Nossa Igreja, p. 182).
- c) Além da expressão “fechou-se a porta” (Mat. 25:10), encontrada na parábola das dez virgens, os defensores desta teoria encontravam aparente apoio em Apocalipse 3:7 e 8 (que é uma alusão a Isaías 22:22).

2. Divergências na compreensão desta teoria

- a) Além de não mais sentirem tristeza pelos pecadores, pois o tempo de graça para eles já havia terminado, os defensores dessa teoria divergiam em muitos aspectos de sua interpretação.
- b) Joseph Turner começou a ensinar sua doutrina da “não-mais-misericórdia” em Paris, Maine. Segundo ele havia uma total porta fechada de acesso às pessoas fora do adventismo. (J.N. Loughborough, The Great Second Advent Movement, p. 221).
- c) Os seguidores de Turner criam “que já se havia entrado no sétimo milênio, quando não deviam trabalhar, e já estavam plenamente santificados.” (História da Nossa Igreja, p. 182).
- d) Samuel S. Snow passou a crer na “porta fechada” de uma forma muito radical. Ele “considerava todos os adventistas que não adotavam esse ponto de vista como sendo laodiceanos, que Cristo ‘vomitaria de sua boca’. Posteriormente ele proclamou-se a si mesmo como sendo o profeta Elias e declarou que rejeitar a ele equivalia a rejeitar a Cristo.” (R.W. Schwarz, Op. Cit., p. 55).
- e) Guilherme Miller havia escrito no The Advent Herald do dia 11 de dezembro de 1844, o seguinte: “Nós completamos nossa obra em advertir os pecadores e na tentativa de suscitar uma igreja definida. Deus, em sua providência fechou a porta; e podemos apenas estimular uns aos outros a sermos pacientes, e

em sermos diligentes em assegurar nossa vocação e eleição.”
(L.E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 831).

- f) “Alguns continuaram a sustentar – como Miller havia ensinado – que a porta era a da salvação, pois eles continuavam esperando a volta de Cristo muito em breve. Como o tempo passou, alguns afirmavam de que esta era a porta de ‘acesso’ aos ouvintes...” (SDA Encyclopedia, p. 1035).
- g) Como o tempo foi passando, o grupo de Miller abandonou sua posição em relação a doutrina da “porta fechada”. “Himes, particularmente, desde o desapontamento, jamais manteve a idéia de que sua obra para o mundo havia terminado, e Miller e outros dos principais líderes logo aceitaram a sua posição. Esse grupo principal decidiu que o término do período dos 2.300 dias ainda estava no futuro, estendendo-se até o advento literal. E eles naturalmente concluíram que o ‘clamor da meia noite’ e a ‘porta fechada’ da parábola também futuros”. (L. E. Froom, Op. Cit., vol.4 , p. 831)
- h) “Os extremistas na doutrina da porta fechada declaravam que Cristo havia retornado, não literalmente, mas espiritualmente.” (SDA Encyclopedia, p.1035).
- i) “José Bates, Tiago White e Ellen Harmon criam inicialmente na ‘porta fechada’, juntamente com Miller, Turner, Snow, Marsh, Jacobs, Crosier, e quase todos os outros adventistas. Os três mantiveram essa doutrina por mais tempo do que a maioria, até que progressiva luz os levou a abandoná-la. Quando a verdade do sábado foi sendo desvendada e proveu um poder unificador, eles tornaram-se o objeto de crítica para os demais adventistas. Eles eram comumente chamados, de 1846 a 1855, como ‘Povo do Sábado e da Porta Fechada’.” (A. W. Spalding, Op. Cit., vol. 1, p. 162).
- j) Desta forma, os mileritas estavam totalmente divididos entre si, especialmente no que diz respeito à doutrina da porta fechada.

E. A Importância da Assembléia de Albany

1. Foi a última tentativa unificadora do milerismo

- a) “A assembléia de Albany na primavera de 1845 assinalou o esforço final para manter a unidade do movimento como um corpo envolvendo a todos os que participaram no milerismo...” (F. D. Nichol, Op. Cit., p. 298).

2. Decisões da Assembléia de Albany

a) A assembléia adotou uma série de princípios, dentre os quais podemos destacar os seguintes:

1ª.) Eles mantiveram o princípio do premilenismo não-judaizante, opondo-a “doutrina judaizante” da restauração literal dos judeus na Palestina como um cumprimento do concerto abraâmico.

2ª.) Eles fizeram o que aparenta ser uma vaga concessão para com o novo ponto de vista sobre a imortalidade condicional ensinado por uns poucos líderes mileritas.

3ª.) Eles abandonaram, necessariamente, a data de 1844 para a volta de Cristo; porém, em assim agindo, eles igualmente abandonaram a idéia de que o movimento de 1844 foi um cumprimento da profecia, ou que um marco profético foi passado que poderia explicar o desapontamento.

4ª.) Uma vez que eles haviam enfatizado o término do tempo de graça para a humanidade (que eles afirmavam estar simbolizado pela “porta fechada” da parábola das Dez Virgens) como envolvido no término dos 2.300 dias, e desde que eles estavam convencidos de que a graça não havia chegado ao fim, eles agora insistiam igualmente de que os 2.300 anos, e a parábola com sua porta fechada, também não se cumpriram. (Isto deu oportunidade para os líderes revisarem a cronologia e fixarem novas datas para a segunda vinda de Cristo).

5ª.) Eles se declararam contrários a todas as “novas abordagens”, e por este meio impedir não somente as várias formas de fanatismo, como também qualquer avanço na interpretação profética baseado na premissa de um válido marco profético no movimento de 1844. (SDA Encyclopedia, pp. 897 e 898).

F. A Divisão do Movimento Milerita

1. Introdução

- a) As reuniões da assembléia de Albany tinham como objetivo unir os mileritas dispersos num só corpo, porém não havia força suficiente para que isto ocorresse.
- b) A figura rio, apresentada por Francis D. Nichol, descreve muito bem a situação do milerismo após o desapontamento. Todos os esforços empreendidos para preservar a unidade foram inúteis, e a divisão do movimento tornou-se inevitável.

2. As Três Principais Divisões no Seio do Milerismo

- a) LeRoy Edwin Froom apresenta três principais grupos nos quais o milerismo se dividiu após a assembléia de Albany:

1ª.) Himes se declara contra a “porta fechada”.

-Conservando a esperança no advento, ele repudiou a idéia da “porta fechada”, e assim fazendo, ele negou a validade do “movimento do sétimo mês” e do “clamor da meia noite.”

-Himes persuadiu a Miller e a outros líderes a abandonarem a teoria da “porta fechada”.

-Este grupo marcou várias datas posteriores para a volta de Cristo: 1845, 1846, 1847, 1854 e outras.

-Divergências a respeito de uma data foi o início da divisão do grupo, em 1856, nos Adventistas Evangélicos e nos Cristãos Adventistas.

-Os adventistas evangélicos criam no estado consciente dos mortos e no inferno de fogo eterno. Mas foram-se gradualmente extinguindo. (História de Nossa Igreja , p. 181).

-Os adventistas cristãos, que passaram a ser conhecidos como a Igreja Cristã Adventista, criam na inconsciência dos mortos e observavam o domingo. É o único grupo adventista importante fora dos adventistas do sétimo dia. (Ibidem)

2ª.) Pequeno grupo fanático mantém uma posição extremista a respeito da “porta fechada”.

-Este pequeno grupo teve curta duração, e mantinha a posição extremista de que todo o período de graça já havia terminado, e que a sentença para o mundo já havia sido fixada.

-Mantinhm também que a obra de mediação de Cristo já estava fechada, e que os pecadores não mais seriam salvos.

-Havia desacordo entre eles se a “porta fechada” se referia a “porta da misericórdia” em termos de salvação, ou se era a “porta do acesso” às pessoas, que já haviam fechado seus ouvidos à mensagem de Deus.

3ª.) O terceiro grupo rejeitou tanto o formalismo como o fanatismo

-Neste grupo encontraremos José Bates, Tiago White, Hirã Edson e outros.

-Eles criam na validade do “movimento do sétimo mês”, e adotaram a nova interpretação de Hirã Edson a respeito da purificação do santuário como sendo a explicação para o grande desapontamento.

-Este grupo tornou-se o núcleo dos Adventistas Sabatistas, que posteriormente se transformaria na Igreja Adventista do Sétimo Dia . (L.E. Froom, Op. Cit., vol 4, pp. 837 – 842; ver também: A.W. Spalding, Op. Cit., vol. 1, pp. 162 – 167).

V. O MOVIMENTO ADVENTISTA SABATISTA

A. Nova Luz Sobre o Santuário

1. Hirã Edson (1806 – 1882)

- a) Hirã Edson era um leigo (posteriormente ordenado) que morava numa fazenda em Port Gibson, Nova Iorque.
- b) Tendo sido um respeitado metodista, em 1843 aceitou a mensagem da iminente volta de Cristo, e sua casa tornou-se o centro adventista da localidade, para um grupo de crentes que o tinham como o seu líder.
- c) Intimamente associado a Edson, em seus esforços em favor da causa milerita, estava o médico Dr. Franklin B. Hahn e Owen R. L. Crosier, órfão de pouco mais de 20 anos.
- d) Ao chegar a dia 22 de outubro de 1844, um grupo de crentes estava reunido em sua casa aguardando o glorioso aparecimento de Cristo.
- e) Falando a respeito dessa experiência, o próprio Edson declara: “Esperamos pela vinda do Senhor até que no relógio soaram 12 batidas à meia-noite. O dia havia passado, e o nosso desapontamento tornou-se uma certeza. Nossas mais caras esperanças e expectativas se desfizeram, e um tal espírito de pranto nos sobreveio como nunca havíamos experimentado antes. ... Choramos e choramos até o alvorecer.”
- f) Após haverem sido desapontados amargamente, muitos dos crentes que estiveram reunidos na casa de Edson retornaram para os seus desolados lares. Aos que permaneceram, Hirã Edson convidou a irem até o celeiro, em meio a fria neblina do alvorecer do dia 23 de outubro, para realizarem um círculo de oração. Após fecharem a porta, o grupo continuou orando até que tiveram a plena convicção de que suas orações haviam sido aceitas e de que haveriam de receber luz adicional a respeito do seu desapontamento.
- g) Após o desjejum, Edson convidou um de seus amigos, que Loughborough identifica como sendo O.R.L. Crosier (John N. Loughborough , The Great Second Advent Movement, p. 193), para irem encorajar alguns amigos mileritas desapontados.

- h) Talvez para ganhar tempo, ambos tomaram um atalho que passavam em meio a um milharal. Enquanto atravessavam o milharal, Edson nos declara: “Detive-me em meio ao campo. O céu parecia abrir-se-me à vista e vi distinta e claramente que em lugar de nosso Sumo Sacerdote sair do Lugar Santíssimo do santuário celestial para vir a Terra (em 22 de outubro)... Ele pela primeira vez entrava nesse dia no segundo compartimento desse santuário; e que Ele tinha uma obra para realizar no Santíssimo antes de vir à Terra.” (C.M Maxwell. Op. Cit., p. 50).
- i) Hirã Edson viu “como Cristo, o noivo da parábola, deveria vir ‘ao casamento naquela ocasião; em outras palavras, ao Ancião de dias, para receber o reino, o domínio e a glória; e nós devemos aguardar o seu retorno das bodas. ‘O santuário a ser purificado, ele acrescentou, era claramente o santuário celestial, e não esta terra no seu todo. A idéia era como uma mensagem do céu. Era uma nova idéia, uma preciosa verdade, uma maravilhosa descoberta. Sua oração havia sido respondida.” (L.E. Froom, Op. Cit., vol. 4, p. 881-883). Obs.: Veja a distinção entre “as bodas” no livro O Grande Conflito, p.426 e 427.
- j) Edson acrescenta que sua mente logo voltou-se para a experiência registrada em Apocalipse 10. A esperança no iminente advento de Cristo fora para os mileritas “doce como o mel”; porém esta esperança, tornou-se amarga para eles por ocasião do grande desapontamento (versos 9 e 10). Porém Edson compreendeu que este não era ainda o fim, pois o verso 11 acrescenta: “É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.”
- k) Seu companheiro, que certamente era Crosier, prosseguira absorvido em seus pensamentos, repentinamente percebeu que Edson havia ficado para trás, e parou. Edson falou-lhe de sua experiência, e ambos continuaram discutindo entre si o assunto, passando logo a compartilhar as boas novas do ministério sacerdotal de Cristo no céu.
- l) A experiência de Hirã Edson e seu companheiro no milharal é semelhante a que ocorreu com Cleópas e seu companheiro no caminho de Emaús (Luc. 24:13-35). É por essa razão que Edson é conhecido como o “Cleópas do milharal”.

2. Compartilhando as boas-novas

- a) Durante os meses seguintes, ou seja, no inverno de 1844/1845, Hirã Edson, O . R. L. Crosier e F.B. Hahn dedicaram-se ao estudo intensivo da Bíblia. Atenção especial foi dada ao livro de Hebreus, salientando-se os capítulos 8 e 9, que falam do santuário terrestre como uma “sombra das coisas celestes”, uma “figura do verdadeiro”, que é um “exemplo do verdadeiro serviço”. “O completo sistema mosaico de tipos e cerimônias tornou-se a área central de estudo, juntamente com suas antitípicas realidades cristãs. E o diagrama profético de Daniel e Apocalipse, relacionado com os últimos tempos, foram igualmente objeto de diligente revisão.” (L.E. Froom Op. Cit., vol. 4, p. 886)
- b) Edson e Hahn, possuídos de entusiasmo, consideraram que suas descobertas eram “exatamente o que o disperso remanescente necessitava”, e decidiram que Crosier deveria escrever a respeito destas novas idéias.
- c) Em abril de 1845 foram lançados algumas cópias do panfleto “The Day Dawn”, que provavelmente já era por eles editado irregularmente em Canandaigua, Nova Iorque. Este é considerado o primeiro artigo escrito por Crosier sobre o santuário.
- d) No dia 07 de fevereiro de 1846, Enoch Jacobs, editor do “The Day-Star”, de Cincinnati, publicou uma edição extra de seu periódico contendo um artigo mais amplo e mais detalhado de Crosier sobre o santuário. Esse artigo trazia um título um tanto ambíguo: “A Lei de Moisés”.
- e) Dos vários conceitos apresentados no artigo publicado no “The Day-Star Extra”, os mais importantes podem ser sumarizados como segue:
- 1) Um santuário real, literal, existe no céu.
 - 2) No dia 22 de outubro de 1844, Cristo passou do primeiro compartimento deste santuário para o segundo (o Lugar Santíssimo).
 - 3) Antes de Seu retorno à Terra, Cristo tem uma obra a fazer no lugar santíssimo, que difere da que Ele estivera realizando desde a Sua ascensão.
 - 4) O ritual do santuário hebraico era uma completa representação visual do plano da salvação, com cada tipo tendo o seu antítipo.
 - 5) O verdadeiro propósito do Dia da Expição (que iniciou para os cristãos no dia 22 de outubro de 1844) é preparar um povo purificado.

- 6) A purificação de Cristo do Santuário celestial também envolve a purificação dos corações de Seu povo.
- 7) O tipológico “bode emissário” não representa a Cristo mas a Satanás.
- 8) Como o “autor do pecado”, Satanás receberá a culpa final pelos pecados que ele levou Israel (o povo de Deus) a cometer.
- 9) A expiação pelo pecado não iniciou até que Cristo entrou no santuário celestial após a Sua ressurreição. (R.W. Schwrz. Op. Cit., p. 62 e 63).
- f) Foi provavelmente no final de 1845, ou durante o ano seguinte, que José Bates familiarizou-se com idéias de Croiser. O estudo particular, a troca de correspondência com Edson, bem como uma visita pessoal a Port Gibson, levaram-no a aceitar a nova luz sobre o santuário.
- g) Assim essa verdade fundamental sobre o santuário, como uma sólida explicação para o desapontamento de 1844, começou a difundir-se gradativamente...

B. A Doutrina do Sábado

1. Antecedentes

- a) Ao longo dos séculos da era cristã sempre encontraremos alguns indivíduos ou pequenos grupos de observadores do sábado, entre os cristãos espalhados pelo mundo.
- b) No período da Reforma do século XVI, observadores do sábado podiam ser encontrados na Alemanha. Grã-Bretanha, Holanda, Suíça, Morávia, Suécia, e Espanha. Dentre eles podemos destacar os “anabatistas sabatistas”. (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 72 e 73).
- c) No século XVII encontramos, entre outros, Francis Bamfield e João James, ministros ingleses que foram perseguidos pela observância do sábado, sendo que o último deles foi enforcado; bem como o Dr. Pedro Chamberlen (1601 – 1683) obstetra da realeza e nobreza da Inglaterra.
- d) No início do século XVIII, o Conde Nicolau von Zinzendorf, por influência de morávios observadores do sábado, decidiu observar o sábado e também o domingo.
- e) Destaque especial merecem o eminente estadista argentino Francisco Hermógenes Ramos Mexia (1773 – 1825) e o livreiro, editor e autor James Begg (1800 – 1868), que uniram a

proclamação do segundo advento e do sábado do sétimo dia. (L.E.Froom, Op. Cit., vol. 4 , p. 920 – 940).

2. A observância do sábado na América

- a) A observância do sábado penetrou na América por Stephen Mumford, que “emigrou da Inglaterra em 1664 e organizou, em Rhode Island, em 1671, a primeira igreja batista do sétimo dia na América.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., vol. 4, p. 75).
- b) Porém a Associação Geral dos batistas do sétimo dia só foi organizada em 1801, com 1.031 membros registrados. “Seu periódico denominacional ‘The Sevent-day Batist Register’, que iniciou em março de 1840, fundiu-se ‘Sabbath Recorder’, em junho de 1844. Em 1843 eles estavam profundamente envolvidos com a ameaça de nova legislação dominical...”(L.E.Froom, Op. Cit., vol.4 , p. 942).
- c) O referido periódico, em seus editoriais, publicou alguns apelos em favor da observância do sábado, que não foram bem aceitos pelas igrejas observadoras do domingo, bem como pelos mileritas em geral, o que levou os líderes e editores dos jornais adventistas a depreciar essa agitação entre os batistas em favor do sábado. (Idem, p. 944).
- d) Sendo que, por outro lado, os batistas do sétimos dia eram céticos em relação com a mensagem e o movimento milerita.

3. O Ingresso – O sábado é aceito no meio adventista

- a) É interessante notarmos que, “nas primeiras décadas do século XIX, simultaneamente na Argentina e Escócia, novas vozes sabatistas no início do grande reavivamento da exposição profética...”(Idem, p. 941). Porém foi em meio a um pequeno grupo de desapontados mileritas da América, que esta fusão realmente se tornou significativa.
- b) Frederico Wheeler (1811 – 1910), um jovem ministro itinerante metodista-adventista de Hillsboro, New Hampshire, ao celebrar uma santa ceia num domingo pela manhã do início de 1844, em Washington, no mesmo estado, afirmou: “Todo aquele que confessa sua comunhão com Cristo num serviço como este, deveria estar disposto a obedecer a Deus e a guardar os Seus mandamentos em todas as coisas.”
- c) Presente nesta reunião estava uma viúva de meia idade, que era batista do sétimo dia, chamada Raquel Oakes (1809 – 1868), que

após o seu novo casamento passou a ser conhecida como Raquel Oakes Preston. Esta senhora viera a Washington, New Hampshire, para ficar junto de sua filha Raquel Delight Oakes, que era professora. Ante a declaração do pastor Wheeler, a senhora Oakes quase levantou-se, mas conteve-se.

d) “Pouco depois, ao visitar a família de Daniel Farnsworth, o pastor Wheeler encontrou-se com essa senhora e soube que era a Sra. Raquel Oakes, mãe da jovem professora Raquel Delight Oakes. Direta em sua palavra como havia sido no olhar, não usou preâmbulos. Disse:

- Lembra-se, pastor Wheeler, que o senhor disse que todo aquele que confessa a Cristo deveria guardar todos os mandamentos de Deus?
- Sim, lembro-me.
- Quase me levantei na reunião para dizer alguma coisa.
- Pareceu-me. Que pretendia fazer?
- Queria dizer-lhe que era melhor retirar a mesa da Santa Ceia e cobri-la com uma toalha até que o Senhor comesse a guardar os mandamentos de Deus, disse a senhora Oakes.”
(História de Nossa Igreja, p. 186)

e) O pastor Wheeler ficou espantado com as palavras da senhora Oakes. Ao retornar para casa ele continuou pensando nisto. Orou sobre o assunto, estudou sua Bíblia e, finalmente, convenceu-se de que o sábado era o verdadeiro dia de guarda. E, “durante esse mesmo inverno, possivelmente em 16 de março de 1844, ele tomou sua decisão de observar o sétimo dia como o sábado. Assim foi que Frederico Wheeler, um metodista-adventista-milerita, de Hillsboro, New Hampshire, tornou-se o primeiro ministro adventista observador do sábado na América do Norte”. (C.M.Maxwell. Op. Cit., p. 70).

f) O trabalho de Raquel Oakes influenciou outras pessoas a guardarem o sábado, e um pequeno grupo de adventistas sabatistas começou a se formar em Washington, New Hampshire.

g) Em agosto de 1844, Tomás M. Preble, que anteriormente fora pastor da igreja batista da comunhão livre, tornou-se o segundo pastor adventista observador do sábado na América do Norte. “Se ele foi instruído a respeito por Wheeler, ou diretamente por Raquel Oakes não está claro.” (R.W.Schwarz, Op. Cit., p. 58)

h) Entre os mileritas que aguardavam a volta de Cristo para o dia 22 de outubro de 1844, estavam já alguns observadores do sábado:

Frederico Wheeler, Tomás M. Preble e também uma senhora de Rhode Island conhecida como S.Blake.

- i) No dia 28 de fevereiro de 1845, Preble publicou um artigo sobre o sábado no periódico “The Hope of Israel”, editado por Joseph Turner. No mês seguinte ele publicou uma versão ampliada dos seus pontos de vista sobre o sábado, num folheto que trazia como título “Tract, Showing that the Seventh Day Should Be Observed As The Sabbath” (Folheto Demonstrando que o Sétimo Dia Deveria Ser Observado Como o Sábado”) “Este folheto levou à conversão várias famílias em Paris, Maine. Entre elas estava a de Edward Andrews (pai de J.N.Andrews), a família Stowell, a família de Cyprian Stevens, incluindo as duas jovens que posteriormente se tornaram as esposas de J.N.Andrews e Uriah Smith.” (SDA Encyclopedia, p. 1144)
- j) Certamente os participantes da Assembléia de Albany estavam conscientes da posição de Preble em relação com o sábado, ao se referirem desdenhosamente à “fábulas judaicas e mandamentos de homens”.
- k) J.B.Cook (1804 – 1874), outro eminente pregador milerita, aceitou os pontos de vista de Preble sobre o sábado; porém em menos de três anos ele retornou à observância do domingo.
- l) Após ler o artigo de Preble publicado no “The Hope of Israel”, do dia 28 de fevereiro de 1845, José bates dedicou-se diligentemente ao estudo da Bíblia. Logo no início de março de 1845, ele decidiu percorrer 220 quilômetros a fim de se encontrar pessoalmente com Frederico Wheeler, em Hillsboro. Chegando de surpresa na casa de Wheeler, às dez horas da noite, Bates acordou a família, e passou o resto da noite estudando com Wheeler. “Na manhã seguinte, Bates e Wheeler seguiram para Washington e conversaram sobre o sábado até o meio-dia com alguns do Farnsworth sob um bosque de bordos. Depois Bates retornou a seu lar em Fairhaven, Massachusetts. No caminho ele lutou consigo mesmo, tentando imaginar os efeitos que a sua decisão de mudar o dia de guarda teria sobre seus vizinhos, familiares e amigos. Em seus ouvidos soavam constantemente as palavras: ‘Que te importa? Quanto a ti, segue-me.’”
“Cruzando a ponte entre New Bedford e Fairhaven, Bates fez seu primeiro converso de um de seus amigos adventistas. ‘Quais são as novas, Capitão Bates?’ perguntou Tiago Madison Monroe Hall. ‘As novas’, respondeu o capitão, ‘são que o sétimo dia é o sábado

do Senhor nosso Deus.’ Hall observou o próximo sétimo dia como seu dia de repouso.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 78)

- m) Em agosto de 1846 Bates publicou um tratado de 48 páginas sobre o sábado, intitulado “O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo”. Este tratado levou um considerável número de pessoas a aceitarem o sábado, entre os quais estavam Thiago e Ellen White, os quais o leram logo após o seu casamento em 30 de agosto de 1846.
- n) No ano seguinte, Bates publica uma segunda edição do seu tratado sobre o sábado, no qual ele enfatiza o lugar da terceira mensagem angélica no movimento sabatista. (SDA Encyclopedia, p. 133)
- o) Surgiram outras publicações, e o número de crentes na doutrina do sábado crescia. E, desta forma, a verdade a respeito do sábado ingressou no grupo que haveria de se tornar a Igreja Adventista do 7º. Dia.

C. O Dom de Profecia

1. Ellen Gould (Harmon) White (1827 – 1915)

- a) Hellen Gould Harmon (depois White) nasceu em Gorham, Estado do Maine, a 26 de novembro de 1827, sendo seus pais Roberto Harmon e Eunice Goud Harmon.
- b) Ellen e sua irmã gêmea Elizabeth eram as filhas mais novas de uma família de 8 filhos (6 moças e 2 rapazes). Quando ambas ainda eram crianças, a família mudou-se para Portland.
- c) Com a idade de 9 anos, ao retornar para casa da escola numa tarde, uma pedra desferida por uma colega atingiu o seu rosto, quebrando-lhe o nariz. Ela perdeu muito sangue e permaneceu inconsciente por três semanas. Este acidente debilitou-lhe muito a saúde em geral, e por dois anos ela não pode respirar pelo nariz. Aos 12 anos ela tentou retornar à escola, mas sua saúde não mais lhe permitiu.
- d) Em março de 1840 Ellen e outros membros da família ouviram as pregações de Guilherme Miller em Portland, e aceitaram os seus pontos de vista a respeito da segunda vinda de Cristo a ocorrer cerca do ano de 1843.
- e) Numa reunião campal metodista realizada nas proximidades de Buxton, Maine, poucos meses depois, ela entregou seu coração à Deus. (Vida e Ensinos , p. 16-20)
- f) Por insistência de sua parte, Ellen foi batizada por imersão (o batismo metodista é por aspersão), no dia 26 de junho de 1842, em

Casco Bay. Ela descreve sua experiência nas seguintes palavras: “Foi num dia ventoso que nós, em número de doze, fomos ao mar para sermos batizados. As ondas encapelavam-se e batiam contra a praia; mas, em havendo eu tomado essa pesada cruz, minha paz era semelhante a um rio. Quando saí da água, sentia-me quase sem forças, pois o poder do Senhor repousava sobre mim. Senti que dali em diante não era deste mundo, mas surgia daquele como que tûmulo líquido, para uma novidade de vida.” (Vida e Ensino, p.20)

- g) Em setembro de 1843, devido a fé no adventismo, Ellen, seus pais e outros membros da família foram desligados da igreja Metodista de Pine Street.
- h) Ellen encontrava-se entre os que aguardavam ansiosos pelo retorno de Jesus em 1844; e em decorrência, também passou pelo grande desapontamento. Escrevendo posteriormente, ela afirma: “Esse foi o ano mais feliz de minha vida. Meu coração transbordava de alegre expectativa...” (Vida e Ensino, p. 51)

2. Sua primeira visão

- a) Em uma manhã de dezembro de 1844, Ellen e mais quatro senhoras estavam reunidas em oração, na casa da Sra. Haines, em South Portland, Maine. Foi nessa pequena reunião de oração, que Ellen recebeu sua primeira visão, na qual testemunhou a caminhada do povo do advento para a cidade de Deus.
- b) Leia a descrição da visão do livro Primeiros Escritos, pp. 13-20.
- c) “A mensagem básica desta primeira visão era clara: Deus estava indiscutivelmente no poderoso Clamor da Meia-Noite: Se continuassem seguindo na luz progressiva e crescente, chegariam seguramente à cidade de Deus. Pelo contrário, se falhassem em prosseguir na infalível luz, ele tropeçariam e cairiam no caminho. Assim, eles tragicamente jamais alcançariam a cidade de Deus.” (LeRoy Edwin Froom, Movement of Destiny, p. 82).
- d) Ellen relatou “esta visão aos crentes em Portland, que creram plenamente porvir de Deus. Todos achavam que Deus escolhera esse meio, depois do grande desapontamento de outubro, para consolar e fortalecer o Seu povo.” (Vida e Ensinos, p. 61).
- e) “Convém notar também que na primeira visão de Ellen Harmon, Deus comunicou uma mensagem designada a estabelecer a confiança na Sua direção passada do Movimento Milerita. Porém a visão não explicou o porque do desapontamento. Isto deveria ser

descoberto e explicado no estudo da Bíblia. E outros estavam estudando este aspecto no estado de Nova Iorque.” (L.E. Froom, Movement of Destiny, p. 83)

3. O chamado para o ministério profético

- a) Antes da primeira visão de Ellen G. Harmon, Deus havia chamado dois homens para o ofício profético. Guilherme Ellis Foy, pregador milerita de cor parda, teve sua primeira visão no dia 18 de janeiro de 1842, uma segunda visão no dia 4 de fevereiro de 1842, e uma terceira visão próximo ao tempo de expectativa de 1844, na qual ele viu três plataformas. (SDA Encyclopedia , pp. 474 e 475).
- b) Hassen Foss, um jovem milerita de fina educação, recebeu algumas visões no outono de 1844. No mês de setembro ou no início de outubro ele teve uma visão na qual ele viu a caminhada do povo do advento para a cidade de Deus. Em uma segunda visão, Foss foi advertido que, se ele não relatasse a outros a mensagem que Deus lhe dera, a responsabilidade seria tirada dele e colocada sobre uma dos mais frágeis filhos do Senhor (SDA Encyclopédia, p. 473).
- c) Como Foy e Foss recusaram aceitar essa incumbência, Deus escolheu a Ellen G. Harmon, uma frágil jovem de 17 anos, para esse ofício sagrado.
- d) Em sua segunda visão, cerca de uma semana depois da primeira, o Senhor apresentou-lhe uma perspectiva das provas por que ela iria passar, e disse-lhe que deveria ir relatar a outros o que Ele lhe havia revelado, apesar da forte oposição que haveria de enfrentar.
- e) Durante vários dias ela orou com insistência para que o encargo lhe fosse removido. Com sua saúde debilitada, parecia-lhe impossível realizar o trabalho, e chegou ao ponto de desejar a morte como livramento destas responsabilidades. Mas finalmente decidiu aceitar o encargo, sob a direção do Senhor. (Vida e Ensinos, pp. 65 e 66).

4. A orientação profética no movimento adventista-sabatista

- a) “Os anos 1845 – 1848 foram um período de estudo intensivo da parte dos que haviam passado pelo desapontamento e que ainda mantinham sua confiança no segundo advento. Eles estavam determinados a descobrir verdades bíblicas adicionais.” (T. Housel Jemison, A Prophet Among You, p. 208)

- b) “Durante todo esse tempo de profunda investigação da Palavra, o Espírito de Profecia foi um auxílio e um guia. Ele não foi o canal através do qual as principais doutrinas foram dadas, pois todas elas vieram e estavam fundamentadas nas Sagradas Escrituras. Mas ele era o elemento unificador, colaborador e, essencialmente, confirmador e ampliador das novas descobertas doutrinárias. Sua missão era única, e claramente definida e delimitada.”(L.E.Froom, Movement of Destiny, p. 83).
- c) Comentando a respeito dessas pequenas reuniões para a investigação da Bíblia, declara a irmã White: “Ao chegarem, em seu estudo, ao ponto em que diziam: ‘Não podemos fazer nada mais’, o Espírito do Senhor vinha sobre mim, e eu era tomada em visão, e uma explanação clara das passagens que havíamos estado estudando me era concedida, com instruções quanto à maneira por que devíamos trabalhar e ensinar com eficácia. Assim nos era dada luz que nos ajudava a compreender as Escrituras com relação a Cristo, Sua missão e Seu sacerdócio.” (Citado em : Arthur L. White, Ellen G. White – Mensageira da Igreja Remanescente, p. 85).

5. Algumas visões significativas

- a) Em meados de fevereiro de 1845, Ellen Harmon teve uma visão em Exeter, Maine, na qual viu “Jesus erguendo-Se do Seu trono mediatório e indo para o santíssimo como Esposo para receber Seu reino.” (Idem, pp. 79-80)
- b) No verão de 1845 ela teve a mais longa visão (4 horas de duração), em Randolph, que fica a 13 milhas ao sul de Boston. Nesta visão ela levantou uma Bíblia, mencionando textos e indicando a sua localização sem olhar para eles. Nesta ocasião foi condenado o fanatismo de três pregadores: Robbins, Sargent e French. (A . W. Spaldin, Op. Cit., vol. 1, pp. 139-141).
- c) Em novembro de 1846, Ellen G. White (que casara-se com Thiago White no dia 30 de agosto) teve uma visão na qual lhe foram apresentados alguns detalhes astronômicos, que convenceram José Bates a aceitar o dom profético da irmã White.
- d) No dia 3 de abril de 1847 ela teve uma visão em Topsham, Maine, na qual viu, no templo celestial, a Lei de Deus, com um halo de luz envolvendo o 4º mandamento. (Primeiro Escritos, pp. 32 e 33).

- e) Estas e outras visões demonstram que as descobertas doutrinárias eram confirmadas e ampliadas pelo dom profético. O Espírito de Profecia também contribuiu para manter o equilíbrio, num período em que o fanatismo manifestava-se desordenadamente, pois ainda não havia um corpo de doutrinas definidas.

D. Os “Congressos Sabáticos”

1. Antecedentes

- a) A partir de 1845 o grupo de desapontados mileritas que passaram a ser conhecidos como “adventistas sabatistas”, dedicou-se ao estudo diligente da Palavra de Deus, com o propósito de descobrir novas verdades. A nova luz sobre o santuário celestial, a doutrina do sábado, a manifestação do dom profético, e outras verdades, estavam sendo gradativamente descobertas e incorporadas. Porém não havia ainda uma unidade doutrinária, e os enfoques divergiam consideravelmente.
- b) No dia 30-de maio de 1847, Tiago White publicou em folheto de 24 páginas intitulado “A Word to the ‘Little Flock’” (“Uma Palavra ao ‘Pequeno Rebanho’”). Este folheto, que traz mensagens de Tiago White, Ellen G. White e provavelmente uma contribuição de José Bates, foi um passo significativo para o início da consolidação doutrinária do movimento.

OBS.: Veja a reprodução fotográfica do folheto “A Word to the ‘Little Flock’”, publicada em: Francis D. Nichol, Ellen G. White and Her Critics, pp. 561-584.

- c) Porém o passo decisivo para a convergência das verdades bíblicas num só corpo doutrinário, foi a realização dos assim chamados “congressos sabáticos”, em 1848.

2. O que eram os “Congressos Sabáticos”

- a) Os “Congressos Sabáticos” (“Sabbath Conferences”), algumas vezes denominados de “Congressos de 1848” foram “uma série de reuniões de ‘amigos do sábado’ realizados em vários lugares da Nova Inglaterra e Nova Iorque, durante o período formativo, quando Tiago e Ellen White, José Bates e outros, começaram a obra de ‘unir os irmãos nas grandes verdades relacionadas com a mensagem do terceiro anjo’.” (SDA Encyclopedia, p. 1255)
- b) De acordo com Arthur W. Spalding, os “congressos sabáticos” de 1848 “começaram a juntar e unir os crentes na verdade do

sábado.” (Origin and History of Seventh-day Adventists, vol.1 , p. 191).

- c) Os seis “congressos sabáticos” realizados em 1848 eram na verdade congressos bíblicos, nos quais os crentes, provenientes de diferentes lugares, se reuniam com o intuito de estudar as verdades bíblicas. “Esses congressos foram de vital importância, e demonstraram ser um poder unificador, clarificador e fortalecedor, consolidando as posições do crescente grupo sabatista, bem como moldando e dando forma ao curso futuro de um movimento emergente, que logo haveria de se sobressair.” (L.E. Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, vol.4, p. 1021).

3. Os seis “Congressos Sabáticos” de 1848

- 1º.) Rocky Hill, Connecticut (20-24 de abril) – na casa de Alberto Belden.

- Cinquenta pessoas estiveram presentes, entre as quais estavam H. S.Gurney, José Bates, E.L.H.Chamberlain, Thiago e Ellen White.

- José Bates e Thiago White foram os principais oradores. O principal tema abordado por Bates foi o sábado e a lei; ao passo que Thiago White abordou o significado da terceira mensagem angélica.

- 2º.) Volney, Nova Iorque (18 de agosto) - no celeiro David Arnorld.

- Cerca de 25 pessoas estiveram presentes. Hirã Edson solicitou para que o casal White também participasse. Thiago White segou feno para conseguir dinheiro suficiente para a viagem. Foi nesta reunião que eles se encontraram com Hirã Edson pela primeira vez.

- Bates falou sobre o sábado, e Thiago White a respeito da parábola de Mateus 25:1-13.

- Havia, entretanto, tanta divergência de opinião a respeito de questões secundárias, que “difícilmente dois estariam de acordo.”

- Nesta reunião a irmã White teve uma visão na qual ela viu os erros em contraste com as verdades que se-lhes opunham; e então, com uma Bíblia erguida bem alto em sua mão, ela virava as páginas e apontava para os textos empregados para suportar estas verdades. (A . W. Spalding, Op. Cit., vol.1 , p.193). Ela admoestou os presentes a abandonarem os seus erros e a se unirem sob o fundamento da terceira mensagem angélica de Apocalipse 14:9-12.

- Todos os elementos discordantes foram harmonizados pelas belas verdades apresentadas, de maneira que o congresso finalizou triunfalmente.

3º.) Port Gibson, Nova Iorque (27 e 28 de agosto) – no celeiro de Hirã Edson.

- Este congresso foi realizado no histórico grande celeiro de Hirã Edson, onde ele, juntamente com alguns amigos mileritas, haviam-se reunido na fria manhã do dia 23 de outubro de 1844 para orarem.

- Foi nesse significativo lugar que outro congresso unificador foi realizado. Novamente a harmonia prevaleceu.

4º.) Rocky Hill, Connecticut (8 e 9 de setembro) – na casa de Alberto Belden.

- Para que pudessem assistir a este congresso, Tiago e Ellen White tiveram que deixar seu primeiro filho, Henry Nichols White (que havia nascido no dia 26 de agosto de 1847), aos cuidados da prestativa irmã Clarissa Bonfoey. (Idem, p. 194).

5º.) Topsham, Maine (20-22 de outubro) – na casa de Stockbridge Howland.

- Por este tempo a obra no Maine já estava solidificada, e os participantes deste congresso discutiram a possibilidade de publicarem um periódico. Como não haviam fundos suficientes, o projeto permaneceu sem ser executado.

6º.) Dorchester, Massachusetts (18 de novembro) na casa de Otis Nichols.

- Foi neste último “congresso sabático” que Ellen G. White teve a visão a respeito da responsabilidade em relação com a obra de publicações.

- Depois da visão Ellen disse ao seu esposo: “Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Seja pequeno a princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo.” (Vida e Ensinos, p. 127).

- Esta reunião foi decisiva para o surgimento da obra de publicações no movimento adventista-sabatista. (L.E. Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, vol. 4, pp. 1021 – 1025).

4. A importância dos “Congressos Sabáticos”

- a) “Os congressos sabáticos trouxeram um consenso geral entre os adventistas sabatistas (que provavelmente neste tempo totalizavam apenas algumas poucas centenas) em oito pontos específicos: 1) o iminente, pessoal, segundo advento premilenista; 2) o ministério de Cristo em duas fases, no santuário celestial, cuja purificação iniciou em 1844; 3) o sábado do sétimo dia; 4) a sobrenatural orientação especial de Deus através de Ellen White; 5) o dever de proclamar todas as três mensagens angélicas; 6) a imortalidade condicional e a morte como um sono inconsciente; 7) o tempo em que ocorrerão as sete últimas pragas; e 8) a final e completa extinção dos ímpios após o milênio. Muitos detalhes e ramificações destas doutrinas ficaram para serem elaborados posteriormente, porém os conceitos básicos haviam sido estabelecidos até o fim de 1848.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 69).
- b) Nesses congressos foram lançados os fundamentos da doutrina adventista do sétimo dia. Comentado a esse respeito, declara a Sra. White: “Muitos de nosso povo não compreendem quão firmemente foi lançado o fundamento de nossa fé. Meu esposo, o pastor José Bates, o Pai Pierce, o pastor Edson e outros que eram perspicazes, nobres e sinceros, achavam-se entre os que depois da passagem do tempo de 1844, investigavam a verdade como a tesouros escondidos. Reunia-me com eles e estudávamos e orávamos fervorosamente. Muitas vezes ficávamos juntos até tarde da noite, e por vezes durante a noite inteira, orando por luz e estudando a Palavra.” (Citado em: Arthur L. White, Op. Cit., pp. 83 – 85).
- c) Essa é a herança de fé que os pioneiros do movimento adventista no legaram!...

E. Nova Luz a Respeito da Doutrina da “Porta Fechada”

1. Redefinindo os conceitos a respeito da “porta fechada”

- a) “Durante estes anos formativos, os adventistas-sabatistas vagorosamente redefiniram seus conceitos a respeito da ‘porta fechada’. Bates e o casal White viam a idéia da porta fechada como estando inseparavelmente ligada com a confiança na integridade da data de 1844. Por algum tempo Ellen White interpretou a sua primeira visão como confirmando esta ligação. Contudo, ao mesmo tempo, ela reconhecia que as pessoas que não haviam ‘conscientemente rejeitado’ as verdades da mensagem do

primeiro e segundo anjos, não estavam excluídas da salvação”. (R.W. Schwarz, Op. Cit., p. 69).

- b) “Gradativamente aqueles que estavam se unindo à plataforma doutrinária, estabelecida nos congressos sabáticos, vieram a compreender a porta fechada em uma nova luz. Isto tornou-se particularmente verdade nos dias que seguiram as duas visões de Ellen White. Na primeira delas, dada em meados de novembro de 1848, Ellen viu uma expansiva mensagem avançando como ‘torrentes de luz que circundavam o mundo’. Isto certamente não se harmonizava bem com o conceito de que o tempo de graça havia terminado para todos em 22 de outubro de 1844”. (Ibidem)

2. “A Porta Aberta e a Porta Fechada”

- a) No sábado, dia 24 de março de 1849, Ellen White teve uma segunda visão significativa sobre o assunto, em uma reunião em Topsham, Maine. Nesta visão ela viu que em 1844 “Jesus havia fechado a porta do lugar santo, e que nenhum homem poderia abri-la; e que Ele havia aberto a porta para o santíssimo, e que homem algum podia fechá-la (Apocalipse 3:7 e 8); e que uma vez que Jesus abrisse a porta para o santíssimo, onde está a arca, os mandamentos têm estado a brilhar para o povo de Deus, e eles estão sendo testados sobre a questão do sábado.” (Primeiros Escritos, p. 42).

Obs.: Leia todo o relato desta visão, como aparece no livro Primeiros Escritos, pp. 42-45.

- b) Desta forma, também o controvertido tema da “porta fechada” foi colocado em sua verdadeira dimensão.

VI. A OBRA DE PUBLICAÇÕES

A . A Visão de Ellen G. White em Dorchester

1. Antecedentes

- a) Já nos primórdios do movimento adventista-sabatista, alguns artigos foram publicados em periódicos mileritas, como foi o caso do artigo de Preble sobre o sábado (no “The Hope of Israel” de 28 de fevereiro de 1845), os dois artigos de Crosier sobre o santuário (no “The Day Dawn” de abril de 1845 e no “The Day Star” de 7 de fevereiro de 1846) e outros.

- b) Foram publicados também alguns folhetos e tratados, como o folheto de Preble sobre o sábado (março de 1845), o tratado de Bates também sobre o sábado (agosto de 1846), o folheto de Tiago White intitulado “A Word to the ‘Little Flock’” (30 de maio de 1847), e outros.
- c) Porém estes eram apenas esporádicos, e ainda não havia um trabalho organizado de divulgação da mensagem através da imprensa. Para que a unificação do emergente movimento adventista-sabatista fosse consolidada, era necessário que surgisse um periódico com esse objetivo.

2. A Visão em Dorchester

- a) Conforme mencionado anteriormente, foi por ocasião do sexto congresso sabático, realizado no dia 18 de novembro de 1848, em Dorchester, Massachusetts, que foi concedida a Sra. White a visão sobre a necessidade da obra de publicações.
- b) As palavras que Ellen dirigiu a seu esposo após a visão são repletas de incentivo e de significado profético: “Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Seja pequeno a princípio; mas, lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo, e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo”. (Vida e Ensinos, p. 127)
- c) No verão de 1849, estando o casal White, residindo com a família de Alberto Belden, em Rocky Hill, Connecticut, Tiago White “ficou profundamente convencido de que chegara o tempo de ele escrever e publicar a verdade presente”. (Ibidem)

B. Os Primeiros Periódicos Adventistas do Sétimo Dia

1. “The Present Truth”

- a) Foi no mês de julho de 1849 que Tiago White trouxe para casa os primeiros mil exemplares do primeiro periódico adventista do sétimo dia, intitulado The Present Truth (A Verdade Presente).
- b) O título para o periódico derivou de II Pedro 1:12, e no editorial desta primeira edição, Tiago White escreveu: “No tempo de Pedro havia verdade presente, ou verdade aplicável àquele tempo presente. A Igreja sempre tem tido uma verdade presente. A verdade agora é aquela que revela o dever presente, e a correta posição para nós que estamos para testemunhar o tempo de angústia tal como nunca houve”. (Citado em : C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 103
- c) Várias vezes, enquanto era preparada a matéria para ser publicada, Tiago White foi a Middletown, numa distância de doze quilômetros, e voltava, a pé ; mas neste dia tomou emprestada a charrete do irmão Belden, para trazer para casa os jornais. (Vida e Ensinos p. 128)
- d) Descrevendo essa cena comovente e plena de fé, a Sra. White declara: “As preciosas páginas impressas foram trazidas para casa e postas no chão, e então um pequeno grupo de interessados ali se reuniu. Ajoelhamo-nos em redor dos jornais e, com coração humilde e muitas lágrimas, rogamos ao Senhor que fizesse Sua bênção repousar sobre aqueles mensageiros da verdade. “Depois de termos dobrado os jornais e meu marido haver embrulhado e endereçado os exemplares para todos os que ele julgava os leriam, pô-los numa malinha e, a pé, levou-os ao correio de Middletown”. (Idem, p. 128 e 129)
- e) “Entre julho de 1849 e novembro de 1850, foram publicadas 11 edições” deste “pequeno periódico, The Present Truth, que dava maior ênfase do sábado do sétimo dia, mas também incluía uma ardorosa defesa de seu ponto de vista da purificação do santuário.” (SDA Encyclopedia, p. 1208).

2. “The Advent Review”

- a) “Após o aparecimento da décima edição do The Present Truth (maio de 1850), foi publicado, com intervalos irregulares entre

agosto e novembro de 1850, o vol. 1 , nos 1 a 5 do The Advent Review, uma publicação assim intitulada porque reimprimia e revisava certos pontos de vista advogados no movimento adventista de 1844”. (Ibidem)

- b) “A sentença inicial da primeira edição dizia: ‘Nosso propósito nesta revista é animar e fortalecer o verdadeiro crente, mostrando o cumprimento da profecia na maravilhosa obra passada a Deus, em chamar e separar do mundo e das igrejas nominais, um povo que aguarda o segundo advento do querido Salvador.’” (Ibidem)
- c) “Também sob o título The Advent Review, houve uma edição Extra, publicada após o n°. 4, trazendo a data de setembro de 1850, e uma reimpressão de 48 páginas de certos artigos das primeiras edições, trazendo simplesmente a data ‘1850’ (Ibidem)

3. “Second Advent Review and Sabbath Herald”

- a) “Em novembro de 1850, da mesma casa publicadora, G.L.Mellen & Co. de Paris, Maine, saiu a última edição de cada uma das duas publicações anteriores, e o vol.1, n°. 1, do Second Advent Review and Sabbath Herald.” (Ibidem)
- b) Este novo periódico era certamente uma combinação de ambos os periódicos anteriores em um só. O próprio nome torna evidente que o seu objetivo era revisar a experiência adventista de 1843-1844 e proclamar a doutrina do sábado.
- c) Em 5 de agosto de 1851 o nome do periódico foi alterado para The Advent Review and Sabbath Herald, que continuou até ser abreviado em 4 de maio de 1861 para Review and Herald. Em 18 de março de 1871 o periódico voltou a receber o nome The Advent review and Sabbath Herald, até ser novamente alterado em 5 de janeiro de 1878 para Adventist Review, nome este que continua até hoje. Apesar das várias alterações ocorridas em relação com o seu nome, as pessoas têm comumente se referido a ele simplesmente como The Review.

4. “The Youth’s Instructor”

- a) Em agosto de 1852, Tiago White lança outro periódico mensal de 8 páginas com o nome de The Youth’s Instructor.
- b) O objetivo desse novo periódico era fortalecer aos jovens algo que os interessasse e os instruisse a evitar os males e perigos da época.
- c) Esse periódico continuou a ser publicado até abril de 1970. (SDA Encyclopedia, p. 1629)

5. “The Signs of the Times”

- a) Em 1873 Tiago White concebeu a idéia de publicar um novo periódico na Costa do Pacífico, semelhante ao The Advent Review and Sabbath Herald publicado em Battle Creek, Michigan.
- b) Assim, em 4 de julho de 1874, Tiago White – lança em Oakland, Califórnia, o primeiro número do periódico semanal intitulado The Signs of the Times (o “The” foi posteriormente suprimido do título).
OBS.: Este periódico não deve ser confundido o The Signs of The Time que José V. Himes, lançou em março de 1840 em Boston e que continuou com esse título até fevereiro de 1844.
- c) “O propósito do novo jornal foi indicado numa nota editorial na segunda edição, na qual Tiago White afirmou que o Signs of the Times era para ‘ser não apenas um expositor das profecias, um relatório dos sinais de nosso tempo, mas também um periódico sobre família religião e assuntos gerais para a família.’” (Idem, p. 1347)

C. Os Primeiros Livros Adventistas do Sétimo Dia

1. Introdução

- a) Paralela à publicação dos primeiros periódicos do movimento adventista do sétimo dia, também foram publicados um

considerável número de folheto e de livros de maior ou menor porte.

- b) Para uma idéia geral sobre as publicações desses periódicos, veja o tópico “Publishing Work” no Seventh-day Adventist Encyclopedia (revised ed.), p. 1171 e 1172.

2. Alguns dos primeiros livros publicados

- a) Em janeiro de 1849 José Bates publicou um livro intitulado A Seal of the Living God; A Hundread Forty-Four Thousand of the Serveants of God Being Sealed, in 1849 (Um Selo do Deus vivo; Cento e Quarenta e Quatro Mil dos Servos de Deus Sendo Selados, em 1849). (C.M. Maxwell, Op. Cit., p. 101)
- b) No início de 1850 surge um hinário compilado por Thiago White, contendo 48 páginas, intitulado Hymns for God's Peculiar People, that Keep the Commandments of God, and the Faith of Jesus (Hinos para o povo peculiar de Deus que Guarda os Mandamentos de Deus e a Fé de Jesus). (Ibidem)
- c) Em 1851 é publicado o livro de J. N. Andrews intitulado Thoughts on the Sabbath and the Perpetuity of the Law of God (Considerações sobre o sábado e a perpetuidade da Lei de Deus).
- d) Neste mesmo ano (1851) foi publicado o primeiro livro de Ellen G. White, intitulado A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White (Um Esboço da Experiência Cristã e Visões de Ellen G. White). O conteúdo desse livro aparece republicado no livro Primeiros Escritos, p. 11-83.
- e) Em 1852 Tiago White publicou a compilação de outro hinário, este com 112 páginas, intitulado Hymns for the Second Advent Believers Who Observe the Sabbath of the Lord (Hinos Para os Crentes do Segundo Advento que Observam o Sábado do Senhor).
- f) Neste meio tempo foram publicados outros livros e folhetos, e a obra de publicações foi crescendo mais e mais.

D. As Primeiras Editoras Adventistas do Sétimo Dia

1. “Review and Herald Publishing Association”

- a) “Embora a obra de publicações dos ASD iniciou em julho de 1849, em Middletown, Connecticut, a primeira impressora não foi adquirida até isto ocorrer em 1852, em Rochester, Nova Iorque. (SDA Encyclopedia, p. 1212)
- b) Em 1855, foi estabelecida a primeira editora adventista do sétimo dia, em Battle Creek , Michigan; Porém a incorporação da obra de publicações ocorreu somente no dia 3 de maio de 1861, ocasião em que foi oficialmente adotado o nome Seventh-day Adventist Publishing Association, que em 1884 foi acrescido do adjetivo “Central” para distinguir das outras casas publicadoras.
- c) No dia 23 de maio de 1851 foram escolhidos os primeiros dirigentes da corporação: Tiago White, presidente; G. W. Amadon, vice-presidente; E. S. Walker, secretário; Uriah Smith, tesoureiro; J. N. Loughborough, auditor. Seus primeiros editores foram: Tiago White, da Review and Herald, e G. W. Amadon, do Youth’s Instructor. (Idem, p. 1213)
- d) No dia 30 de dezembro de 1902 a casa publicadora foi totalmente destruída por um incêndio, como uma manifestação do desagrado divino; e Ellen G. White, dado à situação prevaiente em Battle Creek, declarou, por ocasião da Conferência Geral de 1903 em Oakland: “Que os escritórios da Associação Geral e a obra de publicações sejam removidos de Battle Creek. (...) Jamais coloquem uma pedra ou tijolo em Battle Creek para lá reconstruir os escritórios da Review. Deus tem um lugar melhor para ela.” (Idem, p. 1214)
- e) Após a escolha do lugar (nas proximidades de Washington, D.C.) e os devidos preparativos, “em abril de 1903 foram tomadas resoluções por ocasião da Conferência Geral em Oakland, Califórnia, para dissolver a Seventh-day Adventist Publishing Association e transferir o seu capital e os seus bens para a nova organização. A incorporação foi efetivada de acordo

com as leis do Distrito de Columbia, em 11 de agosto de 1903, sob o nome Review and Herald Publishing Association. (Ibidem)

- f) Essa tem sido a maior editora da IASD no mundo.

2. “Pacific Press Publishing Association”

- a) A obra de publicações no Oeste Americano iniciou, como já mencionado, em 1874, com a publicação do periódico intitulado The Signs of the Times, por Tiago White.
- b) Em outubro de 1874 foi feito um apelo em uma reunião campal realizada em Yountville, Califórnia, com o fim de recolher fundos para o estabelecimento de uma casa publicadora na Costa Ocidental.
- c) Com esses recursos, no dia 1º de abril de 1875 foi organizada a Pacific Seventh-day Adventist Publishing Association, tendo a J. N. Loughborough como o seu primeiro presidente.
- d) Tiago White viajou para Nova Iorque para comprar equipamentos, e também persuadiu cinco jovens treinados a irem com ele para trabalhar na nova casa publicadora.
- e) A editora teve grande impulso com a promoção e a divulgação do Signs of the Times. Desde o seu início (em 1874) até 1881, Tiago White foi seu editor, sendo depois substituído por J. H. Waggoner.
- f) “Em 1888 o nome da instituição foi mudado para Pacific Press Publishing Company. Posteriormente, em 1904, uma nova organização sem lucro e sem capital, a Pacific Press Publishing Association, foi iniciada. Entretanto, a transferência do capital da companhia para a associação sem fins lucrativos não foi completada até 25 de janeiro de 1909.” (SDA Encyclopedia, p. 1059)
- g) Essa é atualmente a segunda maior editora da IASD no mundo.

3. Outras casas publicadoras

- a) A obra de publicações cresceu rapidamente e se expandiu a tal ponto de hoje a IASD ter no mundo mais de 60 casas publicadoras. (ver SDA Encyclopedia, p. 1170)
- b) A visão de Ellen G. White no dia 18 de novembro de 1848, em Dorchester, Massachusetts, de que a obra de publicações se tornaria semelhante “a torrentes de luz” a circundarem o mundo, tem-se cumprido plenamente.

VII. A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A. Alguns Passos Significativos

1. Relutância em relação com a organização do movimento.

- a) O processo que finalmente culminou na organização da “Igreja Adventista do Sétimo Dia” foi marcado por uma série de passos sucessivos dados em meio à oposição, herdada em grande parte da experiência do movimento milerita.
- b) “Os mileritas jamais tiveram a intenção de fundar uma nova igreja. O tempo parecia demasiado curto, e não havia uma concebível necessidade de uma nova organização. O seu Senhor estava voltando, criam eles, e voltando logo. Expulsos de suas igrejas de origem, os mileritas, no outono de 1844 – 50.000 à 100.000 resolutos – mantiveram-se unidos pelos laços de uma mera esperança comum, e não por qualquer arranjo organizacional.” (L.E. Froom, Movement of Destiny, p. 134)
- c) “George Storrs escreveu antes do desapontamento, e suas palavras continuaram ecoando depois: “Cuidem para que não busqueis manufaturar outra igreja. Nenhuma igreja pode ser organizada por invenção humana sem que se torne Babilônia no momento em que é organizada.” (A .W. Spalding, Origin and History of Seventh-day Adventists, vol.1 p. 291)
- d) Muitos dos membros do movimento adventista do sétimo dia haviam passado pela experiência da expulsão dos mileritas de

suas igreja de origem, e certamente estavam familiarizados com a declaração de George Storrs; e era natural, sob tais circunstâncias, opôr-se a qualquer forma de organização eclesiástica semelhante àquelas que os trataram com tanta injustiça, sem lhes darem a oportunidade de provarem pela Bíblia a sua nova fé.

- e) “Mas na verdade a organização não pode ser imposta; ela deve surgir do próprio corpo. ...Era necessário que se criasse primeiro uma fraternidade de amor, de fé e de esperança, que se mantivesse unida e funcionasse como um corpo, não por causa de uma forma de organização imposta sobre eles, mas porque seu companheirismo os unia e tendia a formar sua associação e cooperação em formas orgânicas.” (Idem, vol.1 p. 292)
- f) Assim, “nos primórdios, quando ainda não havia a organização da igreja e nem autoridade eclesiástica entre os adventistas observadores do sábado, a manifestação do Espírito de Profecia em Ellen G. White e a fé dos crentes em sua divina vocação constituíam o único agente disciplinador do grupo, o único ponto de convergência dos crentes e a corte final de apelação.” (Idem, vol.1, p. 293).

2. A premente necessidade de uma organização

- a) A partir de 1852 o número de pessoas que não haviam pertencido ao movimento milerita, e que agora abraçam a fé na mensagem adventista do sétimo dia, foi crescendo mais e mais. Também haviam os que pendiam para o fanatismo, uma vez que não havia uma organização para discipliná-los; e não havia um registro organizado de membros e de congregações.
- b) Por outro lado, os pastores e pregadores não possuíam salários devidamente controlados – alguns recebiam razoáveis recursos financeiros e outros tinham que lutar arduamente para sobreviverem com os limitados recursos recebidos.
- c) De modo semelhante, as propriedades do movimento (especialmente os terrenos sobre os quais haviam sido construídas as igrejas) ainda não estavam assegurados por uma

organização legal. As igrejas eram construídas sobre propriedades particulares e, por vezes, o proprietário do terreno apostatava e levava consigo o prédio construído com o esforço dos irmãos.

- d) Descrevendo as necessidades da época, declara Ellen G. White:
“Aumentando o nosso número, tornou-se evidente que sem alguma forma de organização, haveria grande confusão, e a obra não seria levada avante com êxito. A organização era indispensável para promover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como os ministros para a conservação das propriedades da igreja, para publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins.” (Testemunhos Para Ministros, p. 26)
- e) Porém o estabelecimento da organização foi acompanhado de árduos e decididos esforços. Diz Ellen G. White: “Tivemos árdua luta para estabelecer a organização. Apesar de o Senhor dar testemunho após testemunho a tal respeito, a oposição era forte, e teve de ser enfrentada repetidas vezes.” (Ibidem)

3. A nomeação de diáconos

- a) Já nos primórdios da igreja apostólica, multiplicando-se o número de crentes, surgiu também a necessidade da escolha de diáconos para os cuidados da igreja (Atos 6:1-7).
- b) “A primeira evidência de organização entre os adventistas observadores do sábado foi a nomeação ou eleição de diáconos em cada grupo ou igreja. Esta prática começou em 1853, na própria igreja de José Bates em Fairhaven, e em Dartmouth, Massachusetts, bem como em Jackson e Sylvan, Michigan.” (A. W. Spalding, Op. Cit., vol.1, p. 294)
- c) “O diácono era geralmente o único oficial da igreja, e parece haver unido em Si mesmo as funções de ancião e diácono, exceto quando, com intervalos irregulares, um ministro pudesse visitá-los. Sem dúvida, a principal razão apresentada para a nomeação de diáconos era que eles podiam cuidar da celebração

das ‘ordenanças da casa do Senhor’ a ceia do Senhor e ‘a ordenança da humildade’ ou o lava-pés –visto que a visita do pastor podia ocorrer com um intervalo de um ano ou mais.” (Ibidem)

- d) Com base em algumas orientações do apóstolo Paulo (Tito 1:5; I Tim. 3:1-13 ; Ef. 4:8-13 ; etc.) tornou-se evidente que haviam tanto anciões como diáconos. Assim foram nomeados também anciãos.

4. As credenciais e a ordenação de ministros

- a) Surgindo também a necessidade de identificar e certificar os pregadores públicos do movimento, Tiago White e José Bates resolveram o problema “emitindo um cartão de certificado, assinado por eles mesmos como ‘ministros dirigentes’, para qualquer pregador que desse evidências de aptidão. Posteriormente tais cartões era assinados também por J.N.Loughborough, e talvez por outros ministros da linha de frente.” (Idem, vol.1, p. 294-295)
- b) Em meio aos líderes do movimento adventista do sétimo dia estavam alguns ministros que já haviam sido ordenados em outras igrejas : Tiago White, em 1843 na denominação Cristã; Frederick Wheeler e John Byington, na igreja Metodista; A .S. Huxhins, na igreja Batista da Livre Vontade; e outros mais. (Idem, vol.1 , p. 295)
- c) Em 1854 a senhora White escreveu: “Homens de vida não santificada e não qualificados para ensinar a verdade presente entram no campo sem ser reconhecidos pela igreja ou pelos irmãos em geral, e o resultado é confusão e desunião. (...) ‘A igreja precisa acorrer para a palavra de Deus e estabelecer-se na ordem evangélica que tem sido subestimada e negligenciada.’ Isto é necessariamente indispensável para levar a igreja à unidade da fé.” (Primeiros Escritos, p. 97 e 100)
- d) “Numa série de quatro artigos na Review and Herald naquele mesmo ano, Tiago White escreveu a respeito da ‘Ordem Evangélica’. No terceiro desses artigos ele defendeu a

ordenação de ministros pela ‘imposição das mãos’. O conselho frutificou. Em algumas instâncias sabe-se da ocorrência de ordenações na fé adventista do sétimo dia.” (A . W.Spalding, Op. Cit., vol. 1 p. 295)

5. O plano da “Benevolência Sistemática”

- a) “Uma questão importante era como sustentar equitativamente os ministros. A prática incerta de confiar na liberalidade dos adeptos resultou em desigualdade, variando de acordo com o apelo da personalidade dos pregadores, e em nenhum dos casos havia superabundância. (...) Em realidade, o pagamento de um pregador era muitas vezes uma medida de trigo, a metade de um porco, ou ‘um pedaço de um peixe assado e de um favo de mel’. Os líderes perceberam que chegara o tempo para o estabelecimento de um plano mais eficaz.” (Idem, vol.1 , p. 296)
- b) Ellen G. White, descrevendo em 1857 uma visão que tivera, declarou que dos cristãos do passado era requerido “um espírito de liberalidade”, devendo “consagrar ao Senhor uma parte de todos os seus ganhos”; mas dos cristãos que estão vivendo nos últimos dias Deus requer um verdadeiro sacrifício. (Testimonies, vol.1, p. 170)
- c) Em abril de 1858, J. N.Andrews formou uma classe bíblica na casa de J.N. Loughborough, em Battle Creek, em busca de luz para o sustento do ministério. (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 145). O grupo chegou a conclusão de que o plano bíblico consistia em doações regulares e promocionais (I Cor. 16:2), e recomendaram um plano de “‘Beneficência Sistemática’ baseado no princípio do dízimo.”
- d) Em janeiro de 1859 o plano foi adotado pela igreja de Battle Creek, em uma reunião destinada a tratar do assunto. Nesta mesma ocasião a igreja votou incentivar outras igrejas a participarem do plano, recomendando contribuições semanais, de acordo com a possibilidade do doador. Cada membro que tivesse de 18 a 60 anos de idade deveria participar com uma

contribuição semanal de 5 a 20 centavos de dólar para os homens, e de 2 a 10 centavos para as mulheres; e para aqueles que possuíam propriedades, de 1 a 5 centavos para cada 100 dólares de seu valor. (SDA Encyclopedia, p. 1453)

- e) Ainda na reunião anteriormente mencionada, foram escolhidos os irmãos J.N. Andrews, Tiago White e J.B. Frisbie para estudarem mais detidamente o assunto da contribuição sistemática, cujas conclusões foram publicadas na Review and Herald do dia 3 de fevereiro de 1859. O tema foi então apresentado na assembléia Geral reunida em Battle Creek, de 3-6 de junho do mesmo ano, que a adotou e recomendou para as igrejas. (A . W.Spalding, Op. Cit., vol.1, p. 296) . Esta assembléia fez também pequenas alterações nos valores anteriores propostos para as contribuições semanais. (SDA Encyclopedia, p. 1453)
- f) Para solucionar a questão do recebimento das doações, foi determinado pela Review que as igrejas escolhessem tesoureiros, os quais deviam conservar 5 dólares para o auxílio de ministros itinerantes e enviar o restante para a tenda evangelística. (A .W.Spalding, Op. Cit., vol.1, p. 297)
- g) A partir deste começo, o movimento foi gradativamente solidificado mais e mais o seu sistema financeiro. Muito embora já houvessem referências ao dízimo nesta época, “os adventistas só desenvolveram esse conceito de manutenção do ministério com base num dízimo integral vinte anos depois.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 146)

B. A Escolha de um Nome

1. A formação de uma corporação legal

- a) No final da década de 1850 o movimento adventista possuía três tipos de propriedades: tendas, alguns edifícios de igrejas locais, e a casa publicadora de Battle Creek. Não haviam muitas dificuldades para que um ministro desonesto se apossasse de uma tenda. As igrejas estavam localizadas sobre

propriedades particulares, o que era um grande risco. Por sua vez, a editora estava legalmente em nome de Tiago White.

- b) Tiago White jamais pensara em apostatar, mas havia os problemas relacionados com a herança. Se ele morresse, o Estado de Michigan manteria a editora “sob custódia, pelo menos até que Henrique White, que tinha treze anos de idade em 1860, atingisse vinte e um, ocasião em que, concebivelmente poderia ter renunciado à fé, levando a editora com ele; ou poderia ter morrido, complicando a questão de outra forma. E como se viu mais tarde, Henrique realmente morreu quando tinha dezesseis anos.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 147)
- c) Chegara o tempo em que a formação de uma corporação legal era inevitável; porém muitos se opunham, alegando que isso seria uma união entre Cristo e César, ou seja, entre a Igreja e o Estado.
- d) De 28 de setembro a 1o. de outubro de 1860 foi realizada uma das mais significativas assembléias gerais da época, convocada por J.N.Andrews, Uriah Smith, J.H.Waggoner e Tiago White.
- e) Nesta ocasião J.N. Andrews propôs que, “Com o fim de possuir propriedade, a igreja não precisava organizar-se legalmente como uma igreja, mas deveria apontar representantes numa ‘associação’ que pudesse ser incorporada legalmente. (...) Após dois dias de debates (...) um estatuto simples para uma associação de publicações (ainda sem um nome foi votado.” (Idem, p. 148)

2. A escolha do nome para essa corporação

- a) “Mas sob as leis de Michigan nenhuma associação poderia ser aprovada sem um nome...” (Ibidem). Assim sendo, tornaram-se inevitáveis as discussões em torno da escolha de um nome.
- b) Roswell F. Cottrell (1814 – 1892) havia se oposto abertamente a um artigo que Tiago White publicara na Review

and Herald de 23 de fevereiro de 1860, mostrando a necessidade de a igreja assegurar suas propriedades. Cottrell alegara que tornar “célebre o nosso nome” (Gên. 11:4) e ter qualquer organização legal seria tornar-se parte de Babilônia. Muito embora ele houvesse mudado posteriormente de opinião, foi necessário muito esforço para desfazer da mente das pessoas essa influência prejudicial.

- c) As pessoas da época referiam-se aos adventistas sabatistas como: “Seventh-day people”, e “Sabbathkeeping Adventist” e “Shut-door Seventh-day Sabbath and Annihilationists”, para mencionar apenas alguns. Eles referiam-se a si mesmos como “o remanescente”, “o rebanho disperso” ou “a igreja de Deus”. (R.W.Schwarz, Op. Cit., p. 94 e 95)
- d) No último dia das reuniões da assembléia de Battle Creek, a comissão decidiu que deveriam adotar um nome. Ao ser proposta a escolha de um nome, “a Igreja de Deus’ teve muitos defensores. J.B.Frisbie o havia promovido desde 1854; Tiago White revelou-o como sua escolha no verão de 1869. T.J.Butler insistiu em favor dele, recusando aceitar qualquer outro. Porém vários outros julgavam que ‘Igreja de Deus’ soava presunçoso demais; sendo também já usado por outros grupos. Os delegados eram favoráveis a um nome que identificasse claramente as principais doutrinas mantidas. Que nome seria melhor do que Adventista do Sétimo Dia ?” (Idem, p. 95)
- e) David Hewitt finalmente tomando a iniciativa propôs: “Resolvido que adotemos o nome de Adventista do Sétimo Dia”. “Adotemos o nome”, contudo, soava muito parecido com “tornemos célebre nosso nome”, e a fim de enfrentar os inescrutáveis escrúpulos dos que ainda não estavam convencidos, a proposta foi retirada e substituída pela resolução, “que nos chamemos Adventistas do Sétimo Dia’.” (C.M.Maxwell , Op. Cit., p. 148 e 149)
- f) Obs.: David Hewitt (1805 – 1878) foi o primeiro converso adventista do sétimo dia de Battle Creek, Michigan. Sua conversão é famosa na nossa história denominacional, pelo fato de em 1852 José Bates haver-se dirigido a Battle Creek e,

após indagar ao chefe do correio a respeito do “homem mais honesto da cidade”, este lhe indicou David Hewitt. Bates estudou com Hewitt o qual foi, depois, por ele batizado.

- g) Portanto, no dia 1º de outubro de 1860 foi escolhido com apenas um voto contrário, o nome Adventistas do Sétimo Dia.”
- h) A escolha deste nome recebeu aprovação do Espírito de Profecia:
 - “O nome Adventista do Sétimo Dia exibe o verdadeiro caráter de nossa fé, será próprio para persuadir aos espíritos indagadores. Como uma flecha da aljava do Senhor fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no Senhor Jesus Cristo”.(Testemunhos Seletos, vol.1 p. 80)
 - “Não podemos adotar outro nome que se enquadre melhor do que esse que concorda com a nossa profissão, exprime a nossa fé e nos caracteriza como um povo peculiar.” (Idem, p. 79)

C. A Organização da Associação Geral

1._Alguns passos importantes

- a) “Em maio de 1860, os crentes de Parkville, Michigan, satisfizeram os requisitos do Estado ao organizar a igreja que veio a ser a primeira legalmente organizada dos Adventistas do Sétimo Dia. Sendo que o corpo de crentes ainda não havia adotado um nome, o grupo resolveu chamar-se ‘Igreja de Parkville, da Segunda Vinda de Cristo.’ (História de Nossa Igreja, p. 224; R.W.Schwarz, Op. Cit., p.93).
- b) No dia 3 de maio de 1861 foi organizada e incorporada sob as leis do Estado de Michigan, a “Associação de Publicações Adventistas do Sétimo Dia”, que foi a primeira corporação legal da denominação. (A .W. Spalding, Op. Cit., vol.1 p.303)

- c) “Na primavera de 1861, os dirigentes de Battle Creek recomendaram que as várias congregações reunidas se organizassem sob o nome “Adventistas do Sétimo Dia”. (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 149)
- d) “Em outubro de 1861, uma assembléia dos obreiros de Michigan, reunidos em Battle Creek, organizaram a Associação de Michigan com José Bates como presidente e Uriah Smith como secretário. Isto, foi, na verdade, apenas uma organização experimental, e as igrejas constituintes não foram formalmente recebidas pela associação até a próxima reunião, no início de 1862; porém as recomendações desta associação foram nesse meio tempo aceitas e seguidas no Estado, e ela foi reconhecida como a Sessão nº 1 da Associação de Michigan, a primeira associação a ser organizada entre os adventistas do sétimo dia.” (A .W. Spalding Op. Cit., vol.1, p. 305)
- e) “Em 1862 as congregações em vários outros Estados formaram associações estaduais. Michigan completou sua formação em outubro de 1862 na igreja de Monterey, elegendo um leigo, Guilherme S. Higley, como seu primeiro presidente.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 149)
- f) Assim, para a formação da Associação Geral havia apenas um passo a ser dado.

2. A organização de uma Associação Geral

- a) De 20-23 de maio de 1863 os delegados das novas associações, representando cinco outros Estados além de Michigan, reuniram-se em Battle Creek, para formularem os estatutos simples para uma associação geral, bem como para elegerem os seus oficiais.
- b) “A comissão de nomeações apresentou os seguintes oficiais: Presidente: Tiago White; Secretário: Uriah Smith; Tesoureiro: E.S.Walker; Comissão Executiva: Tiago White, John Byinton e J.N.Loughborough. “ O relatório foi aceito por unanimidade, mas o pastor White declinou de servir como

presidente, sentindo que em vista de sua proeminente defesa do estabelecimento de uma organização definida, seria melhor se o posto de maior responsabilidade fosse preenchido, pelo menos no primeiro ano, por outro homem. John Byington foi conseqüentemente eleito em seu lugar. “Assim foi adotada uma forma representativa de organização...” (M.E.Olsen, Origin and Progress of Seventh-day Adventists, p . 252 e 253)

- c) Dois anos depois, em 1865, Tiago White aceitou a presidência da Associação Geral, servindo nessa função, com pequenos intervalos, durante 10 anos.
- d) A respeito da autoridade da assembléia da Associação Geral, a irmã White escreveu em 1875: “Fui muitas vezes instruída pelo Senhor de que o juízo de homem algum deve estar sujeito ao juízo de outro homem qualquer. Quando, porém, o julgamento da Associação Geral, que é a mais elevada autoridade que Deus tem sobre a Terra, é exercido, a independência e o juízo privados não devem ser mantidos, mas submetidos.” (A Igreja Remanescente, p. 66)

D. A importância da Organização

1. De acordo com a Bíblia

- a) No Antigo Testamento aparece, a partir do Êxodo, um modelo prefeito de organização do povo de Deus, que vai se desenvolvendo mais e mais, sob a orientação divina, até o final estabelecimento da Terra Prometida.
- b) No período do Novo Testamento encontraremos o progressivo desenvolvimento da Igreja Cristã especialmente no livro de Atos e nas Epístolas. Das decisões do concílio de Jerusalém (Atos 15) e de outros textos (Fil. 4:11-16; etc.) pode-se inferir que a igreja apostólica, já nos seus primórdios, era um corpo orgânico organizado. Os apóstolos não sancionavam a independência individual (Gál. 1:8; II João 10, etc.)

2. De acordo com o Espírito de Profecia

- a) Muitos crêem que, porque no período apostólico da igreja ainda não havia uma estrutura organizacional como possuímos hoje, ela se torna dispensável. Realmente, nos primórdios do movimento adventista, como nos primórdios da igreja cristã, ela não era tão necessária quanto após o seu crescimento e desenvolvimento.
- b) “Ninguém acaricie o pensamento de que podemos dispensar a organização. A ereção desta estrutura custou-nos muito estudo e orações em que rogávamos sabedoria, e as quais sabemos que Deus ouviu. Foi a mesma edificada por Sua direção, por meio de muito sacrifício e contrariedade. Nenhum de nossos irmãos esteja tão iludido que tente derribá-la, pois acarretaria assim um estado de coisas que nem é possível imagina-se. Em nome do Senhor declaro-vos que ela há de ser firmemente estabelecida, robustecida e consolidada .” (Testemunhos Para Ministros, p. 27 e 28)
- c) “Deus tem na Terra uma igreja que é Seu povo escolhido, que guarda os Seus mandamentos. Ele está guiando, não ramificações transviadas, não um aqui e outro ali, mas um povo.” (Testemunhos Seletos, vol. 2 p. 362)
- d) “Não podemos agora entrar para qualquer organização nova; pois isto significa apostatar da verdade.” (Idem, vol. 2, p. 362)
- e) “Sei que o Senhor ama Sua Igreja. Ela não deve ser desorganizada ou esfacelada em átomos independentes. Não há nisto a mínima coerência; não existe a mínima evidência de que tal coisa venha a se dar. Aqueles que derem ouvidos a essa falsa mensagem e procurarem fermentar outros, serão enganados e preparados para receber mais avançados enganos, e virão a nada.” (A Igreja Remanescente, p. 60)
- f) “Não há necessidade de duvidar, de temer que a obra não terá êxito. (...) Tenhamos fé em que Deus há de pilotar seguramente ao porto a nobre nau que conduz o povo de Deus.” (Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 363)

VIII. A REFORMA PRÓ-SAÚDE

A . José Bates – O Pioneiro da Temperança

- a) José Bates (1792 – 1872) pode ser considerado seguramente o pioneiro da temperança entre os adventistas do sétimo dia. Muito antes de se unir ao Movimento Milerita, Bates já se dedicava a seguir os princípios da temperança e da reforma pró-saúde.
- b) “Em 1821 Bates abandonou o uso de bebidas fortes. No ano seguinte ele decidiu não mais tomar vinho, e pouco depois deixou de fumar e mascar tabaco, bem como de usar linguagem profana. Antes de 1838 ele havia abandonado o uso de chá e café, e em 1843 ele deixou de usar alimentos cárneos. Previamente ele havia suspenso o uso de manteiga, gordura, queijo, tortas, bolos requintados e condimentos.” (SDA Encyclopedia, p. 132)

2. Sua influência na reforma da temperança

- a) Após o seu batismo, tornou-se membro da igreja Cristã de Fairhaven, Massachusetts, e propôs ao pastor que se unisse a ele na organização de uma sociedade local de temperança. A proposta foi aceita, e em 1827 Bates colaborou para a organização de uma das primeiras sociedades de temperança dos Estados Unidos. (R.W.Schwarz, Op. Cit., p. 105)
- b) “Em sua viagem seguinte, o capitão convertido fixou regras à tripulação (do seu navio). Proibiam-se as imprecações e blasfêmias, os homens se deviam chamar entre si por seu nome de batismo, não se dava licença para ir à terra aos domingos e era proibido levar para bordo qualquer bebida embriagante. Estas ordens eram muito estritas, mas os resultados, foram benéficos. Vários membros da tripulação aceitaram o modo de pensar do capitão.” (História de Nossa Igreja, p. 209).

- c) “Desta forma, antes de os adventistas do sétimo dia serem organizados num grupo religioso José Bates era um defensor entusiasta dos princípios de saúde que este grupo veio a aceitar com o tempo”. (SDA Encyclopedia, p. 132)

B. As visões de Ellen G. White

- Duas visões de Ellen G. White foram muito significativas no que diz respeito à temperança e a reforma pró-saúde:

1. A visão em Otsego, Michigan (6 de junho de 1863)

- a) O dia 21 de maio de 1863 havia sido significativo, pois nesse dia fora organizada a Associação Geral; e pouco mais de duas semanas depois outro acontecimento importante para a história denominacional ocorria: a primeira visão de Ellen G. White sobre a obra pró-saúde, na casa do irmão A . Hilliard, em Otsego, Michigan, no dia 6 de junho de 1863. (Dores Eugene Robinson, The Story of Our Health Message, p. 75-85)
- b) Nessa época os nossos pioneiros estavam tão ocupados com a proclamação da mensagem que pouco se interessavam em questões de saúde.
- c) “Os White haviam-se reunido no lar de um dos crentes de Otsego, Michigan, para fazer o culto de sexta-feira à tarde. Enquanto a Sra. White orava fervorosamente, pedindo que Deus restabelecesse seu esposo, foi arrebatada em visão. Foi-lhe mostrado que era dever de seu marido cuidar da própria saúde, e foram-lhe em seguida revelados princípios básicos da reforma pró-saúde: o perigo do uso de drogas tóxicas, o dano do chá, do café, fumo, álcool e alimentos cárneos; os benefícios do vestuário higiênico, o valor de um regime simples e são; do exercício, do descanso, sol e ar puro; a utilidade do emprego correto da água no tratamento do enfermo; e o valor de confiar no poder divino. Viu a estreita relação entre a saúde física e o bem-estar espiritual que conduziriam a uma vida feliz na Terra e ao preparo para a vida por vir. Dessa maneira chegou a mensagem pró-saúde a

ser parte integrante da verdade adventista. (História de Nossa Igreja, p. 447)

2. A visão em Rochester, Nova Iorque (25 de dezembro de 1865)

- a) “O pastor Tiago White foi eleito presidente da Associação Geral em 1865. A Guerra Civil está chegando ao fim, e ele também, na época chegava ao fim de sua maravilhosa provisão de energia. Um derrame deixou-o parcialmente paralisado. (...) Após duas semanas de orações especiais em favor do Pastor White, os crentes em Rochester passaram o dia 25 de dezembro, o Natal de 1865, em jejum e oração pelo retorno de sua saúde. Deus respondeu, concedendo-lhes (e ao mundo) um impressionante presente de Natal.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 223 e 224)
- b) “Numa visão naquele dia, Ellen White viu que o tratamento de completo repouso sem religião era inteiramente errado e que os adventistas deveriam estabelecer sua própria instituição de hidroterapia e vegetarianismo em que um sistema apropriadamente equilibrado de tratamento sob o temor de Deus pudesse fazer-se disponível não somente aos adventistas como ao público em geral, em que pudessem ser tratados não só com remédios sensatos, mas onde também fossem ensinados a ‘cuidar de si mesmos e assim evitar a doença’.” (Idem, p. 224)

C. O Sanatório de Battle Creek

1. O estabelecimento da primeira instituição de saúde

- a) Seguindo as instruções recebidas na visão de Rochester, no Natal de 1865, planos começaram a ser feitos para o estabelecimento de uma pequena instituição de saúde.
- b) “Em resposta a um pedido apresentado à assembléia geral de 1866, os irmãos reuniram o dinheiro necessário para estabelecer esse ‘lar para os doentes’. Compraram e

remodelaram uma residência na Rua Cass em Battle Creek, mais ou menos próxima dos escritórios da ‘Review and Herald’.” (História de Nossa Igreja, p. 449)

- c) O plano foi concretizado, e no dia 5 de setembro de 1866 o “Instituto Ocidental de Reforma Pró-Saúde” (Western Health Reform Institute) abriu suas portas para os pacientes, sob a supervisão do Dr. Horatio S.Lay. (SDA Encyclopedia, p. 136)
- d) Comentando a respeito da fundação desse instituto de saúde, declara M.E.Olsen: “A abertura do Instituto Pró-Saúde marca o início de uma nova era na história do desenvolvimento de nossa obra. Ela não somente deu considerável expressão externa aos princípios de saúde como um aspecto definido de nossa crença denominacional, mas também supriu um meio eficaz de propagação destes princípios. Ela representa, da parte dos adventistas, uma nova e mais ampla visão das necessidades do mundo, e do dever que repousa sobre a igreja cristã de suprir tais necessidades. O ministério de cura realizado por Cristo era visto como uma manifestação do divino amor que deveria continuar no mundo através da ação da igreja. A prática de princípios de saúde e o uso de simples meio hidropáticos de tratamento de doenças são considerados meios de cooperação com o poder divino, que somente pode curar verdadeiramente. A doença era vista como um resultado da transgressão das leis naturais; e o dever e o privilégio dos cristãos de obedecerem a todas estas leis, e ensinar outros a obedecê-las, parecia ser uma parte do evangelho eterno.” (Origin and Progress of Sevent-day Adventists, p. 269 e 270)
- e) “O Instituto Ocidental de Reforma Pró-Saúde, foi incorporado legalmente no dia 9 de abril de 1867. O infeliz resultado de sua incorporação sob uma lei para companhias comerciais foi a limitação de seu título para 30 anos, uma provisão que mais tarde causou muitas dificuldades sobre a administração e o controle da instituição, e que finalmente levou o sanatório a separar-se da igreja.” (SDA Encyclopedia, p. 136)

2. A primeira revista sobre saúde

- a) Após a primeira visão de Ellen G. White sobre a reforma pró-saúde (6 de junho de 1863) vários artigos e folhetos foram publicados sobre o assunto. (Ver: D.E. Robinson, The Story of Our Health Message, p. 86-111). Faltava, porém, um periódico específico, que divulgasse esses princípios de saúde e temperança para o público em geral.
- b) Assim, para difundir os princípios de saúde, e seus muitos benefícios, em agosto de 1866, poucos dias antes da abertura do “Instituto Ocidental de Reforma Pró-Saúde”, foi lançada uma revista mensal denominada “Health Reformer”(O Reformador da Saúde). O periódico era publicado em nome do referido instituto, sendo o seu primeiro editor o próprio Dr. Horatio S. Lay. Mais tarde a revista passou a chamar-se “Good Health” (Boa Saúde).

3. John Harvey Kellogg (1852 – 1943)

- a) “O doutor J.H. Kellogg, estimulado e ajudado financeiramente pelo pastor White, diplomou-se no melhor hospital do país, o hospital Bellevue, em Nova York, e se uniu ao corpo de obreiros dde Battle Creek em 1875. No ano seguinte tornou-se diretor médico. Com o decorrer dos anos, com a bênção especial de Deus, esse notável médico, cirurgião e escritor, desenvolveu a obra médica, levando-a a um elevado grau de êxito.” (História de Nossa Igreja, p. 450)
- b) Em 1877, após algumas ampliações, o instituto passou a ser denominado “Sanatório Médico e Cirúrgico”, sendo posteriormente conhecido apenas como o “Sanatório de Battle Creek.”
- c) Dentre os vários empreendimentos do Dr. Kellogg no Sanatório de Battle Creek, destacam-se os seguintes:

Em 1878 começo da Escola de Higiene, com o fim de instruir os alunos de medicina antes de ingressarem nas universidades;

Em 1883 implantação de curso de preparo de enfermeiras;

Em 1889 iniciou a Escola Missionária de Saúde e Temperança, para preparar superintendentes, enfermeiras e cozinheiras;

Em 1895 criou o Colégio Médico-Missionário Americano, com instituições em Chicago e Battle Creek. (Idem, p, 453 e 454)

- d) No início deste século o Dr. Kellogg distanciava-se cada vez mais da igreja, e com ele levava junto o Sanatório de Battle Creek. No dia 18 de fevereiro de 1902 a instituição foi completamente destruída pelo fogo, em demonstração do desagrado divino em face das circunstâncias que haviam tomado lugar. Kellogg novamente reconstruiu o sanatório, assumindo finalmente o controle absoluto da instituição.

4. Conclusão

- a) Apesar do triste final de sua história, “Battle Creek será sempre um nome relacionado com o estudo da medicina e o sanatório. Foi a instituição-mãe de um sistema de empresas médico-missionárias estabelecidas em todo o mundo. A fundação do Instituto Ocidental de Reforma Pró-Saúde abriu um novo meio para ajudar fisicamente a humanidade e ao mesmo tempo ganhar o povo com a mensagem adventista.” (Idem, p. 449)

IX. A OBRA EDUCACIONAL

A . A Educação Adventista nos Seus Primórdios

1. Introdução

- a) “Os adventistas do sétimo dia tornaram-se conscientes do valor da educação, mas não se originaram desta maneira. Eles começaram, na verdade, com pouca impressão de que qualquer educação fosse necessária, além da instrução nos

princípios fundamentais de sua fé. O Senhor logo voltaria, e nenhuma criança cresceria nesta terra até atingir a maturidade; nenhum mensageiro do advento necessitaria de preparo acadêmico se conhecesse sua Bíblia. As escolas, como todos os outros empreendimentos humanos, pereceriam, e os remidos entrariam em um curso mais elevado, o início do qual neste mundo era ‘a verdade’.” (A . W.Spalding, Op. Cit., vol. 2, p. 91)

- b) O tempo passou, e Jesus não veio!... As crianças adventistas voltaram a freqüentar as escolas públicas; mas, como o movimento adventista depois do desapontamento havia-se tornado impopular, essas crianças eram discriminadas e ridicularizadas pelas crianças de outras religiões. Esta situação, somada às “influências imorais e irreligiosas que prevaleciam em muitas escolas públicas, levou muitos pais a pensarem seriamente a respeito da educação de seus filhos.” (E.M. Cadwallader, A History of Seventh-day Adventist Education, p. 5)

2. As escolas dos lares

- a) “Sob tais circunstâncias os adventistas sabatistas voltaram-se a um recurso: a escola do lar, ensinada por um de seus próprios membros. Os líderes da igreja já aparentemente não faziam algum esforço sistemático para encorajar o desenvolvimento de tais escolas.” (R.W. Schawarz, Op. Cit., p. 120)
- b) Muito embora tais escolas não pudessem oferecer as mesmas condições e a mesma estrutura das escolas públicas, Tiago White cria todavia que seria melhor para as crianças serem “instruídas no lar pelos pais ou por um tutor observador do sábado.” (Ibidem)
- c) Assim, a escola do lar era uma pequena instituição que podia surgir ou desaparecer de acordo com as necessidades e as condições da própria família.

3. Os primeiros esforços em direção às Escolas Paroquiais

- a) A primeira escola adventista começou em 1853, em Buck's Bridge, Nova York, no lar do pastor John Byington, que mais tarde tornou-se o primeiro presidente da Associação Geral. Sua filha Martha Byington, foi primeira professora da escola. No ano seguinte foi Lucinda Paine quem lecionou, e no terceiro e último ano foi o professor John Fletcher Byington, irmão de Martha. (História de Nossa Igreja, p. 423)
- b) Em 1857, Eliza H. Morton iniciou uma escola junto às dependências da igreja de Battle Creek, que continuou por apenas um ano. John Fletcher Byington, filho do pastor John Byington, reabriu a escola em 1860, mas continuou por apenas um ano. John Fletcher Byington, filho do pastor John Byington, reabriu a escola em 1860, mas continuou por pouco tempo, porque o professor resolveu estudar medicina. (A.A.Spalding, Op.Cit., vol. 2, p.113 e 114)

B. O Estabelecimento da Obra Educacional

1. A escola de Battle Creek

- a) “Porém a verdadeira eficaz, sólida e progressiva obra educacional dos adventistas do sétimo dia iniciou com a vinda de Goedloe H. Bell para Battle Creek em 1866-67. Este homem recém casado de 34 anos de idade, e notavelmente auto-educado, havia-se tornado uma figura educacional de certa proeminência no sistema de escolas públicas do Estado de Michigan.” (Idem, vol. 2, p. 115)
- b) O professor Bell cativou a simpatia de algumas crianças da vizinhança, ao auxiliá-las nos problemas escolares. Entre as crianças estavam Edson e Willie, filhos de Tiago White, que lhe expressaram o desejo de que este homem fosse seu professor.
- c) Cientes do seu bom conceito, a Associação Geral passou a interessar-se na possibilidade de estabelecer uma escola, valendo-se do talento de Bell. Os planos tornaram-se

realidade, e no dia 3 de junho de 1872 foi aberta a primeira escola oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, funcionando no prédio onde inicialmente fora instalada a Review and Herald, em Battle Creek, e tendo a Goedloe H. Bell como o primeiro professor. (Idem, vol.2, p. 116)

- d) A escola de Battle Creek iniciou com 12 alunos matriculados, mas logo o número cresceu a tal ponto de ser transferida para um local mais amplo, a nova igreja de Battle Creek. Sem dúvida, o trabalho deste professor, sob o favor de Deus e a orientação do Espírito de Profecia, foi muito próspero.

2. O Colégio de Battle Creek

- a) Ainda em 1872 os líderes da Associação Geral conscientizaram-se da necessidade de ser estabelecida um colégio denominacional para a formação de obreiros.
- b) Os testemunhos da irmã White e as exortações de Tiago White eram um grande estímulo, e os irmãos lançaram-se com grande entusiasmo neste projeto. Ao ser escolhido o local nos subúrbios de Battle Creek, a irmã White não concordou, e o professor Bell a apoiava neste sentido. Deveria ser uma propriedade rural, onde houvesse terra suficiente para o cultivo.
- c) Mas, apesar das advertências da Sra. White, foi comprado esse terreno de 13 acres, dos quais 5 ou 6 foram vendidos em lotes para residências. Quando a Sra. White soube da compra do terreno, ela chorou! Essa propriedade não correspondia aos objetivos educacionais que deveriam ser desenvolvidos.
- d) “Uma organização foi efetivada para assegurar a propriedade, e incorporada em março de 1874 como ‘The Educational Society of the Seventh-day Adventist’. Durante o verão e o outono o edifício principal foi levantado: uma estrutura de tijolos na forma da cruz grega, de três andares. Este edifício foi dedicado no dia 3 de janeiro de 1875, porém já estava sendo ocupado desde o início de dezembro.” (Idem, p. 120)

- e) Quando o colégio foi aberto em seu novo local, no início de 1875, a sua administração era composta da seguinte maneira: Presidente: Tiago White; Diretor: Sidney Brownsberger; Chefe do departamento de Bíblia: Uriah Smith; Chefe do departamento de inglês: G.H.Bell. Em realidade o professor Brownsberger foi o primeiro presidente do Colégio de Battle Creek. (Idem, p. 121)
- f) Por ocasião da assembléia da Conferência Geral de 1901, foi aprovada a transferência do colégio para Berrien Springs, Michigan. Após ser transferida, a instituição recebeu o nome de “Emmanuel Missionary College”. Este nome continuou até que em 1960 a instituição passou a chamar-se de “Andrews University”, em honra a John N. Andrews.

3. Outras instituições educacionais

- a) Em 1882 foi fundado o “South Lancaster Academy”, situado em South Lancaster, Massachusetts, que a partir de 1922 recebeu o nome de “Atlantic Union College.”
- b) Também em 1882 foi fundado em Healdsburg, Califórnia, o “Healdsburg College”. Em 1906 foi adotado o nome de “Pacific Union College”, e em 1909 a instituição foi transferida para Angwin, Napa Country, Califórnia.
- c) Em abril de 1897 foi aberta a escola-modelo, construída sob a orientação da Sra. White, conhecida como “Avondale College”, cerca de 120 quilômetros de Sydney Austrália.
- d) Em 1905 foi fundado o “Loma Linda College of Evangelists”, em Loma Linda, Califórnia. Em 1909 a instituição recebeu o nome de “College of Medical Evangelists”, que a partir de 1961 passou a chamar-se “Loma Linda University”.
- e) Estas são apenas algumas das inúmeras instituições educacionais que começaram a se espalhar através de todo o mundo.

4. Conclusão

- a) Desta forma a Igreja Adventista do 7º Dia procura seguir o “tríplice ministério de amor” que Cristo exerceu na Terra: pregando, curando e ensinando (Mt. 4:23).
- b) Desta forma, todas as instituições operadas pela igreja devem convergir para a grande comissão deixada por Cristo: pregar o evangelho até os confins da Terra, apressando desta forma o glorioso dia da Sua volta! ...

X. O DESENVOLVIMENTO DAS MISSÕES ADVENTISTAS

A. Miguel Belina Czechowski (1818 – 1876)

1. Introdução

- a) Miguel B. Czechowski, um ex-sacerdote católico, é considerado o primeiro missionário não oficial a deixar a América do Norte com o fim de pregar a mensagem adventista do Sétimo dia em terras além mar.
- b) “Nascido na Polônia em 1818, ingressou na ordem monástica de São Francisco ainda jovem, imaginando idealisticamente que os monges modernos eram tão castos e altruístas como o fora Francisco de Assis. Desiludido, tentou reformar o mosteiro, mas em consequência disso, passou por um episódio emocionante após o outro. Em seu devido tempo ele fez um apelo pessoal ao papa em Roma, foi aprisionado por um ano, exilado por três anos na França, e de lá levado à Suíça. Ali, em 1850, renunciou tanto ao sacerdócio como ao catolicismo e se casou.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 164)
- c) “No ano seguinte, partiu para a América do Norte, onde, após trabalhar por um tempo para os batistas no Canadá, converteu-se em 1857 à mensagem do terceiro anjo durante reuniões de tenda em Flindlay, Ohio.” (Ibidem).

2. Seu desejo de ir como missionário para a Europa

- a) “Já em 1858 Czechowski havia confessado numa carta a Ellen White que seu profundo desejo era ‘visitar meu próprio país natal, além do oceano, e falar sobre a vinda de Jesus e a gloriosa restauração, e de como se devia observar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus’. “Por seu turno, Ellen White escreveu a Czechowski uma quantidade de cartas ao longo dos anos.” (Idem, p. 165)
- b) “Após haver pregado por vários anos, Czechowski desenvolveu um forte desejo de levar a mensagem adventista para a Europa. Ele estava particularmente atraído pelos descendentes dos valdenses, que viviam nos vales alpinos do noroeste da Itália. Em 1864 Czechowski pediu a J.N. Loughborough, que então realizava uma série de reuniões na cidade de Nova York, para interceder junto à Associação Geral para enviá-lo como missionário para a Itália. Porém os líderes da igreja não julgaram conveniente aceitar a solicitação de Czechowski. Eles questionaram seu critério financeiro, sua boa vontade para aceitar conselhos, a inteireza de sua devoção à ‘terceira mensagem angélica’, e seu temperamento volúvel.” (W.W.Schwarz, Op. Cit., p. 142)
- c) Desapontado por não ter sido aceita a sua proposta, ele dirigiu-se aos líderes da organização de ex-mileritas observadores do domingo, conhecida como Cristãos Adventistas, os quais colocaram a disposição o seu periódico intitulado “World’s Crisis” para a solicitação de fundos para os planos missionários de Czechowski. Também o periódico “Advent Herald”, editado pela Associação Milenista Americana, que mais tarde receberia o nome de Adventistas Evangélicos, abriu suas portas a Czechowski. (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 166).
- d) Assim, apoiado financeiramente pelos adventistas observadores do domingo, Miguel Belina Czechowski, acompanhado por sua família e pela senhorita Annie E. Butler (irmã de George I. Butler), partiu para a Europa no dia 14 de maio de 1864.

3. Sua obra como missionário na Europa

- a) Chegando na Europa, Czechowski trabalhou inicialmente 14 meses nas proximidades de Torre Pellice, na região valdense dos Alpes de Itália, onde ganhou vários indivíduos para o sábado. É interessante notarmos que, muito embora ele não mais estivesse vinculado à IASD e era sustentado pelos adventistas do primeiro dia americanos, ele pregava as doutrinas adventistas do sétimo dia sem mencionar a existência da organização na América do Norte.
- b) Como enfrentasse forte oposição, Czechowski partiu em setembro de 1865 para a Suíça, levando consigo também João Geyment, um converso italiano, com o qual passou a trabalhar de casa em casa na Suíça, pregou em reuniões públicas, e ambos imprimiram e venderam folhetos e lançaram um periódico intitulado “L’Evangile eternel” (“O Evangelho Eterno”), que continuou sendo editado por cerca de dois anos. Durante sua permanência na Suíça, Czechowski conseguiu batizar cerca de 40 pessoas que se reuniam em vários grupos. No início de 1867 foi organizada a sua principal igreja em Tramelan, considerada a primeira igreja adventista do sétimo dia fora da América do Norte, e , conseqüentemente, a primeira igreja ASD da Europa. Entre seus conversos neste país estavam: Alberto Vuilleumier, James H. Erzberger e J. H. Guenen, membros de algumas das principais famílias adventistas do futuro.
- c) No início de 1869 ele deixou definitivamente a Suíça, passando a trabalhar por um curto período na França, Alemanha e Hungria.
- d) Depois ele se estabeleceu na Rumânia, onde manteve-se por conta própria e organizou outro grupo de conversos. (C.M.Maxwell, Op. Cit., pp. 166 e 167)
- e) Após uma vida de dedicada labuta, ele faleceu de “exaustão” no dia 25 de fevereiro de 1876 no Hospital Mental de Viena, Àustria. (Otto Uebersax, em: Michal Belina Czechowski, 1818 – 1876, pp. 352 – 359)

- f) OBS.: Nos últimos anos surgiu um interesse acentuado em relação com a vida e obra de Miguel B. Czechowski. Um exemplo disso foi o histórico simpósio realizado em Warsaw, Polônia, nos dias 17-23 de maio de 1976, cujas palestras apresentadas foram publicadas num livro bilíngue (inglês-polonês) intitulado “Michael Belina Czechowski, 1818-1876”, editado em 1979 pela “Znaki Czasu” Publishing House, de Warsaw, Polônia.

4. Sua influência para o estabelecimento oficial da obra da Europa

- a) Sem dúvida, a obra que Czechowski realizou na Europa foi significativa, no sentido de preparar o caminho para o estabelecimento futuro da IASD nesse continente.
- b) Czechowski pregava a doutrina adventista do sétimo dia sem dar a conhecer a existência da Igreja Adventista. Porém, no final de 1867, o “Fabricante de relógios Alberto Vuilleumier encontrou um exemplar de Review and Herald de 16 de julho de 1867, entre os pertences de Czechowski, e , após descobrir que existiam adventistas observadores do sábado na América do Norte, copiou o endereço e escreveu imediatamente para Battle Creek.
- c) A Associação Geral respondeu, solicitando que enviassem um representante suíço para a cessão da Conferência Geral de 1869. Os irmãos então escolheram a James H. Erzberger (1843-1920), um jovem estudante de Teologia, como seu representante. A assembléia ocorreu no mês de maio, e infelizmente ele chegou muito atrasado (em junho), mas ele permaneceu cerca de 15 meses nos Estados Unidos, familiarizando-se com o idioma inglês e aprofundando-se nas doutrinas adventistas. A maior parte do tempo ele viveu com Tiago e Ellen White.
- d) Em setembro de 1870, Erzberger retornou para a Europa havendo sido ordenado ao ministério antes do seu regresso.
- e) Muito embora Erzberger não participasse da sessão da Conferência Geral de 1869, nesta ocasião foi formada, por

influência do contato mantido com a Europa, a “Sociedade Missionária dos Adventistas do Sétimo Dia.” Em decorrência disso, a igreja passou a enviar a literatura adventista para os países da Europa.

B. Ana More (1808 – 1868)

1. Seu desejo de retornar para a África como missionária

- a) Ana More era uma missionária protestante a serviço da “American Board of Missions” na Libéria. Por ocasião de sua visita aos EUA, entre 1861 e 1862, o pastor S. N. Haskell deu-lhe um exemplar do livro “History of the Sabbath” de J. N. Andrews. Ela leu o livro, e no final de 1863 aceitou a mensagem adventista.
- b) Em 1866, após haver perdido o seu trabalho na Libéria, em decorrência de sua fé, ela retornou para a América, oferecendo os seus préstimos para ir como professora missionária da IASD para a África.
- c) Como sua solicitação não foi atendida, ela ficou profundamente entristecida, falecendo poucos meses mais tarde. Porém, por sua influência, um missionário da África, conhecido como Dickson, “aceitou a fé ASD, e, retornando para o seu país de origem, a Austrália, tornou-se o primeiro a pregar as doutrinas ASD naquele país.” (SDA Encyclopedia, p. 968).

2. Declarações de Ellen White a respeito de Ana More

- a) Várias declarações de Ellen White a respeito do lastimável fato de os líderes da IASD não terem se valido dos préstimos e da experiência de Ana More podem ser encontrados nos seus escritos:
 - Testimonies for the Church, vol. 1 ,pp. 632, 666 – 680.
 - Testimonies for the Church, vol. 2 ,pp. 140 – 145, 332.

- b) Em 1875 ela escreveu: “Desperdiçamos já grande parte do tempo, e os anjos levam ao Céu o relatório de nossas negligências. Nosso estado de letargia e falta de consagração nos tem feito perder preciosas oportunidades enviadas por Deus na pessoa dos que se achavam habilitados a ajudar-nos na necessidade que enfrentamos. Oh! quanto necessitamos de nossa Ana More para ajudar-nos agora a chegar a outras nações! Seu vasto conhecimento de campos missionários, dar-nos-ia acesso a outras línguas das quais não nos é possível aproximar. Deus trouxe esta dádiva para o meio de nós a fim de satisfazer a emergência em que nos achamos; mas não a apreciamos, e Ele no-la tirou. Ela descansa de seus labores, mas suas obras de abnegação a seguem. É de deplorar que nossa obra missionária fosse retardada por falta de conhecimento da maneira de encontrar acesso às diferentes nações e localidades no grande campo da seara.” (Testemunhos Seletos, vol. 1, p. 388).

C. John Nevis Andrews (1829 – 1883)

1. Introdução

- a) John N. Andrews foi o primeiro missionário oficial a deixar a América do Norte como missionário além mar.
- b) J. N. Andrews nasceu em Poland, Maine, no dia 22 de julho de 1829. Em 1850, com a idade de 21 anos, entrou para o ministério, sendo ordenado em 1853. Em 1856, casou-se com Angeline S. Stevens, sendo que o casal teve quatro filhos: Carlos, Maria e dois que morreram na infância.
- c) Dedicou-se assiduamente ao estudo, ao ponto de que, nos últimos anos de sua vida, “ele podia ler a Bíblia em sete línguas diferentes e afirmava possuir a capacidade de reproduzir o Novo Testamento de memória.” (SDA Encyclopedia, p. 43).
- d) Foi por dois anos (1867 – 1869) o terceiro presidente da Associação Geral.

- e) Possuindo profundidade de pensamento e apurados dotes literários, foi um dos editores da Review and Herald de mais de 1869 a março de 1870. E de sua pena fluíram um grande número de artigos, livros e folhetos.

2. Enviado como missionário para a Europa

- a) Foi no dia 14 de agosto de 1874 que a Associação Geral tomou o histórico voto, em resposta aos apelos de Ellen e Tiago White, e dos crentes da Suíça, de enviarem a J. N. Andrews como missionário para a Suíça.
- b) E no memorável dia 15 de novembro de 1874, o pastor J. N. Andrews, seus dois filhos Carlos e Maria, e Ademar Vuilleumier (irmão de Alberto), deixaram o porto de Boston, navegando rumo a Liverpool em seu caminho para a Suíça. Este evento abre uma nova página na história da IASD. Neste dia nasceu o grande movimento missionário mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.
- c) “Após uma curta passagem pela Inglaterra e Escócia, a visitar irmãos batistas do sétimo dia, a comitiva de Andrews chegou à Suíça, sendo saudada com alegria pelos crentes suíços.” (R.W.Schwarz, Op. Cit., p. 145).
- d) Andrews empenhou-se imediatamente em aprender o francês, e logo começou a visitar as pequenas comunidades de crentes, que Czechowski havia deixado, realizando também alguns congressos.
- e) Em 1876 ele fundou a primeira editora ASD da Europa, em Basiléia, na Suíça. Em julho de 1876 ele publicou o primeiro número da revista “Les Signes des Temps” (Sinais dos Tempos). Os folhetos eram publicados em francês, alemão e italiano, e a revista “Les Signes” era enviada para quase todos os países da Europa.
- f) Além de trabalhar arduamente na Suíça, Andrews viajou pela Itália, Alemanha, Inglaterra e França. Não é sem razão que em 1878 Ellen White escreveu para a Suíça: “Enviamo-vos o

homem mais capaz em nossas fileiras!” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 175).

- g) Porém, acometido de tuberculose, sua saúde ia-se esvaindo, deixando-o prostrado sob o leito, como um esqueleto vivo, até falecer ao pôr-do-sol do domingo, 21 de outubro de 1883, com a idade de 54 anos. Sua sepultura no Cemitério Wolf, fora de Basiléia, traz à lembrança suas próprias palavras: “Almas estão perecendo, e que podem ser alcançadas agora. O tempo para o trabalho é curto; a noite, em que nenhum homem pode trabalhar, está próxima. Não devemos então, enquanto é dia, fazer o que pudermos para que de algum modo possamos salvar alguns?” (Idem, p. 179).

D. Outros Missionários

1. Para a Europa

- a) Enquanto o trabalho ia sendo solidificado na região centro-sul da Europa, a Associação Geral decidiu enviar em 1877 o pastor John G. Matteson (1835 – 1896) para trabalhar nos países escandinavos (norte da Europa). Ele trabalhou especialmente na Dinamarca, Suécia e Noruega.
- b) Em 1878 William Igs (f. 1887) foi enviado como missionário para a Inglaterra. No mesmo ano uniu-se a ele o pastor J. N. Loughborough (1832-1924)
- c) Em 1886 foi enviado o pastor Louis R. Conradi (1856 – 1939) como missionário entre os europeus de língua alemã, (Suíça, Rússia, Alemanha, etc), para ajudar o pastor Erzberger no seu trabalho. Posteriormente, “Conradi tornou-se por décadas o líder do adventismo na Europa Central – e na verdade um missionário mundial, conduzindo missões evangelísticas na África e América do Sul bem como na Alemanha, e redigindo vários livros importantes.” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 183).
- d) Durante dois anos (agosto/1885 a agosto/1887) a Sra. White permaneceu na Europa. Durante esse período ela esteve na

Inglaterra, Suíça, Dinamarca, Suécia, Noruega, Itália, França e Alemanha. (Ver: D.A. Delafield, Ellen G. White in Europe: 1885-1887. Washington, D.C., Review and Herald Publishing Association, 1975).

2. Para a África

- a) Em 1887 foram enviados para a África os pastores C.L.Boyd e D.A. Robinson com suas famílias, acompanhados de dois colportores, Jorge Burleigh e R.S. Antony. (História de Nossa Igreja, p. 278).
- b) Em 1887 o pastor Asa T. Robinson (1850-1949) foi como missionário para a África do Sul, onde ele organizou a primeira associação.

3. Para a Austrália

- a) Os primórdios da obra ASD na Austrália foram lançados pelo próprio australiano Alexandre Dickson, que havia aceito a fé adventista por intermédio da senhorita Ana More, na África.
- b) Foi porém no dia 10 de maio de 1885 que o primeiro grupo de missionários adventistas deixou o continente americano em direção da Austrália. Aportaram em Sydney em 7 de junho, e decidiram radicar-se em Melbourne. O grupo era dirigido pelo pastor Stephen N. Haskell (1833-1922) e incluía os pastores J.C. Coliss e M.C. Israel e suas famílias, Henry L. Scott, impressor, e William Arnold, colportor de experiência. (História de Nossa Igreja, p. 287).
- c) De 1891 a 1900 a Sra. White permaneceu na Austrália, auxiliando na consolidação da obra. Dentre as várias contribuições levadas a efeito por ela neste período, destaca-se o estabelecimento do Colégio de Avondale.

4. Para as Ilhas do Pacífico

- a) A história das missões ASD nas ilhas do Pacífico Sul é repleta de aventuras emocionantes.
- b) Por ocasião da sessão da Conferência Geral de outubro de 1889 foi votada a decisão de se construir um navio missionário para evangelizar as ilhas do Pacífico Sul. O projeto foi logo iniciado, sendo custeado através das ofertas da Escola Sabatina. No dia 25 de setembro de 1890 o navio missionário “Pitcairn” foi dedicado, durante uma reunião campal realizada na Califórnia, na qual estavam presentes cerca de 1.500 pessoas. No inesquecível dia 20 de outubro de 1890 o navio à velas (escuna) deixou o porto de Oakland rumo ao Pacífico Sul, tendo a J.M. Marsh como capitão, e a E. H. Gates como responsável pela supervisão da obra missionária. Ele levava a bordo sete tripulantes e três casais de missionários. Após 36 dias de viagem, a embarcação finalmente aportou na ilha Pitcairn no dia 25 de novembro. Os trabalhos foram iniciados, e como resultado 82 habitantes da ilha foram batizados. O navio visitou outras ilhas. Durante o período de 10 anos (1890-1900) o navio realizou um total de 6 viagens missionárias entre a costa do Pacífico, nos EUA, e as ilhas do Pacífico Sul. Finalmente, em 1900 o navio foi vendido, porque já havia um serviço de navegação regular, que portava desnecessária as viagens do “Pitcairn”.
- c) A obra em Fiji iniciou em 1891 através do missionário John I. Tay (1832-1892), que estava a bordo do navio “Pitcairn” em sua primeira viagem. Porém, cinco meses após iniciar o trabalho, ele faleceu. Em 1896 chegou o pastor John E. Fulton (1869-1945) e sua família, que continuaram o trabalho.
- d) Em 1912 teve início as missões adventistas nas Novas Hébridas, através do pastor C. H. Parker (1869-1939) e sua esposa, que se estabeleceram na ilha da Atchin. Grandes desafios ele teve de enfrentar com as tribos canibais caçadores de cabeças.
- e) Por sua vez a obra nas ilhas Salomão foi iniciada em 1914 pelo missionário Griffiths F. Jones (1864-1940). Também aí o trabalho foi levado a efeito sob grandes desafios entre os

canibais caçadores de cabeças. Ainda no início do seu trabalho, Deus lhe concedeu certa ocasião “o dom de línguas” para comunicar-se a um grupo de 50 pessoas em sua língua nativa, nas reuniões do sábado. (R.W.Schwarz, Op. Cit., p. 356). Entre os conversos das ilhas Salomão encontra-se o conhecido Kata Rangoso (1902-1964), que de canibal veio a se tornar presidente de uma missão das ilhas de Salomão. “O povo ali é firme em sua lealdade à igreja. Nas ilhas Salomão só houve catorze que apostataram, de mais de três mil membros, entre os anos de 1914 a 1954.” (História de Nossa Igreja, p. 303)

- f) Das ilhas de Salomão, G. F. Jones foi como pioneiro para Nova Caledônia e Nova Guiné. Como “o mar estava em seu sangue”, depois ele trabalhou por algum tempo em Londres, Argel, Espanha, Gibraltar e África do Sul. “Ao todo, ele e sua esposa trabalharam em 38 diferentes países e ilhas, representando cerca de 34 línguas.” (SDA Encyclopedia, p. 708).

5. Para o Oriente

- a) Em 1902 o pastor Jacob N. Anderson (1867-1958), sua esposa e cunhada, vão como missionários para a China. Há 14 anos antes da chegada dos primeiros missionários, Abram La Rue (1822-1903) já vinha fazendo trabalho missionário por conta própria entre os chineses.
- b) Em 1896 o professor W. C. Grainger (1844-1899), juntamente com o recém formado estudante T. H. Okohira, foi como missionário para o Japão. Neste país o progresso da obra foi lento.

6. Para a Índia

- a) Em 1895 foi enviado o pastor Dores A. Robinson (1848-1899) como missionário para a Índia, onde a obra ASD mal havia iniciado.

7. Para a Groelândia

- a) O primeiro ASD conhecido que esteve na Groelândia foi o pastor norueguês I. J.Röst.
- b) Em novembro de 1897, David Östlund da Suécia foi enviado pela Associação da Dinamarca como o primeiro missionário ASD para a Groelândia.

8. Considerações Adicionais

- a) Esta é apenas um grupo representativo dos milhares de dedicados servos de Deus que têm deixado o conforto de seus lares e o convívio familiar, para irem aos mais distantes recantos do mundo, levando consigo a tocha do evangelho.
- b) Muitos têm consumido sua vida por amor a mensagem do advento, e a IASD tem um débito inestimável para com esses milhares de heróis anônimos que tudo têm sacrificado por esta causa. Os seus nomes podem não serem conhecidos; suas experiências poderão não serem publicados por nossos periódicos denominacionais; mas seus nomes estão escritos no “livro da vida do Cordeiro”, “suas obras os acompanham”, e, sem dúvida, eles terão a sua recompensa eterna!...
- c) Deus ainda chama obreiros para a Sua causa!...
- d) OBS.: Este tópico pode ser ampliado através da leitura dos livros:

✓ História de Nossa Igreja, pp. 267-404.

✓ William A. Spicer, Our Story of Missions. (Mountain View, Califórnia, Pacific Press Publishing Association, 1921).

E. O Desenvolvimento da Idéia de Missão na IASD

- O Dr. Werner Vyhmeister, em seu livro “Mission de la Iglesia Adventista”, pp. 45-65, apresenta cinco etapas no desenvolvimento da idéia de missão da Igreja Adventista a partir de 1844:

1º.) MISSÃO LIMITADA AOS “ADVENTISTAS” (1844-1852)

- a) Durante este período o conceito de missão era limitado a alcançar com a mensagem as pessoas que haviam estado no movimento milerita
- b) Este conceito deve-se especialmente à teoria da “porta fechada” (Mat. 25:10), mantida nesta fase. (P. Gerard Damsteeg, Foundations of Seventh-day Adventist Message and Mission, pp. 149-164).

2º.) MISSÃO LIMITADA À AMÉRICA DO NORTE (1852-1874)

- a) Especialmente três fatores contribuíram para que a missão deixasse de ser considerada como destinada apenas aos mileritas desapontados:
 - 1) Jesus não retornou tão rapidamente como os crentes esperavam;
 - 2) Ellen White teve várias visões que indicavam que Jesus não voltaria em seguida e que sugeriam a possibilidade de uma ação missionária mais ampla;
 - 3) Conversão de pessoas que não haviam estado no movimento de 1844.
- b) Neste período Miguel B. Czechowski e Ana More manifestaram o seu desejo de serem enviados como missionários além mar, sem contudo serem apoiados em suas aspirações.

3º.) MISSÃO LIMITADA A PAÍSES CRISTÃOS (1874-1901)

- a) Esta nova etapa foi inaugurada com a partida de John N. Andrews, no dia 15 de setembro de 1874, como nosso primeiro missionário oficial, para a Europa.
- b) Durante este período vários missionários foram enviados e missões ASD começaram a florescer nos mais distantes lugares.

4°.) MISSÃO A TODO MUNDO (1901-c. 1950)

- a) Essa etapa começa com a reorganização da estrutura administrativa da igreja, à partir de 1901. Ao serem organizadas as “uniões” e mais tarde as “divisões”, foi agilizado, conseqüentemente, o atendimento das necessidades evangelísticas de cada região.
- b) Isto aumentou consideravelmente o número de missionários enviados cada ano. Por exemplo, entre 1901 e 1926, inclusivos, foram enviados 2.937 missionários, ou seja, uma média de 112 por ano.

5°.) ESFORÇOS POR SISTEMATIZAR A MISSÃO (c. 1950-)

- a) Vários fatores que já vinham se tornando cada vez mais evidentes, levaram ao surgimento de uma quinta etapa. Dentre eles se destacam:
 - 1) A existência de bilhões de não-cristãos, cujo número vai-se multiplicando de tal maneira que parece tornar cada vez menos alcançável a meta de evangelizar a todo o mundo;
 - 2) O reconhecimento de que existem populações não-cristãs mui resistentes à evangelização, que exigem a aplicação de uma estratégia especial.
- b) Dentre os esforços por sistematizar a ação missionária da igreja, tem surgido estudos para descobrir a melhor estratégia

para alcançar os muçulmanos e os esforços para levar o evangelho aos judeus.

- c) Em 1966 foi criado o Departamento de Missões na Andrews University.
- d) No início da década de 1970, Gottfried Oosterwal publicou seu livro intitulado “Mission: Possible. The Challenge of Mission Today” (Nashville, Tennessee, Southern Publishing Association, 1972)
- e) Em 1980 Gottfried Oosterwal, Russell L. Staples, Walter B. T. Douglas e R. Edward Turner, publicaram um livro intitulado “Servants for Christ: The Adventist Church Facing the ‘80s’” (Berrien Spring, Michigan, Andrews University Press, 1980). Neste livro os artigos dos dois primeiros autores são os mais importantes, e foram traduzidos e publicados em português pelo S.A.L.T. sob o título “Missão da Igreja Adventista.”

F. Conclusão

- a) Jesus Cristo nos deixou a grande comissão: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).
- b) “A missão é a pulsação da igreja. Se ela para, a igreja deixa de ser. Cada instituição, todo programa, e qualquer atividade da igreja tem significado – e o direito de existir – somente se ele participa na missão. E todo crente através do batismo, não somente se declara um seguidor de Jesus Cristo, mas também promete trabalhar com Ele na salvação dos homens. A missão, portanto, é a identidade do cristão, a sua prova de fé. Nenhum crente, realmente, pode cantar na igreja ‘Remido fui por Seu sangue’, ou orar ‘Venha o Teu reino’, sem por esse meio obrigar-se a participar da própria missão de Cristo. Ninguém pode verdadeiramente afirmar que pertence ao povo Deus, a menos que ele sirva a Cristo como um missionário.
“Cada geração de crentes, contudo, deve reavaliar a tarefa de

apresentar Cristo ao mundo de tal maneira que possa cumprir sua missão em sua maneira particular. ...A missão é a nossa herança espiritual.” (Gottfried Oosterwal, *Mission: Possible*, p. 15).

- c) Matheson orou: “Mandai-me para os corações sem lar, para as vidas sem amor, para as multidões sem espaço, para as fileiras sem refúgio. Mandai-me às crianças a quem ninguém abençoou, aos famintos a quem ninguém alimentou, aos doentes a quem ninguém visitou, aos caídos a quem ninguém levantou, aos leprosos a quem ninguém tocou, aos aflitos a quem ninguém confortou.” (Citado por Rosalee M. Appleby, em *A vida Vitoriosa*, págs. 67 e 68).
- d) Ainda hoje o Senhor indaga: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? ; e que nossa resposta seja: “Eis-me aqui, envia-me a mim.” (Isa. 6:8).

XI. AS CRISES DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

- Muito embora a IASD tenha por vezes enfrentado outras crises de menor vulto, consideraremos a seguir apenas as três mais significativas.

A. A crise de Mineápolis (1888) – Justificação Pela Fé

1. As Quatro Décadas Que Antecederam

- a) “O movimento adventista nasceu com os olhos em Jesus. ‘Jesus voltará em breve’ era a senha dos mileritas. ‘O que está Jesus fazendo agora?’ foi a pergunta que se seguiu ao desapontamento. ‘Ele tem uma obra a fazer no lugar santíssimo’, foi a resposta que Edson e outros descobriram e que os adventistas observadores do sábado se puseram a anunciar ao mundo. O adventismo do sétimo dia é basicamente uma mensagem sobre Cristo e o que Ele fez e está fazendo para salvar pecadores.” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 243).
- b) Mas, nos seus primórdios, as coisas nem sempre foram tão bem como possam parecer. A medida que o movimento ia

crescendo, também aumentavam as dificuldades e a oposição. Ministros de outras denominações valiam-se do púlpito e da imprensa para atacarem as doutrinas do movimento adventista do sétimo dia, especialmente a questão do sábado.

- c) Para fazer frente a esses desafios, nossos ministros tiveram que dedicar muito tempo e esforço em relação com as doutrinas controvertidas. Em decorrência disso, as verdades fundamentais do evangelho – a justificação pela fé, a conversão, a santificação, etc. - foram relegadas inconscientemente a um segundo plano. E muitos de nossos ministros tornaram-se respeitadas polemistas... (A. V. Olson, Through Crisis to Victory: 1888-1901, pp. 9 e 10)
- d) Dado a essa lastimável situação, Ellen G. White escreveu um testemunho intitulado “O Efeito das Discussões” no dia 10 de dezembro de 1871, condenando incisivamente este tipo de atitudes polêmicas. (Testimonies, vol. 3, pp. 212-221). Ela advertiu que “geralmente estas discussões, quer orais ou escritas, resultam em mais mal do que bem”. (p.213). E acrescentou: “Os que apreciam envolver-se em discussão geralmente perdem sua espiritualidade.” (p. 215).
- e) Assim, tanto do púlpito como da imprensa fluíam grande número de artigos sobre a guarda da lei, a observância do sábado, os concertos, etc. Isto fez com que os pregadores adventistas fossem acusados de serem legalistas, de crerem na salvação pelas obras, em vez de crerem na salvação pela fé no que Cristo fez por eles. (A. V. Olson, Op. Cit., pp. 10 e 11).

2. A Crise Entre os Dois Principais Periódicos Denominacionais

- a) Essa tendência legalista evidente no púlpito e na experiência dos crentes em geral, também se refletia através das publicações de nossas editoras.
- b) A “Review” publicou de 15 de agosto a 19 de dezembro de 1854 uma relação das “Principais Doutrinas Ensinadas

Através da 'Review'. Esta relação não incluía qualquer menção à justificação, à justiça (no sentido soteriológico), ou qualquer tema relacionado. (norval F. Pease, By Faith Alone, p. 109)

- c) “Em 1877 saiu à luz o livro ‘The Bible Institute’ (O Instituto Bíblico). Era uma obra de 352 páginas, publicada com o propósito de explicar em forma sistemática a teologia adventista. Porém, surpreendentemente, não encontramos neste livro nenhuma menção à salvação pela fé em Jesus.” (Enoch de Oliveira, A Mão de Deus ao Leme, p. 99)
- d) Entretanto, surgiu um ex-batista autodidata, de nome Joseph Harvey Waggoner (1820-1889), que prestou relevantes serviços ao movimento adventista. Em 1874 ele escreveu uma série de artigos na The Signs of the Times, sobre Cristo, a esperança do mundo. Em 1881 ele substituiu o falecido pastor Tiago White, como editor da revista, e decidiu, como parte de sua política editorial, publicar, se possível, em cada número um artigo sobre a graça redentora de Cristo. Para ajudá-lo, convocou os serviços de dois novos assistentes: seu filho médico, Ellet J. Waggoner (1855-1916), com pouco entusiasmo pela medicina e acentuado interesse pelos temas teológicos; e Alonzo T. Jones (1850-1923), um ex-militar que se converteu a Cristo.” (Ibidem)
- e) Ambos os assistentes determinaram exaltar em seus escritos o tema da justificação pela fé nos méritos de Cristo. “Esta ênfase reproduzida nas páginas da revista The Signs of the Times, suscitou uma crescente preocupação e alarme no seio da Igreja. Muitos entre os adventistas (e até mesmo entre os dirigentes) se haviam identificado inconscientemente com o pensamento de que somos justificados pela fé em Cristo e mais as obras da lei. Como resultado, um abismo se interpôs entre a Review and Herald, revista oficial da Igreja, e The Signs of the Times, nossa publicação missionária.” (Idem, pp. 99 e 100)
- f) “Sob a orientação editorial de Uriah Smith, a Review and Herald defendia uma posição legalista, uma espécie de semipelagianismo. A revista The Signs of the Times, sob a

direção de J. H. Waggoner, e seus dois assistentes, defendendo uma posição diametralmente oposta, exalava o princípio ‘sola fide’ (somente por fé) aclamado pelos pregadores da Reforma.” (Idem, p. 100)

- g) “Em 1886, Uriah Smith publicou um artigo escrito por O. A. Johnson, no qual, consoante o autor, a lei mencionada na carta aos Gálatas, era a legislação cerimonial. A interpretação de Johnson foi imediatamente refutada com ardor por E. J. Waggoner, em um artigo publicado nas páginas da revista The Signs of the Times, defendendo a exegese de que a lei apresentada por Paulo nessa epístola não era a legislação levítica, mas sim o Decálogo proclamado no Sinai. E assim desatou uma acirrada controvérsia entre dois periódicos denominacionais, dividindo a Igreja em partidos antagônicos.” (Ibidem)
- h) Em decorrência da situação prevalecente, um abismo se interpôs também entre ambas as editoras ASD dos Estados Unidos – a Review and Herald Publishing Association, que publicava a “Review”, e a Pacific Press Publishing Association, que editava a revista “The Signs of the Times”.
- i) Alarmada com a situação, Ellen G. White, que se achava então na Europa, escreveu aos dois grupos antagônicos e ao Dr. Waggoner, repreendendo-os!...
- j) Em resumo, Norval F. Pease declara que “uma investigação deste período inicial da história adventista do sétimo dia nos leva a várias conclusões:
 - 1) A doutrina na justificação pela fé, embora não contestada, não era uma das principais doutrinas adventistas do sétimo dia.
 - 2) A atenção dada a esta doutrina nos primeiros anos, limitada como era, provinha grandemente de Tiago White e Ellen G. White.
 - 3) Os poucos que compreendiam a necessidade de enfatizar esta doutrina alarmaram-se com a indiferença geral para com

ela. Esta preocupação foi claramente expressa por Ellen G. White.

4) As condições estavam amadurecendo para o aparecimento desta doutrina como uma questão vital. A crise surgiu por ocasião da Assembléia Geral de 1888 em Mineápolis, Minnesota.” (Norval F. Pease, By Faith Alone, p. 123)

3. A Assembléia Geral de Mineápolis

- a) A crescente controvérsia encontrou o seu clímax na histórica 27ª. assembléia anual da Conferência Geral, realizada no novo templo de Mineápolis, Minnesota, do dia 17 de outubro à 4 de novembro de 1888. Dela participaram 90 delegados (incluindo 3 da Europa), que representavam os 26.968 membros da IASD no mundo.
- b) A assembléia foi precedida por um concílio ministerial (instituto bíblico) que iniciou no dia 10 de outubro. Os assuntos que estavam na agenda para serem tratados eram os seguintes: (1) uma compreensão histórica dos dez reinos, (2) a divindade de Cristo, (3) a cura da ferida mortal, (4) a justificação pela fé, (5) quão longe deveríamos ir ao tentar usar a sabedoria da serpente, e (6) a predestinação. Portanto, a justificação pela fé era apenas um dos vários temas a serem tratados. (Norval F. Pease, Op. Cit., p. 128)
- c) O espírito radical e polêmico não havia desaparecido, e, “em um estudo sobre o capítulo 7 de Daniel, contrariando a opinião defendida por A.T. Jones, Uriah Smith afirmou que os hunos representavam um dos dez reinos simbolizados pelas dez pontas do ‘animal terrível e espantoso’. Jones rejeitou com energia as conclusões de Smith, insistindo que uma correta exegese excluiria os hunos e em seu lugar poria os alamanos. Smith declarou com modéstia que sua interpretação não era original, pois se estribava na opinião da vários eruditos. Diante desta afirmação, Jones, com rispidez e cortante ironia, declarou: ‘O pastor Smith confessou que

nada sabe sobre o assunto. Porém, eu conheço o tema, e não quero que me façam responsáveis pelas coisas que ele desconhece.” (Enoch de Oliveira, Op. Cit., p. 102)

- d) Isto fez com que os grupos antagônicos se separassem mais definitivamente. Ellen White repreendeu a Jones por ter se expressado tão asperamente, e apelou para os delegados a fim de serem mais tolerantes e cordiais, porém suas palavras não surtiam o efeito desejado. Dali para frente os grupos antagônicos identificavam-se pelas expressões “hunos” e “alamanos”.
- e) Durante as reuniões da Assembléia, que iniciou no dia 17, após o instituto bíblico que durou uma semana, foi solicitado que o Dr. Waggoner apresentasse “sua série de estudos sobre a justificação pela fé – onze ao todo. Os primeiros seis eram a respeito da relação entre graça e lei, e fé e obras, baseado especialmente, em Gálatas. Os últimos cinco eram sobre justificação pela fé em Cristo como ‘toda a plenitude da divindade’. ...Intensificando-se a obstinação, alguns dos ministros mais antigos se opuseram a continuação das apresentações. Pedindo reconhecimento, R. M. Kilgore, então da Associação Geral, declarou que, porquanto o pastor Butler tinha sido detido pela doença em Battle Creek, ele sugeria que a discussão sobre o assunto da justificação pela fé fosse suspendida até que Butler, o presidente, pudesse estar presente.” (L. E. Froom, Movement of Destiny, p. 245 e 246)
- f) “Porém a Sra. White, que esperava sentada na plataforma, levantou-se e declarou: ‘Irmãos, esta é a obra do Senhor. Deseja o Senhor que a Sua obra espere pelo Pastor Butler? O Senhor deseja que Sua obra avance e não espere por nenhum homem.’ Não houve réplica, e Waggoner prosseguiu com seus estudos. Era evidente que Ellen White estava ao lado de Waggoner na mensagem que ele estava apresentando para a assembléia. Frequentemente ela dizia ‘Amém’. Ela não se posicionou sobre a questão da lei em Gálatas, mas endossava enfaticamente a justificação pela fé através dos méritos todo-suficientes de Cristo em toda a Sua plenitude. Alguns

ficaram muitos perturbados, achando que ela estava sendo influenciada injustamente por Waggoner.” (Ibidem)

- g) Foi combinado que J. H. Morrison, presidente da Associação de Iowa, responderia a apresentação de Waggoner. Nesta ocasião ele afirmou que os adventistas sempre haviam crido e ensinado a justificação pela fé, e que a apresentação de Waggoner sobre o assunto poderia eliminar a centralidade da lei em nossos ensinamentos. Waggoner e Jones deveriam dar uma resposta à apresentação de Morrison, e eles o fizeram lendo alternadamente das Escrituras oito textos-chaves cada um (16 ao todo), sem comentá-los. As passagens foram:

E. J. Waggoner

Jer. 23: 5-7

Gál. 2: 16-21

Rom. 1: 14-17

Gál. 3

Gál. 5: 16

Gál. 2

Rom. 5

Rom. 8: 14-39

A. T. Jones

Ef. 2: 4-8

Rom. 11: 1-33

Rom. 2: 13-29

Rom. 3

Rom. 9: 7-33

Rom. 4: 1-11

Rom. 1: 15-17

I João 5: 1-4

Durante a leitura houve um profundo silêncio entre os delegados, e muitos aceitaram a mensagem da justificação pela fé. (Idem, p. 247)

- h) Durante as reuniões em Mineápolis, Ellen White teve uma participação ativa, não apenas endossando as mensagens sobre a justificação pela fé apresentadas por Waggoner e Jones, como também através de suas próprias mensagens devocionais e outros sermões por ela apresentados durante o instituto bíblico e a assembléia geral. OBS.: Oito sermões pregados por Ellen G. White em Mineápolis

podem ser encontrados em: A. V. Olson, Through Crisis to Victory: 1888 - 1901, p. 242 - 302.

- i) Sem dúvida a Assembléia Geral de 1888, em Mineápolis, causou um forte impacto sobre os seus participantes, que no final da sessão estavam divididos em três grupos: (1) aqueles que alegremente aceitaram a mensagem, (2) aqueles que se opuseram a ela, e (3) aqueles que, nem a aceitando nem a rejeitando, preferiram permanecer neutros ou indecisos. (A. V. Olson, Op. Cit., p. 38)

4. O Período Posterior à Assembléia Geral de Mineápolis

- a) Após a Assembléia de Mineápolis, a Sra. White viajou com A. T. Jones e E. J. Waggoner, apresentando a gloriosa mensagem da justificação pela fé, da costa do Atlântico à costa do Pacífico. Eles a apresentavam em reuniões campais, concílios de obreiros, institutos e escolas bíblicas e outras reuniões da igreja.
- b) Em decorrência, um grande reavivamento sobre a justificação pela fé começou a surgir. Muitos dos que haviam se oposto à essa mensagem, confessaram o seu erro, e afirmavam sua fé na justificação pela fé. Entre eles estavam: George I. Butler, Uriah Smith, C. W. Olds, D. T. Fero, J. W. Watt, R. C. Porter, Matthew Larson, W. W. Prescott, G. G. Rupert, J. H. Morrison, e outros. (Ver: A. V. Olson, Op. Cit., p. 82-114)
- c) Os efeitos sensíveis desse reavivamento já podiam ser sentidos um ano depois, por ocasião da Assembléia Geral de 1889, em Battle Creek, Michigan, de 18 de outubro a 5 de novembro. Comentando a respeito dessa assembléia, escreveu a Sra. White: “Temos tido reuniões excelentes. O espírito que prevaleceu na reunião de Mineápolis não está aqui. Tudo se faz em harmonia... Temos um banquete de alimentos ricos, e quando vemos almas apreenderem a verdade, regozijamo-nos, olhando para Jesus, autor e

consumador de nossa fé.” (Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 361 e 362).

- d) Neste período apareceu um número significativo de artigos e tratados abordando o assunto. Durante o ano de 1889 a Review trouxe referências pouco definidas sobre a justificação pela fé, exceto as freqüentes alusões ao assunto nos artigos de Ellen White. No ano seguinte (1890) o The Signes of the Times abundava em artigos sobre o assunto, a maioria dos quais eram escritos por Waggoner. Dentre os tratados e panfletos escritos sobre o assunto, destacam-se o tratado escrito por J.H.Waggoner (o pai) em 1889, sob o título “Justification by Faith”; e, especialmente, a obra de 96 páginas escritas por E.J.Waggoner (o filho) em 1890, intitulada “Christ and His Righteousness”. (Norval F. Pease, Op. Cit., p. 151-157)
- e) Porém, de acordo com Norval F. Pease, “a maior contribuição da década de 1890 para o pensamento denominacional sobre a justificação pela fé não foram os sermões e artigos de Jones, Waggoner, e mesmo da Sra. White. Estes tiveram um tremendo efeito imediato, mas logo se extraviaram nos arquivos. Os livros ‘Patriarcas e Profetas’, ‘Caminho para Cristo’, ‘O Desejado de Todas as Nações’, ‘O Maior Discurso de Cristo’ e ‘Parábolas de Jesus’, mais do que qualquer outro fator, preservaram na denominação a ênfase espiritual do movimento de reavivamento daquela década.” (Norval F. Pease, Op. Cit., p. 164)
- f) Outros livros surgiram posteriormente sobre o assunto e ajudaram no desenvolvimento da compreensão desse maravilhoso tema. Dentre eles merece destaque o livro do pastor Arthur G. Daniel, que foi publicado em 1926 sob o título “Christ Our Righteousness”.

5. Conclusão

- a) Comentando posteriormente os incidentes que tiveram lugar na Assembléia Geral de Mineápolis em 1888, Ellen White escreveu em uma carta: “Meu testemunho foi ignorado, e

nunca em minha vida eu fui tratada como na assembléia.’ Mesmo depois ela lembraria essa conduta bulhenta e anti-cristã; para ela foi uma ‘terrível experiência... um dos capítulos mais sobrios na história dos crentes na verdade presente’.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 189)

- b) A Sra. White acrescenta que “a assembléia havia sido ‘a mais severa e mais incompreensível contenda que já houve entre o nosso povo’, e Ellen ‘treme (u) ao pensar no que poderia ter sido’ se ela não houvesse estado lá.” (Idem, p. 190)
- c) Mas Deus guiou a Sua igreja de tal forma que a crise foi superada, e o frio clima legalista foi suplantado por uma nova e viva ênfase pela justificação pela fé nos méritos do precioso Salvador Jesus Cristo.
- d) Um glorioso reavivamento seguiu essa nova ênfase, e o mesmo poderá ocorrer ainda hoje; pois “nossas igrejas estão perecendo por falta de ensino sobre o assunto da justiça pela fé em Cristo, e verdades semelhantes.” (Obreiros Evangélicos, p. 301)

B. A ASSEMBLÉIA GERAL DE 1901 - Reorganização

1. Introdução

- a) Quando foi organizada a Associação Geral em 1863, a IASD tinha 6 associações locais, 30 obreiros, e cerca de 3.500 membros. Em 1901, após 38 anos, a igreja possuía já 57 associações locais e 41 missões organizadas espalhadas pelo mundo, aproximadamente 1.600 obreiros, e 78.188 membros, representando mais de 2.000 congregações locais. (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 267) . A isto somavam-se 16 colégios superiores e escolas secundárias, 27 hospitais e sanatórios e 31 outras instituições. Além do mais, o número de membros duplicou a cada década entre 1863 e 1901. (Enoch de Oliveira, Op. Cit., p. 64)

- b) Nesta época “a Associação Internacional da Escola Sabatina e a Associação Internacional de Liberdade Religiosa eram independentes. A Junta Administrativa das Missões Estrangeiras estava oficialmente a cargo das missões no estrangeiro, mas a Associação Geral e o grupo médico também enviavam médicos ao estrangeiro. As casas editoras eram independentes entre si, e também não dependiam das associações. Elas faziam planos para a distribuição das publicações ajudadas pela Sociedade Internacional de Folhetos. Produziam grande quantidade de trabalho comercial de imprensa que absorvia seu interesse, em prejuízo das publicações denominacionais. As escolas eram dirigidas por comissões locais e algumas estavam financeiramente às bordas da bancarrota. O Colégio de Battle Creek tinha uma dívida equivalente às três quartas partes, de seu valor. As escolas, em conjunto, deviam trezentos e trinta mil dólares, e algumas continuavam pedindo mais fundos emprestados. “O mais lamentável de tudo era que a Associação Internacional Médico-Missionária e de Benevolência, guiada por uma direção ativa, chegara a ser maior que todas as outras dependências denominacionais reunidas, tendo duas mil pessoas empregadas em contraposição a mil e quinhentas empregadas em todos os demais departamentos reunidos. Alguns temiam que o departamento médico fosse dominar a organização. Não obstante, apesar desse desenvolvimento, o Sanatório de Battle Creek devia duzentos mil dólares.” (História de Nossa Igreja, p. 254).
- c) Neste contexto, o presidente da Associação Geral não mais tinha condições de cuidar dos mínimos detalhes da obra como Tiago White fizera. (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 267). “A estrutura existente era inadequada e nada se podia fazer para fortalecê-la até que uma assembléia geral oferecesse a oportunidade de reconstruí-la.” (História de Nossa Igreja, p. 255)

2. Tentativas de Reorganização

- a) “Após o término da sessão, o comitê da Associação Geral, numa reunião realizada no dia 18 de novembro de 1888, adotou um arranjo temporário em dividir o território dos Estados Unidos e Canadá em quatro grandes distritos.” (C. C. Crisler, Organization – Its Character, Purpose, Place and Development in the S.D.A.C., p. 136)
- b) Por ocasião da sessão da Conferência Geral de 1889 o presidente, Pastor Olsen, apresentou algumas recomendações, que foram acatadas, e que resultaram na divisão de ambos os países em seis distritos (o Este, o Sul, o dos Estados Centrais, o Noroeste, o Sudoeste e a Costa do Pacífico). Esses distritos, que aumentavam em número, eram chamados por números (Distrito nº. 1, Distrito nº. 2, etc). Esse sistema de distritos também foi adotado em territórios além-mar.
- c) A primeira assembléia distrital foi realizada pelo Distrito nº.3, em Battle Creek, de 10-15 de outubro de 1893.
- d) O novo distrito da Australásia era conhecido como o Distrito nº.7. (C. C. Crisler, Op. Cit., p. 146). E de 5-22 de janeiro de 1894 foi realizada a primeira reunião campal da Austrália, em Middle Brighton, Victoria. Havia mais de 100 tendas armadas, e estavam presentes o Pastor O. A. Olsen, presidente da Associação Geral, Ellen G. White, e seu filho W. C. White, e 40 delegados que representavam 9 igrejas. Por ocasião dessa campal foi tomado um passo muito importante rumo a reorganização da igreja: foi organizada União Australasiana, que foi a primeira União da denominação, e que tornou-se o padrão para as que foram depois organizadas. Como presidente foi eleito W. C. White, como vice-presidente A. G. Daniells, e como secretário L. J. Rousseau. Seus escritórios estavam localizados em Melbourne, até serem transferidos em 1898 para Sydney. (SDA Encyclopedia, p. 105)
- e) Estes e outros passos esporádicos que já vinham sendo dados rumo a reorganização foram significativos, mas não solucionaram os grandes problemas organizacionais que a igreja enfrentava. Além do mais, a Sra. White

freqüentemente enfatizava a grande necessidade de uma reorganização no seio da igreja. Assim, essa crise convergiu na Assembléia Geral de 1901.

3. A Assembléia Geral de 1901

- a) A célebre 34^a. assembléia da Associação Geral foi realizada no famoso Tabernáculo Adventista de Battle Creek, de 2-23 de abril de 1901. Estavam presentes 237 delegados, provenientes dos Estados Unidos, Canadá, de alguns países da Europa, da América do Sul, da África, Ásia, Austrália e das Ilhas do mar. (A. W. Spalding, Op. Cit., vol. 3, p. 20)
- b) Esta foi a primeira vez que Ellen White participou após os 10 anos em que ela esteve na Austrália, de uma Assembléia Geral; e “no dia anterior à abertura oficial da assembléia, a Sra. White reuniu-se com um grupo especial de líderes na biblioteca do colégio de Battle Creek. Estavam presentes nesta reunião membros do comitê da Associação Geral, presidentes de associações, dirigentes de instituições, doutores, professores e editores. A esse grupo de líderes de responsabilidade a irmã White abriu o seu coração. Com exceção de uma breve afirmação a respeito da importância da reforma pró-saúde e de um apelo para a lealdade a Deus em todas as coisas, o conteúdo de sua palestra dizia respeito a reorganização. Ela estimulou este grupo de homens de responsabilidade sobre a necessidade de serem feitas mudanças imediatas na administração de nossas questões organizacionais e institucionais. ...Ellen White falou durante uma hora e meia. Os homens ouviram e ponderaram o assunto.” (A. V. Olson, Op. Cit., p. 181 e 182)
- c) No dia seguinte (2 de abril), ao abrir oficialmente a assembléia da Associação Geral, o presidente George A. Irwin afirmou: “Esta será a mais importante assembléia já realizada pelo povo Adventista do Sétimo Dia.” (A. W. Spalding, Op. Cit., vol. 3, p. 19)

- d) Logo no início da assembléia, Ellen White pronunciou uma declaração significativa: “O que precisamos agora é uma reorganização.” Após uma pausa, o pastor A. G. Daniells ergueu-se, e sugeriu a formação de uma comissão grande, da qual participassem representantes de todos os ramos de organização, a fim de traçar planos concretos para a reorganização. A “comissão de conselhos”, como foi chamada, compunha-se de 75 membros, sendo presidida pelo pastor Daniells. Ela começou logo suas atividades, e os problemas específicos eram delegados a diversas subcomissões. (História de Nossa Igreja, p. 256)
- e) No dia 3 de abril, o Pastor Daniells, apontando para um mapa-mundi, conscientizou os delegados a respeito das grandes necessidades mundiais e dos desafios demográficos fora dos Estados Unidos. Ellen White, por vezes, punha-se em pé e clamava: “O campo é o mundo.” Mas acaso a Associação Geral reconhece isto? perguntava. E acrescentou: “Eu disse ao Senhor que quando viesse a Battle Creek desta vez, perguntaria por que retivestes os meios para a obra na Austrália. ...Desejamos que nesta reunião a obra seja estabelecida de tal modo que isso não aconteça de novo. Dois ou três homens, que nunca viram campos agrestes... não deveriam controlar os assuntos.” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 270)
- f) Nesta Assembléia Geral foram tomadas algumas decisões importantes: (1) O campo mundial foi dividido em uniões-associações e uniões-missões, cada uma formada pelas associações ou missões locais. (2) Todas as organizações independentes, que representavam as diversas atividades da denominação, deviam ser departamentos da Associação Geral. (3) A comissão da Associação Geral foi aumentada de treze membros para vinte e cinco. Seis desses membros deviam ser representantes da obra médica. Cinco deviam representar a obra do evangelismo geral, e deviam servir o campo mundial. Os presidentes das uniões-associações deviam ser também membros da comissão da Associação Geral. (4) Foram também estabelecidas praxes que orientavam o fluxo de recursos

financeiros para as regiões mais necessitadas do campo mundial. (História de Nossa Igreja, p. 256 e 257; A. W. Spalding, Op. Cit., vol.3, p. 39 – 44)

- g) No dia 12 de abril foi votada também a transferência do Colégio de Battle Creek para outro local que oferecesse condições mais adequadas.
- h) Nesta assembléia foi também eleito o pastor Arthur Gosvenor Daniells (1858 – 1935) como novo presidente da Associação Geral, que, devido à sua experiência administrativa na Austrália, teria condições suficientes de levar avante a nova estrutura organizacional.
- i) A assembléia finalizou no dia 23 de abril com duas sessões especiais de testemunhos. Foi uma cena emocionante, na qual tornou-se evidente que Deus dirigira as decisões da igreja. No seu testemunho a Sra. White disse: “Nunca senti mais assombrada em minha vida que em face da direção que tomaram as coisas neste congresso. Esta obra não é nossa. Foi Deus que a realizou. ...Os anjos de Deus têm estado examinando esta congregação.” (História de Nossa Igreja, p. 258)

4. O Desenvolvimento Posterior

- a) Os resultados positivos desta Associação Geral de 1901 jamais poderão ser super-estimados. Esta assembléia abriu um novo capítulo na história do progresso e desenvolvimento denominacionais.
- b) Um exemplo disso foi o fato de que entre 1901 e 1926, terem sido enviados 2.937 missionários, o que representa uma média de 112 por ano. (Werner Vyhmeister, Mision de la Iglesia Adventista, p. 58)
- c) Por ocasião da próxima assembléia da Associação Geral, realizada em Oakland, Califórnia, em 1903, “foi tomado um voto para que todas as instituições adventistas se tornassem propriedades de uma associação local, uma união ou da

Associação Geral em lugar de constituírem associações semi-independentes. O Dr. Kellogg e um grupo de seus amigos íntimos recusaram o plano, mas oitenta por cento dos delegados votaram a favor.” (C. M. Maxwell, Op. Cit., p. 271 e 272)

- d) Por solicitação e sugestão dos obreiros da Europa, na assembléia da Associação Geral de 1913 surgiu na estrutura denominacional as “Divisões”. “No dia 21 de maio de 1913, 50 anos a partir do dia em que foi organizada a Associação Geral, uma constituição e estatutos para uma Divisão Européia foram submetidos aos delegados da Associação Geral, e aceitos no dia seguinte.” (SDA Encyclopedia, p. 1053)
- e) Assim, de um humilde começo no século passado, a estrutura denominacional adventista foi-se desenvolvendo e solidificando até tornar-se uma sólida e bem estruturada organização mundial.
- f) “Volvendo às assembléias de 1901 e 1903, a irmã White tinha razão para sentir-se feliz com as alterações administrativas. E ela estava satisfeita. Embora tivesse declarado que havia ficado para trás o tempo em que a Associação Geral era como a voz de Deus, em 1909 ela sentiu-se livre para dizer: ‘Quando, numa assembléia da Associação Geral, o juízo dos irmãos reunidos de todas as partes do mundo é exercido, a independência individual e os julgamentos privados não devem ser teimosamente mantidos, mas deixados de lado.’ Em 1913 acrescentou: ‘Sou animada e beneficiada ao compreender que o Deus de Israel ainda guia Seu povo, e que continuará a ser com eles, até o fim.’” (C.M.Maxwell, Op. Cit., p. 273)

C. A CRISE DO DR. KELLOGG (1901 – 1907) - Panteísmo

1. Introdução

- a) Como já foi mencionado anteriormente, o Dr. John Harvey Kellogg (1852-1943) diplomou-se na Escola de Medicina do

Hospital Bellevue, em Nova York, e ingressou em 1875 no corpo de obreiros do Sanatório de Battle Creek. No ano seguinte tornou-se diretor médico da instituição, e sob sua orientação a instituição alcançou renomado êxito, tornando-se a maior instituição denominacional.

- b) Porém, sua brilhante carreira como médico e o renome alcançado pela instituição sob sua direção, fizeram com que o Dr. Kellogg se sentisse limitado dentro das fronteiras denominacionais e gradativamente delas se distanciasse.
- c) Com o vencimento do direito de posse do sanatório em 1897, após os 30 anos prescritos nas leis do Estado de Michigan, a corporação tinha de ser dissolvida, suas posses vendidas, e uma nova associação formada. O número de membros dessa nova corporação foi aumentada de cerca de 150 para 650, os quais não precisavam ser necessariamente adventistas. Sem dúvida, o Dr. Kellogg valeu-se desta oportunidade, e várias mudanças foram feitas nos artigos da nova associação. (SDA Encyclopedia, p. 137)
- d) Desta forma, o progressivo afastamento denominacional do Dr. Kellogg, acrescidas de suas perniciosas idéias panteístas, fez com que surgisse uma grande crise no seio da IASD no início deste século.

2. A crise em Battle Creek

- a) Dentro do processo organizacional da IASD, a cidade de Battle Creek transformou-se no quartel-general da organização. No final do século passado e início deste século, ali estavam localizadas: a sede da Associação Geral, o Sanatório de Battle Creek, a editora Review and Herald, o Colégio de Battle Creek; e grande número de membros se aglomeravam no famoso Tabernáculo de Battle Creek.
- b) Há muito tempo Ellen G. White vinha apelando por uma descentralização, insistindo que as instituições denominacionais fossem levadas para outros lugares mais próprios, e que os membros deixassem de se concentrarem

em Battle Creek para se espalharem em outros lugares onde pudessem testemunhar da fé adventista. Mas seus apelos não eram ouvidos.

- c) Este aglomeramento em Battle Creek transformou-se num terreno fértil para as idéias panteísticas do Dr. Kellogg. “Por vários anos Kellogg estivera fazendo algumas declarações um tanto estranhas sobre a natureza de Deus. ‘Deus está em mim’, havia dito recentemente numa reunião da Conferência Geral, ‘e tudo que faço é o poder de Deus; cada ato isolado é um ato criativo de Deus’. (GC Bulletin, 2d Quarter, 1901, p. 497). Era uma idéia fascinante que parecia trazer a Divindade muito perto, e rapidamente captou o interesse de alguns bem conhecidos intelectuais da denominação. Havia um encanto peculiar na sugestão de Kellogg de que o ar que respiramos é o agente através do qual Deus envia Seu Espírito Santo fisicamente em nossas vidas, que a luz do sol é Seu ‘Shekinah’ visível. E mesmo as mentes bem treinadas respondiam ao novo concerto contagiando-se com entusiasmo evangelístico de Kellogg”. (Lewis R. Walton, Ômega, p. 15)
- d) Num diálogo com o pastor William A. Spicer, Kellogg estendendo o braço em direção ao gramado, declarou que Deus estava na grama, nas árvores, nas plantas, em tudo ao redor deles, acrescentando que “o céu está onde Deus está, e Deus está em todo lugar”. (Idem, p. 16)
- e) Kellogg não aceitava a idéia da incorporação denominacional do Sanatório de Battle Creek, dentro do processo de reorganização, iniciado por ocasião da assembléia da Associação Geral de 1901. Frequentemente ele afirmava que esta instituição pertencia ao público.
- f) Igualmente suas críticas em relação com o ministério adventista intensificavam-se cada vez mais. Certa ocasião ele escreveu: “Parece incompreensível que homens deveriam tornar-se tão exaltados em sua própria estima ao ponto de formarem o conceito de que um pregador é tão superior a um médico ou um médico tão inferior a um pregador, que o médico, ou mesmo uma companhia de médicos cristãos, não

fosse capaz de dirigir sua própria obra, na qual eles foram treinados por anos; enquanto o pregador, que não teve qualquer experiência nesta obra, torna-se, por virtude de sua credencial ministerial, competente para dirigir a medicina e a enfermagem.” (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 283)

- g) O número de adeptos do Dr. Kellogg aumentava mais e mais. “A Sra. White enviava carta após carta de advertência, conselho e precaução ao Dr. Kellogg. Ela o conhecia profundamente desde a sua infância; e com o seu esposo havia auxiliado financeiramente sua educação médica. Ninguém havia dado mais vigoroso apoio aos princípios de saúde promovidos por Kellogg do que Ellen White.” (*Idem*, p. 285)
- h) Porém, seus ternos conselhos e enfáticas advertências, não foram ouvidas, e Kellogg prosseguiu com suas audaciosas pretensões. Na verdade, a IASD estava passando por uma de suas maiores crises!...

3. Labaredas de fogo sobre Battle Creek

- a) Foi durante as frias horas da madrugada da terça-feira, dia 18 de fevereiro de 1902, que o grande Sanatório de Battle Creek foi completamente destruído por um inesperado incêndio de origem desconhecida.
- b) “Os 400 pacientes então internados foram providencialmente resgatados. Não houve desgraças pessoais a serem lamentadas, exceto um paciente que imprudentemente decidiu regressar ao edifício em chamas a fim de recuperar alguns valores que representavam economias acumuladas durante vários anos. Este procedimento temerário lhe custou a vida.” (Enoch de Oliveira, Op. Cit., p. 111)
- c) “O Dr. Kellogg, retornando da Costa do Pacífico, soube da tragédia por repórter na estação ferroviária de Chicago. Ele imediatamente entrou em ação. Após tomar o trem para Battle Creek, Kellogg fez seu secretário procurar uma mesa,

e gastou o resto da viagem traçando planos para um novo edifício.” (Lewis R. Walton, Op. Cit., p. 12)

- d) “‘Hoje recebemos as tristes novas do incêndio do Sanatório de Battle Creek’, escreveu Ellen White dois dias mais tarde, porém não expressando surpresa. Por muitas semanas ela havia se preocupado com os eventos em Battle Creek, suas noites se haviam tornado ‘muito agitadas’ por um pressentimento de um problema que se aproximava, e agora lhe faltavam palavras. ‘Eu deveria nesta ocasião falar palavras de sabedoria, mas que posso dizer? Estamos aflitos com aqueles cujos interesses da vida estão ligados a esta instituição. ...Podemos de fato chorar com aqueles que choram’. (Special Testimonies, série B, nº.6, p. 5). Entretanto, ela possuía algumas recomendações para oferecer que a colocavam em reta da colisão direta com o Dr. Kellogg: sob nenhuma circunstância reconstruir em Battle Creek. Em vez disso, construir várias instituições menores. ‘Uma solene responsabilidade repousa sobre aqueles que se têm encarregado do Sanatório de Battle Creek. Edificarão eles em Battle Creek uma instituição gigantesca, ou executarão o propósito de Deus fazendo estabelecimentos em muitos lugares?’ – Idem, p. 9” (Idem, p. 12 e 13)
- e) Apesar das fortes advertências de Ellen White, planos foram traçados em março de 1902 para a reconstrução do sanatório em Battle Creek. Porém os planos do Dr. Kellogg não se limitavam a apenas uma pequena instituição de saúde, e sim a um hospital maior e mais suntuoso do que o anterior.
- f) Para que o sanatório pudesse ser reconstruído, foram feitos planos pela comissão da Associação Geral para que o Dr. Kellogg escrevesse um novo livro sobre saúde. Deste livro seriam feitas 500 mil cópias que seriam vendidas através de uma mobilização da totalidade dos membros da igreja.
- g) Quando ainda estava nos primórdios da produção do seu livro intitulado “The Living Temple”, o pastor A. G. Daniells advertiu ao Dr. Kellogg que cuidasse para evitar qualquer coisa que pudesse suscitar mal-entendidos ou críticas. Foi escolhido então o professor William W. Prescott (1855-1944)

para ler criticamente o manuscrito, e, ao fazê-lo, ficou muito preocupado com certas frases que o Dr. Kellogg havia usado, bem como com a sua tendência de citar textos bíblicos fora do seu contexto. O Dr. Kellogg mostrou-se disposto a modificar a linguagem do livro. Foi então escolhido uma pequena comissão, composta por Prescott, Kellogg, A. T. Jones e o Dr. David Paulson, para examinar o manuscrito. Uma semana depois, todos, com exceção de Prescott, declararam não terem encontrado qualquer aspecto censurável no livro. Diante da situação, o pastor Daniells e a maior parte da comissão da Associação Geral colocaram-se ao lado do pastor Prescott, considerando melhor suspenderem o projeto da venda das 500 mil cópias do livro de Kellogg. (R. W. Schwarz, Op. Cit., p. 288-291)

- h) Não se dando por vencido, Kellogg imediatamente ordenou uma publicação inicial de 5 mil cópias do seu livro; e, como a situação espiritual prevalecente na Review and Herald Publishing Association não era das melhores, a ordem de Kellogg foi aceita e os preparativos estavam sendo feitos para a publicação do livro panteísta “The Living Temple.”
- i) Mas a triste situação prevalecente na editora foi detida quando, na noite de 30 de dezembro de 1902, suas instalações, juntamente com as matrizes do livro “The Living Temple”, foram completamente destruídas por outro incêndio de origem desconhecida.
- j) Comentando a respeito dos incêndios que destruíram as duas mais importantes instituições da IASD, o comandante do corpo de bombeiros de Battle Creek declarou: “Há alguma coisa estranha com os incêndios dos ASD, em que a água despejada age como gasolina.” (Lewis R. Walton, Op. Cit., p. 24)
- k) “Por semanas uma sinistra lembrança pairou sobre Battle Creek, tornando impossível esquecer o que tinha acontecido. Durante o incêndio uma pilha de carvão havia pegado fogo. Ela permaneceu queimando até fevereiro, produzindo uma coluna de fumaça que, silenciosamente, fazia lembrar a advertência de Ellen White: ‘A menos que haja uma reforma,

calamidade surpreenderá a casa publicadora, e o mundo conhecerá a razão.’ (Testimonies, vol 8, p. 96).” (Ibidem)

- l) “‘Por muitos anos tenho carregado um pesado fardo por nossas instituições’, a Sra. White escreveu após ter recebido o triste telegrama. ‘Algumas vezes tenho pensando que não deveria mais assistir a grandes assembléias de nosso povo, pois minhas mensagens parecem deixar pouca impressão nas mentes de nossos irmãos dirigentes após as reuniões terem terminado.’ Contou ela muito pesarosamente como deixava tais reuniões ‘opressa como um carro carregando de molhos.’ (Special Testimonies, série B, nº. 6, p. 56).” (Ibidem)
- m) Ellen White escrevera: “Nas visões da noite vi um anjo permanecendo com uma espada de fogo estendida sobre Battle Creek.” (Testimonies, vol. 8, p. 97)

4. Acontecimentos que se sucederam

- a) “Os artigos que foram elaborados em 1897, por ocasião do vencimento dos artigos originais do instituto Ocidental de Reforma Pró-Saúde, continham uma provisão (embora útil na época para salvaguardar o controle denominacional da propriedade em caso de alguns membros da associação deixarem a igreja) de que qualquer de seus membros que abandonasse os princípios da associação da associação poderia ser afastada por ocasião de uma reunião anual, através do voto de dois terços dos membros presentes. Agora esta provisão era usada para afastar da associação os leais membros da ASD e líderes que se opunham aos planos e ao projeto do Dr. Kellogg.” (SDA Encyclopedia, p. 138) Com a transferência da sede da Associação Geral de Battle Creek para Washington, D.C., em 1903, muitos dos membros da associação do sanatório não mais podiam assistir às reuniões, e o grupo liderado pelo Dr. Kellogg, com o seu corum reduzido aos seus simpatizantes, conseguiu, em 1908, assumir o controle absoluto da instituição afastando-a completamente da organização. (Ibidem)

- b) Assim as pretensões do Dr. Kellogg apesar de todas as advertências o levaram ao controle absoluto do Sanatório de Battle Creek, da Companhia de Alimentos de Battle Creek e da instituição de saúde do México. (Idem, p. 723). Sua grande pretensão de controlar a Associação Geral não se concretizou; porém, a perniciosa influência de seus ensinamentos panteístas, transmitidos pessoalmente ou através do seu livro “The Living Temple”, muito prejudicaram a igreja.
- c) Após grandes controvérsias com o pastor A. G. Daniells, presidente da Associação Geral, e com Ellen G. White, a mensageira do Senhor, o Dr. Kellogg foi finalmente excluído da IASD em 1907.
- d) Várias décadas se passaram, e “no dia 1º. de outubro de 1974 – pela primeira vez em seus 108 anos de serviço – os membros constituintes do Hospital Sanatório de Battle Creek votaram submeter-se a posse da Igreja ASD. Desta forma, esta instituição, que foi a precursora da obra médica dos ASD, tornou-se a 394ª. instituição médica da igreja.” (SDA Encyclopedia, p. 140)
- e) Apesar da forte crise panteística e organizacional que abalou a IASD no início deste século, ter passado, e de mais recentemente, a IASD ter recuperado essa importante instituição de saúde; a história de Battle Creek permanece como uma advertência à igreja do que representa a rejeição das orientações divinas através de Ellen G. White!...

5. O “Alfa” e o “Ômega” da Apostasia

- a) Descrevendo a crise pela qual a IASD passou, declarou Ellen G. White: “Pouco tempo depois de enviar os testemunhos acerca dos esforços do inimigo para solapar os alicerces de nossa fé mediante a disseminação de teorias sedutoras, lera eu um incidente acerca de um navio envolto em cerração, tendo à frente um iceberg. Por várias noites pouco dormi. Tinha a impressão de estar arcando sob um fardo, como um carro carregado de molhos. Uma noite foi-me apresentada claramente uma cena onde sobre as águas achava-se um navio, envolto em densa cerração. Súbito o vigia bradou:

‘Iceberg à frente!’ Ali, elevando-se muito mais alto que o navio, estava um gigantesco iceberg. Uma voz autorizada exclamou: ‘Enfrentai-o!’ Não houve um momento de hesitação, urgia ação rápida. O maquinista pôs todo o vapor, e o timoneiro o dirigiu o navio diretamente para cima do iceberg. Com um estrondo o navio deu contra o gelo. Houve tremendo choque e o iceberg se desfez em muitos pedaços, despencando sobre o convés, com um ruído de trovão. Os passageiros foram sacudidos violentamente pela força da colisão. ...Bem sabia eu o significado dessa representação. Eu tinha minhas ordens. Ouvira as palavras, como uma voz que viera de nosso Comandante: ‘Enfrentai-o!’ ...Nos próximos dias, trabalhei diuturnamente, preparando para nosso povo as instruções que me foram dadas acerca dos erros que se insinuavam em nosso meio.” (Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 205 e 206)

- b) “Estou instruída a falar claramente. ‘Enfrentai-o’ é a palavra que me é dirigida. ‘Enfrentai-o firmemente, e sem tardança.’ Mas não deve ser enfrentado retirando nossas forças operantes do campo a fim de investigar doutrinas e pontos de divergência. Não temos tal investigação a fazer. No livro ‘Living Temple’ acha-se apresentado o alfa de heresias letais. Seguir-se-á o ômega, e será recebido por aqueles que não estiverem dispostos a tender à advertência dada por Deus.” (Idem, vol.1, p. 200)
- c) “Não vos enganeis; muitos se afastarão da fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios. Temos agora perante nós o alfa desse perigo. O ômega será de natureza mais assustadora.” (Idem, vol.1, p. 197)
- d) “De uma coisa podemos estar quase certos: o ômega atará doutrinas básicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quase todas as grandes apostasias têm incluído uniformemente três áreas de ataque: o santuário, o juízo investigativo e o Espírito de Profecia – sempre em nome de grande bem para a igreja, disfarçadas em termos como reforma.” - Mas não nos devemos esquecer que “a reforma que a Bíblia requer é uma reforma de vida, não de doutrina estabelecida. ...” (Lewis R. Walton, Op. Cit., p. 49)

- e) Assim, “ao vir a sacudidura, pela introdução de falsas teorias, esses leitores superficiais não ancorados em parte alguma, são como a areia movediça.” (Testemunhos Para Ministros, p. 112)
- f) “Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, ferir as batalhas do Senhor quando são poucos os campeões – essa será nossa prova.” (Testemunhos Seletos, vol.2 , p. 31)
- g) Que Deus nos abençoe a permanecermos firmes e leais em defesa da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3), e que constituem as doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia!...
- h) OBS. : Este tópico deve ser aprofundado através da leitura do livro “Ômega”, de autoria Lewis R. Walton, e publicado pelo I.A.E.